Poul Anderson

TAU ZERO

TAU ZERO

Poul Anderson

Título original: *Tau Zero*
Tradução: Mário Molina

Capítulo 1

OLHE... ALI... subindo pela Mão de Deus. Não é?

— Sim, acho que sim. Nossa nave.

Foram os últimos a ir embora quando Millesgarden fechou. Perambularam a maior parte daquela tarde entre as esculturas, ele espantado e fascinado pela experiência do primeiro contato com elas, ela dando um adeus sem palavras ao que ocupara em sua vida uma parte maior do que até então imaginara. Tinham sorte com o tempo, o verão se aproximava do fim. Esse dia na Terra fora luminoso, brisas que faziam as sombras da folhagem dançarem nos muros da vila, um límpido som de fontes.

Mas quando o sol caiu, o jardim pareceu tornar-se abruptamente ainda mais vivo. Era como se os delfins estivessem dando cambalhotas por entre suas águas, Pégaso esbravejando para o céu, Folke Filbyter xeretando atrás do neto extraviado enquanto seu cavalo tropeçava no vau, Orfeu ouvindo, as jovens irmãs abraçando-se em sua ressurreição — tudo sem ruído, porque foi percebido num instante singular, embora o tempo em que aquelas formas realmente se moveram não tenha sido menos real que o tempo que transportava homens.

— Como se eles estivessem vivos, prontos a partir com destino às estrelas e nós devêssemos ficar e envelhecer — murmurou Ingrid Lindgren.

Charles Reymont não a ouviu. Achava-se no lajedo, sob uma bétula, cujas folhas farfalhavam e muito timidamente haviam começado a mudar de cor. Reymont olhava para a *Leonora Christine*. No alto de seu pilar, a Mão de Deus sustentava o Gênio do Homem, erguido em silhueta contra uma penumbra azul-esverdeada. Atrás, a minúscula e rápida estrela atravessou de um lado para outro e mergulhou outra vez.

— Tem certeza que não era um satélite comum? — Lindgren perguntou por entre o silêncio. — Nunca esperei que fôssemos ver...

Reymont ergueu-lhe uma sobrancelha.

— Você é a primeira oficial e não sabe onde está nem o que está fazendo sua própria nave?

O sueco Reymont tinha um sotaque picado, como a maioria das línguas faladas por ele. Isso acentuava o sarcasmo.

— Não sou o oficial de navegação — ela respondeu, defensiva. — Além disso, eu me esforço ao máximo para tirar tudo da cabeça. Você devia fazer o mesmo. Passaremos um bom número de anos nisso.

Ela se inclinou um pouco para Reymont. O tom de sua voz abrandou:

— Por favor. Não estrague esta noite. Reymont encolheu os ombros.

— Desculpe. Não fiz por querer.

Um funcionário se aproximou, parou e falou respeitosamente:

— Sinto muito, mas temos de fechar os portões agora.

— Oh! — Lindgren se sobressaltou, olhou o relógio, inspecionou os patamares. Absolutamente nada havia neles, exceto a vida que Carl Milles talhara em pedra e metal três séculos atrás. — Mas é claro, é claro, já passou bastante da hora de fechar. Eu não tinha percebido.

O funcionário curvou a cabeça.

— Como minha senhora e meu senhor obviamente queriam, deixei-os sozinhos depois que os outros visitantes saíram.

— Você nos conhece, então — disse Lindgren.

— Quem não os conhece?

O olhar do funcionário a admirou. Era alta e bem proporcionada, com feições harmoniosas, olhos azuis muito abertos, cabelos louros cortados logo abaixo das orelhas. Seus trajes civis pareciam mais elegantes do que era habitual numa mulher do espaço; as cores suaves e esplêndidas, os tecidos graciosos do neomedieval lhe caiam bem.

Reymont contrastava. Era um homem atarracado, carrancudo, de expressão dura, que nunca se preocupara em ver removida a cicatriz que lhe marcava a testa. Sua túnica e calças justas convencionais poderiam muito bem passar por um uniforme.

— Obrigado por não nos ter incomodado — disse ele, mais lacônico que cordial.

— Tive certeza que os senhores não queriam ser assediados por serem celebridades — o funcionário respondeu. — Sem dúvida, muitas outras pessoas também os reconheceram, mas sentiram o mesmo.

— Você descobrirá que nós, suecos, somos um povo amável — Lindgren sorriu para Reymont.

— Não questiono isso — disse seu companheiro. — Ninguém pode deixar de se tornar amável quando está por toda parte no Sistema Solar. — Ele hesitou. — E sem dúvida, quem quer que governe o mundo prefere ser polido. Os romanos eram em sua época. Pilatos, por exemplo.

O funcionário foi surpreendido pela afronta implícita. Lindgren falou um tanto asperamente.

— Eu disse ä*lskvärdig,* não *artig* ("amável", não "polido").

Ela ofereceu a mão.

— Obrigada, senhor.

— O prazer foi meu, Miss Primeira Oficial Lindgren — respondeu o funcionário. — Que sua viagem seja bem-sucedida e que a senhora volte em segurança para casa.

— Se a viagem for realmente bem-sucedida — lembrou — jamais voltaremos para casa. Se voltarmos... — ela se interrompeu. Ele já estaria na sepultura. — Mais uma vez obrigada — disse ao homenzinho de meia-idade. — Até logo — disse aos jardins.

Reymont também trocou um aperto de mão e murmurou alguma coisa. Lindgren e ele partiram.

Muros altos obscureciam a calçada quase deserta mais adiante. Os passos soavam abafados. Pouco depois, a mulher observou:

— Eu me pergunto se o que vimos era mesmo a nossa nave. Estamos numa alta latitude. E nem mesmo uma espaçonave Bussard é suficientemente grande e brilhante para reluzir por entre o clarão do pôr-do-sol.

— Ela o é quando as redes do campo côncavo estão estendidas — disse-lhe Reymont. — E ontem se movia numa órbita oblíqua, como parte dos testes finais. Eles a trarão de volta ao plano eclíptico antes de partirmos.

— Sim, é claro, vi o programa. Mas não teria por que me lembrar exatamente quem está fazendo o quê com ela num determinado momento. Especialmente porque ainda demoraremos mais dois meses para partir. Será que você já está acompanhando agora todo o curso da nave?

— Sim, porque eu sou pura e simplesmente o policial.

A boca de Reymont curvou-se num sorriso forçado.

— E digamos que estou treinando para me preocupar em excesso.

Ela o olhou de esguelha. O olhar tornou-se um exame minucioso. Haviam saído numa avenida a beira-mar. Pelo caminho as luzes de Estocolmo foram se acendendo uma a uma, enquanto a noite emergia por entre casas e árvores.

O canal permanecia quase como um espelho e até então, além de Júpiter, havia poucos pontos luminosos no céu. Ainda era possível enxergar com facilidade.

Reymont agachou-se e puxou o barco que haviam alugado. Âncoras cativas prendiam os cabos ao concreto. Ele obtivera uma licença especial para atracar praticamente em qualquer lugar. Uma expedição interestelar era um acontecimento e tanto. Ele e Lindgren tinham passado a manhã numa viagem de recreio em volta do arquipélago... algumas horas entre o verde, casas como partes das ilhas em que se fixavam, velas, gaivotas e reflexos do sol entre as ondas. Existiria pouca coisa daquele tipo em Beta Virginis e nada daquilo nas distâncias a percorrer.

— Estou começando a perceber o quanto você é misterioso para mim, Carl — disse ela pausadamente. — Será assim para todo mundo?

— Eu? Minha biografia é conhecida.

O barco colidia contra a esplanada. Reymont saltou para a cabina. Mantendo o cabo esticado com uma das mãos, deu a outra a Ingrid. Para descer, ela não precisava inclinar-se muito sobre Reymont, mas foi o que fez. O braço dele quase não tremeu sob seu peso.

Ela sentou-se num banco junto da roda do leme; ele torceu o topo em parafuso da âncora que agarrava. Forças de aderência intermolecular soltaram-se com um débil ruído de estalos, que respondiam ao "plash-plash" da água no casco. Os movimentos de Reymont não podiam ser chamados de graciosos, como os de Ingrid, mas eram rápidos e precisos.

— Sim, creio que todos memorizamos os relatórios oficiais uns dos outros — disse ela balançando a cabeça. — De você, vi o mínimo absolutamente necessário que se poderia conseguir como narração.

(Charles Jan Reymont. Status de cidadania: inter-planetariano. Trinta e quatro anos de idade. Nascido na Antártica, mas não numa de suas melhores colônias. Os sublevados de Polyugorsk ofereciam apenas pobreza e turbulência a um menino cujo pai morrera cedo. O jovem em que se transformou chegou a Marte por algum meio não especificado, ocupando-se de uma variedade de trabalhos, até surgirem problemas. Lutou então com os zebras, e com tamanha distinção que, posteriormente, o Corpo de Resgate Lunar ofereceu-lhe uma colocação. Aí ele completou sua educação acadêmica e subiu rapidamente na hierarquia. Como coronel, desempenhou importante papel no aperfeiçoamento da divisão policial. Quando requereu sua participação nesta expedição, o Departamento de Controle teve muita satisfação em aceitá-lo.)

— Absolutamente nada propriamente de você — Lindgren observou. — Será que se deixou revelar no teste psicológico?

Reymont tinha ido à frente e soltado o cabo da proa. Esticou caprichosamente ambas as âncoras, pegou o leme e acionou o motor. O propulsor magnético era silencioso e a hélice também fazia pouco barulho, mas o barco começou rapidamente a deslizar. Ele conservava os olhos firmes à frente.

— Qual a razão do seu interesse? — perguntou.

— Estaremos juntos por vários anos. Muito possivelmente pelo resto de nossas vidas.

— Isso me dá o direito de perguntar por que você passou o dia de hoje comigo.

— Você me convidou.

— Depois que recebi o seu telefonema no hotel. Deve ter verificado o registro da tripulação para descobrir onde eu estava.

Millesgarden desapareceu na obscuridade, que se adensou repentinamente à popa. As

luzes ao longo do canal e as luzes da cidade ao longe não mostraram se Lindgren corou. Seu rosto, porém, voltou-se para Reymont.

— É verdade — admitiu. — Eu... pensava que estivesse se sentindo sozinho. Você não tem ninguém, não é?

— Não deixo nenhum parente. Estou apenas excursionando pelas coisas boas da Terra. Aliás, não haverá nenhuma delas para onde estamos prestes a partir.

O olhar de Lindgren ergueu-se de novo, desta vez para Júpiter, um firme ponto de luz branco-amarelada. Outras estrelas iam despontando. Ela tremeu contra o ar do outono e apertou a capa em volta do corpo.

— Não — disse num tom abafado. — Tudo será estranho. E quando mal começamos a mapear, a compreender esse mundo aí na frente — nosso vizinho, nossa irmã — vamos cruzar trinta e dois anos-luz...

— As pessoas são assim.

— Por que você está indo, Carl?

Os ombros de Carl subiram e desceram.

— Inquietação, eu creio. E francamente, fiz inimigos no Corpo. Esfole-se com eles pelo caminho errado ou deixe-os para trás por promoção. Cheguei a um ponto onde não podia avançar mais sem fazer o jogo da politicagem dos cargos. E isso eu deixei de fazer.

Seu olhar encontrou o de Lindgren. Ambos hesitaram por um instante.

— E você? Ela suspirou.

— Provavelmente, mero romantismo. Desde criança, eu pensava em ir para as estrelas, assim como um príncipe, num conto de fadas, precisa ir para a Terra dos Duendes. Por fim, insistindo com meus pais, consegui que deixassem eu me matricular na Academia.

O sorriso dele foi mais cálido que de hábito.

— E teve uma recalcitrante folha corrida no serviço interplanetário... Não hesitaram em fazê-la primeira oficial da primeira nave extra-solar.

Lindgren juntou as mãos no peito.

— Não. Por favor. Não sou ruim em meu serviço. Para uma mulher é fácil erguer-se rápida no espaço. É uma necessidade sua. E meu trabalho na *Leonora Christine* será essencialmente de administração, Terei mais a ver com... bem, relações humanas... que com astronáutica.

Reymont voltou suas vistas para a frente. O barco ia contornando a costa, avançando para *Saltsjön*. O tráfego marítimo aumentava. Aerobarcos passavam zumbindo. Um submarino cargueiro seguia seu imponente caminho para o Báltico. No alto, aerotáxis esvoaçavam como

vaga-lumes. Estocolmo Central era um brilho inquieto, multicolorido, com mil ruídos convertidos num murmurar de algum modo harmonioso.

— Isso me traz de volta à minha pergunta — regozijou-se Reymont. — Que, aliás, não passa de uma réplica às suas perguntas. Foi você quem esteve me inquirindo. Não pense que não estou gostando de sua companhia. Estou gostando e muito. Se jantar comigo, vou considerar o dia de hoje um dos melhores de minha vida. Mas a maioria dos que fazem parte do nosso grupo se dispersaram como gotas de mercúrio no minuto exato em que o período de treinamento terminou. Estão deliberadamente evitando seus companheiros de bordo. Melhor passar o tempo com quem nunca mais vamos ver. Você, por exemplo... Você tem raízes. Uma família antiga, ilustre, próspera, e acrescento: uma família afetuosa; pai e mãe vivos, irmãos, irmãs, primos, certamente ansiosos em fazer o máximo por você nas poucas semanas que restam. Por que não ficou hoje com eles?

Lindgren continuou calada.

— Sua reserva sueca — disse Reymont pouco depois. — Apropriada aos governantes da humanidade. Eu não devia ter sido intrometido. Mas dê-me o mesmo direito de privacidade, está bem?

E daí a pouco: — Gostaria de me acompanhar no jantar? Descobri um pequeno restaurante de serviço *à la carte,* realmente decente.

— Sim — ela respondeu. — Obrigada, eu gostaria.

Lindgren se ergueu e pôs-se ao lado dele, colocando-lhe a mão no braço. Os músculos fortes se agitaram sob seus dedos.

— Não nos chame de governantes — implorou. — Não somos. Esta é toda a idéia que estava por trás do Pacto.

Após a guerra nuclear, que tanto se aproximou da morte do mundo, alguma coisa tinha de ser feita.

— Oh... oh — ele resmungou. — Li por acaso um livro de história. Desarmamento geral; uma força policial mundial para mantê-lo; *sed quis custodiet ipsos Custodes?* A quem podemos confiar um monopólio das bombas mortais do planeta e dos poderes ilimitados de inspeção e captura? Ora!, a um pais suficientemente grande e moderno para viver em paz conservando uma indústria importante, mas não suficientemente grande para conquistar ninguém mais ou impor sua vontade sobre alguém mais sem o suporte da maioria das nações; além disso, um país razoavelmente bem visto por todos. Em suma, a Suécia.

— Então você compreende — disse ela contente.

— Compreendo. Incluindo as conseqüências. O poder se nutre de si mesmo, não por conspiração, mas por necessidade lógica. O dinheiro que o mundo paga para subscrever o custo do Departamento de Controle transita por aqui; por essa razão, vocês se tornam o mais rico país

da Terra, com tudo que isso implica. E o centro diplomático, é escusado dizer... E como cada reator, espaçonave, laboratório é potencialmente perigoso e deve ficar sob a autoridade do Departamento, isso significa que um sueco tem sempre voz ativa em tudo que é importante. E isto faz com que vocês sejam imitados, mesmo por aqueles que não gostam mais de vocês. Ingrid, minha amiga, seu povo não pode deixar de se converter em novos romanos. O contentamento de Ingrid esmoreceu.

— *Você* não gosta de nós, Carl?

— Pensando bem, tanto quanto qualquer um. Até agora vocês têm sido senhores humanos. Demasiado humanos, eu diria. No meu caso mesmo, eu devia estar agradecido. Vocês me permitiram ser essencialmente uma pessoa sem nacionalidade, o que acho preferível. Não, vocês não agiram mal.

Ele acenou para as torres estendidas, com resplendor de catarata, à direita e à esquerda.

— De qualquer modo, isso não vai durar.

— O que você quer dizer?

— Não sei. Só tenho certeza que nada dura para sempre. Por mais cuidadosamente que você projete um sistema, ele vai decair e morrer.

Reymont parou para escolher as palavras.

— No caso de vocês — disse — eu acredito que o fim venha da própria estabilidade de que se orgulham. Mudou alguma coisa importante, pelo menos na Terra, desde o passado século vinte? É de desejar um tal estado de coisas? — Suponho — ele acrescentou — que esta é a razão para instalar colônias na galáxia. Contra Ragnarok.

Lindgren cerrou os punhos. Seu rosto voltou-se de novo para o céu. A noite estava agora em sua plenitude, mas poucas estrelas podiam ser vistas através do véu de luz sobre a cidade. Em outros lugares — na Lapônia, por exemplo, onde seus pais tinham uma casa de veraneio — elas brilhariam implacavelmente nítidas e em grande quantidade.

— Estou sendo uma péssima companhia — desculpou-se Reymont.

— Vamos deixar de lado essas teorias profundas de colegial e discutir assuntos mais interessantes. Como um aperitivo.

Ela riu sem vontade.

Reymont conseguiu manter uma conversa inconseqüente enquanto avançou para *Strömmen*, atracou o barco e atravessou a ponte com ela, a pé, em direção a *Old Town*. Depois do palácio real, caminharam sob uma iluminação mais fraca por ruas estreitas entre prédios altos, de um matiz dourado, prédios que se conservavam mais ou menos idênticos há muitas centenas de anos. A temporada turística havia passado. Dos inúmeros estrangeiros na cidade, poucos tinham razão para visitar este enclave, exceto num passeio a pé ou de motociclo.

Reymont e Lindgren estavam praticamente sozinhos.

— Vou ter saudades daqui — disse ela.

— É pitoresco — ele admitiu.

— Mais do que isso, Carl. Não é apenas um museu ao ar livre. Vivem seres humanos reais aqui. E os que viveram antes deles não são menos reais. Na... oh... Torre de *Birger Jarl*, na igreja de *Riddarholm*, nos brasões da Casa dos Nobres, no *Golden Peace*, onde Bellman bebia e cantava... Haverá solidão no espaço, Carl, tão longe de nossos mortos.

— Mesmo assim você está de partida.

— Sim. Mas não é fácil. Minha mãe, que me pôs no mundo, meu pai que me pegou pela mão e me levou a passear ensinando-me as constelações. Sabia ele o que estava fazendo comigo naquela noite?

Ela tomou fôlego.

— Foi em parte por isso que entrei em contato com você. Eu tinha de escapar do que estou fazendo a eles. Nem que fosse só por um dia.

— Você precisa de um drinque — disse Reymont — e aqui estamos nós.

O restaurante ficava defronte ao *Great Marketplace*. Entre as altas fachadas ao redor era possível imaginar quantos cavaleiros tinham se agitado ruidosa e alegremente pelas pedras do calçamento. Ninguém se lembraria como as sarjetas correram com sangue e cabeças foram empilhadas durante uma certa semana de inverno, pois isso era um passado muito distante e raramente os homens repisam as feridas que atingiram outros homens. Reymont conduziu Lindgren para uma mesa num compartimento reservado e iluminado à luz de velas. Pediu aguardente com tira-gostos. Ela o acompanhou copo a copo embora tivesse menos tamanho e menos hábito. A refeição que veio a seguir foi demorada, mesmo pelos padrões escandinavos, com considerável vinho durante e considerável conhaque depois. Ele deixou-a falar a maior parte do tempo:

— de uma casa perto de *Drottningholm*, cujo parque e jardins eram quase sua alma; luz do sol através das janelas, brilhando em lustrosos assoalhos de madeira e numa prataria que passara pelas mãos de dez gerações; uma chalupa no lago, adernada para o vento, o pai na barra do leme com um cachimbo entre os dentes, o cabelo dela esvoaçando, noites enormes no tempo do inverno e aquela gruta aconchegante chamada Natal; o breve clarão das noites de verão, os balões iluminados na véspera de São João (que uma vez foram acesos para saudar a volta de Baldr dos infernos; um passeio na chuva com um primeiro namorado, o ar fresco, envolto em água e fragrância de lilás; viagens em volta da terra, as Pirâmides, o Partenon, Paris ao pôr-do-sol do alto de Montparnasse, o Taj Mahal, o Vale de Angkor, o Kremlin, a ponte de Golden Gate, sim, e o Fujiyama, o Grande Canyon, Victoria Falls, a Grande Barreira de Recifes...

— do amor e alegria em casa, mas disciplina também, ordem, sobriedade na presença de

estranhos; música ao redor, Mozart o mais querido; uma ótima escola, onde professores e alunos fizeram-lhe explodir na cabeça um universo completamente novo; a Academia, tarefa mais dura do que ela se julgava capaz, e como ficou feliz ao descobrir que a cumprira; cruzeiros pelo espaço, aos planetas, oh, estivera sobre as neves de Titã com Saturno no alto, atônita pela beleza; sempre, sempre o retorno aos seus...

— num mundo bom, seu povo, suas realizações, suas alegrias, tudo muito bom; sim, havia problemas a resolver, desumanidades gritantes, mas que podiam ser resolvidos a tempo pela razão e boa vontade; seria uma felicidade acreditar em algum tipo de religião, desde que isso servisse para aperfeiçoar o mundo fornecendo-lhe motivações básicas, mas na ausência de prova convincente ela ainda podia fazer o possível para ajudar a humanidade a caminhar para alguma coisa mais elevada...

— Mas não, ela não era puritana, ele não devia pensar assim; na realidade, muitas vezes se perguntava se não seria demasiado hedonista, um pouco mais liberada do que seria bom; contudo, gozava a vida sem prejudicar ninguém, tinha certeza disso; esperava muita coisa da vida.

Reymont derramou-lhe na xícara o último café. O garçom tinha finalmente trazido a conta, embora não parecesse mais apressado em pegar o dinheiro e dar o troco do que a maioria de seus colegas em Estocolmo.

— Espero que apesar dos inconvenientes — disse Reymont — você consiga gostar de nossa viagem.

A voz de Lindgren ficara ligeiramente arrastada. Os olhos, contemplando-o, permaneciam brilhantes e firmes.

— Espero gostar — disse ela. — Foi principalmente por essa razão que lhe telefonei. Lembre-se, durante o treinamento insisti para que viéssemos aqui no período de licença.

A conversa entre os dois adquirira um tom mais íntimo.

Reymont puxou um charuto. Seria proibido fumar no espaço, para evitar sobrecarga nos sistemas de sustentação da vida, mas naquela noite ainda podia pôr uma nuvem azul à sua frente.

Ela se curvou, pousando a mão sobre a mão de Reymont.

— Estive tentando ver à frente — disse Lindgren. — Vinte e cinco homens e vinte e cinco mulheres. Cinco anos numa concha de metal. Outros cinco anos se voltarmos imediatamente. Mesmo com tratamentos antienvelhecimento, uma década é uma fatia grande para se retirar de uma vida.

Ele concordou.

— E naturalmente levaremos tempo em explorações — Lindgren continuou. — E se esse terceiro planeta for habitável ficaremos para colonizá-lo — para sempre — e começaremos a ter filhos. Seja lá como for, não deixará de haver ligações amorosas. Vamos nos dispor em

pares.

Reymont falou baixo para que não parecesse demasiadamente rude:

— Você acha que eu e você podemos formar um casal?

— Sim. — O tom de Lindgren tornou-se mais decidido. — Pode parecer falta de modéstia, mas queiramos ou não sou uma astronauta. E ficarei mais atarefada que a maior parte da tripulação, em especial durante as inúmeras primeiras semanas de viagem. Não terei tempo para sutilezas e rituais. Isso poderia acabar me levando a uma situação que não quero enfrentar. A menos que eu veja as coisas à frente e me prepare. Como estou fazendo.

Reymont levou a mão de Ingrid aos lábios.

— Sinto-me profundamente honrado, Ingrid, Mas talvez sejamos excessivamente diferentes.

— Não, desconfio que é justamente isso que me atrai. A palma da mão de Ingrid curvou-se em torno da boca de Reymont e deslizou para as faces,

— Quero conhecê-lo. Você é mais homem do que todos que encontrei antes.

Reymont contou o dinheiro para pagar a despesa. Foi a primeira vez que o vira mover-se sem firmeza absoluta. Ele pousou e amassou o charuto.

— Estou hospedado num hotel em Tyska Brinken — disse ele. — É um tanto velho.

— Eu não me importo — ela respondeu. — Aposto que nem vou reparar.

Capítulo 2

VISTO de uma das esteiras que transportava sua tripulação, a *Leonora Christine* parecia um punhal apontado para as estrelas.

O casco era coniforme, afilando-se na direção do arco. Sua lustrosa superfície parecia antes ornamentada que seccionada pelos encaixes externos. Eram portas e escotilhas, sensores para as duas cápsulas que fariam o reconhecimento dos planetas — tarefa para a qual a espaçonave em si não estava projetada — e a placa do propulsor Bussard, agora recolhida. A base do conóide era bem ampla, pois entre outras coisas continha a massa de reação. O comprimento, porém, era tão grande que mal se repararia nisso.

No topo da lâmina do punhal, abria-se em leque uma estrutura que talvez se pudesse conceber com a guarda de um copo de espada. Sua borda sustentava oito esqueletos cilíndricos apontados à ré. Eram os tubos de empuxo, que aceleravam a massa de reação para trás quando a nave se movia a velocidades meramente interplanetárias. O "copo" encerrava os controles e a usina de força.

À frente, de aspecto mais escuro, estendia-se o cabo do punhal, terminando finalmente num intricado punho. Por último, havia o motor Bussard; o resto ficaria protegido de sua radiação quando ele fosse ativado.

Era assim *Leonora Christine,* a sétima e a mais nova de seu tipo. A simplicidade externa era exigida pela natureza de sua missão, mas era tão ilusória quanto a pele de um homem; do lado de dentro, a nave era quase tão complexa e delicada quanto o organismo humano. O tempo transcorrido desde que a idéia básica da espaçonave foi concebida pela primeira vez, em meados do século XX, incluíra, talvez, os anos de pensamento e trabalho de um milhão de homens diretamente empenhados em tornar o projeto realidade; e alguns desses homens possuíam intelectos extremamente privilegiados. Embora a experiência prática e as ferramentas essenciais já tivessem sido conquistadas quando a construção foi iniciada, e a civilização tecnológica houvesse alcançado um fantástico florescimento (e afinal, por algum tempo, não estivesse sobrecarregada pela guerra ou pela ameaça de guerra), apesar de tudo, o custo do projeto não era de modo algum desprezível e chegara a provocar muitos protestos. Tudo isto para mandar cinqüenta pessoas a uma estrela praticamente vizinha?

Exato. Levando em conta o tamanho do universo.

O universo agigantava-se atrás da nave, à sua volta, quando ela circundava a Terra. Afastando os olhos do sol e do planeta, via-se uma escuridão cristalina, maior do que se ousaria compreender. Não parecia totalmente negra; pelo menos dentro dos olhos de quem a contemplava haveria reflexos luminosos, mas era noite definitiva, que nosso benigno céu afasta de nós. As estrelas se apinhavam sem piscar, um brilho gélido. As que eram suficientemente

brilhantes para serem vistas da superfície mostravam claramente suas cores no espaço: Vega azul-metálica, Capela dourada, âmbar em *Betelgeuse*. E se tornavam visíveis tantos membros menores da galáxia, que as constelações familiares desapareceriam ante olhos não treinados. Era uma noite ardente de sóis.

E a Via Láctea cingia o céu de gelo e prata. As Nuvens de Magalhães não eram uma luminosidade borrada, mas um brilho vivo, incandescente. A galáxia de Andrômeda reluzia fortemente a mais de um milhão de anos-luz. A alma mergulharia nessas profundezas se não desviássemos rapidamente o olhar para a aconchegada cabina que nos sustentava.

Ingrid Lindgren entrou na ponte de comando, pegou uma alça e equilibrou-se no ar.

— Apresentando-se ao trabalho, Senhor Comandante — anunciou formalmente.

Lars Telander girou para cumprimentá-la. Em queda livre, sua figura magra e desajeitada era fascinante de se ver. Parecia um peixe na água ou um falcão em vôo. Fora isso, podia ser um homem qualquer de cinqüenta e tantos anos e cabelos grisalhos. Ninguém se preocupara em colocar insígnias de graduação nos macacões que eram o traje padrão de trabalho a bordo.

— Bom-dia — disse ele. — Espero que tenha gostado de nossa partida.

— Sem dúvida gostei. — O vermelho subiu-lhe às faces. — E o senhor?

— Oh... tudo correu bem. Eu costumava fazer turismo pelos quatro cantos da Terra, mas fiquei surpreso de ver tanta coisa nova.

Lindgren olhou-o com certa compaixão. Ele flutuava solitário em seu assento de comando, um dos três agrupados em torno de uma mesa de controle e comunicações no meio da sala circular. Os medidores, vídeos de leitura de dados, indicadores e outros aparelhos que enchiam os painéis, sempre piscando, oscilando e produzindo rabiscos, só acentuavam seu isolamento. Até a chegada de Lindgren, ele ouvia apenas o murmurar dos exaustores ou o raro estalido de um relé.

— O senhor não deixou ninguém na Terra? — ela perguntou.

— Ninguém íntimo.

As feições repuxadas de Telander dobraram-se num sorriso.

— Não esqueça, no que tange ao Sistema Solar já tenho quase um século. Quando visitei pela última vez minha aldeia natal em *Dalarna*, o neto de meu irmão era o orgulhoso pai de dois adolescentes. Não seria de esperar que me considerassem um parente próximo.

(Ele nasceu três anos antes da partida da primeira expedição tripulada para Alfa Centauro. Entrou na pré-escola dois anos antes das primeiras mensagens alcançarem a estação no lado oculto da Lua. Isso determinou a trajetória de sua vida: uma criança introvertida, sonhadora. Aos vinte e cinco anos, graduado na Academia com um notável desempenho nas naves interplanetárias, foi admitido na primeira tripulação para Epsilon Eridani. A expedição

voltou vinte e nove anos depois, mas devido à dilatação do tempo os tripulantes vivenciaram apenas onze, incluindo os seis anos de visita aos planetas do sistema. As descobertas que fizeram os cobriram de glória. A nave Tau Ceti foi considerada um tesouro valioso quando voltaram. Telander podia ser primeiro oficial se estivesse disposto a embarcar de novo em menos de um ano. E estava disposto. Haviam transcorrido treze anos de sua vida durante a última expedição. Voltara no lugar do antigo comandante, que morrera num mundo de peculiar barbárie. O intervalo na Terra fora de trinta e um anos. *Leonora Christine* estava sendo montada em órbita. Quem melhor do que ele para manejá-la? Ele hesitou. A nave ia começar a viagem em apenas três anos. Se aceitasse, passaria a maior parte daqueles mil dias planejando e preparando... Mas, provavelmente, não aceitar estaria fora de cogitação; além disso, andava como um estranho numa terra que se tornara estranha para ele.)

— Vamos ter trabalho — disse ele. — Presumo que Boris Fedoroff e seus engenheiros estão vindo atrás de você...

Ela fez que sim.

— O senhor o ouvirá no interfone, assim que ele esteja pronto, foi o que me informou,

— Hum... Ele podia ter feito a gentileza de me avisar de sua chegada.

— Está mal-humorado, esquivo desde a partida. Não sei por que, mas acho que não importa,

— Vamos viver um bom tempo juntos neste casco, Ingrid — observou Telander. — Nosso comportamento sem dúvida importará.

— Oh, Bons vai se adaptar bem. Acho que está de ressaca ou que levou um fora de alguma garota na noite passada. Algo desse tipo. Durante o treinamento, ele me pareceu uma pessoa um tanto sensível.

— Isso é o que indica o perfil psicológico. Contudo, existem coisas... potencialidades... em cada um de nós que nenhum teste revela. É preciso ver além... — Telander gesticulou para a tampa do periscópio ótico como se indicasse as remotas lonjuras que o aparelho alcançava — ... antes que essas tendências se desenvolvam... para o bem ou para o mal. E elas se desenvolvem. Elas sempre se desenvolvem... Bem — continuou, limpando a garganta — o pessoal da área cientifica também está cumprindo o programa?

— Sim. Chegarão em dois grupos, o primeiro às 13h40min, o segundo às 15 horas.

Telander observou que estava de acordo com o programa afixado na escrivaninha conjugada à mesa de controle. Lindgren acrescentou:

— Acho que não precisamos de um intervalo tão grande.

— Margem de segurança — Telander respondeu distraído. — Além disso, treinados ou não, precisaremos de tempo para levar tantos marinheiros de terra firme aos seus beliches. Eles não sabem se mexer adequadamente sob ausência de peso.

— Carl pode lidar com eles — disse Lindgren. — Se houver necessidade, pode transportar um a um, tão rápido que o senhor só acreditaria vendo.

— Reymont? Nosso policial? — Telander observou-lhe as pestanas tremerem. — Sei que é muito hábil em queda livre e virá no primeiro grupo, mas é assim tão bom?

— Visitamos *L'Etoile de Plaisir*.

— O quê?

— Um satélite de recreação.

— Hum, sei, aquele... E se divertiram com alguns jogos sem palavras?

Lindgren aprovou com a cabeça, sem olhar para o comandante. Ele sorriu outra vez.

— Entre outras coisas, sem dúvida.

— Ele vai ficar comigo.

— Hum... hum... — Telander coçou o queixo. — Para ser franco, eu preferia que ele ficasse na cabina que lhe fora destinada... para o caso de surgirem problemas entre... hum... os passageiros. A função dele é estar sempre alerta.

— Posso ficar nessa cabina com ele — Lindgren adiantou.

Telander sacudiu a cabeça.

— Não. Oficiais devem residir na ala dos oficiais. Teoricamente, o motivo é mantê-los próximos ao nível da ponte de comando, mas não é bem isso. Nos próximos cinco anos, Ingrid, você descobrirá como os símbolos são importantes. — Ele encolheu os ombros. — Bem, as outras cabinas ficam apenas um andar à retaguarda das nossas. Eu ousaria dizer que pode alcançá-las bem depressa se houver necessidade. Deixar que seu companheiro de viagem permaneça em sua cabina não significa uma troca de alojamento. Faça então como achar melhor.

— Obrigada — ela disse em voz baixa.

— Não posso deixar de estar um tanto surpreso — Telander confessou. — Ele não me pareceu o tipo de homem que você escolheria. Acha que o relacionamento vai ser duradouro?

— Espero que sim. Ele diz que quer a mesma coisa. Lindgren saiu de seu embaraço com um ataque irritante.

— E o senhor? Ainda não tem qualquer idéia de compromisso?

— Não. No tempo devido, sem dúvida, no tempo devido. Estarei muito ocupado no começo. Em minha idade essas coisas não são assim tão urgentes. — Telander riu, depois ficou sério. — E por falar em tempo, não podemos de modo algum desperdiçá-lo. Por favor, leve adiante suas inspeções e...

A balsa fez o acoplamento e atracou. Âncoras cativas estenderam-se para fixar seu casco atarracado contra a curva maior da *Leonora Christine*. Os robôs — unidades motoras com sensores computadorizados — dirigiam as manobras finais fazendo as câmaras de compressão entrarem em contato numa união perfeita. Depois, o trabalho com as câmaras continuava. Ambas as comportas eram completamente esvaziadas, as válvulas externas retrocediam, permitindo que um tubo plástico estabelecesse uma ligação hermeticamente fechada. As câmaras eram repressurizadas e fazia-se a checagem de um possível vazamento. Estando tudo em ordem, as válvulas internas eram abertas.

Reymont tirou seus cintos. Flutuando livre do assento, deu uma olhada no compartimento dos passageiros. O químico americano Norbert Williams também se soltara.

— Agarre-se — Reymont comandou em inglês. Embora todos soubessem sueco, alguns não o falavam bem. Para os cientistas, o inglês e o russo continuavam sendo as principais línguas internacionais. — Mantenham-se em seus lugares. Eu lhes disse no porto, vou acompanhar cada um dos senhores às suas cabinas.

— Não precisa se preocupar comigo — Williams respondeu. — Posso me locomover sem peso com facilidade.

Williams era baixo, de rosto redondo, cabelo ruivo, dado às roupas coloridas e a falar um pouco alto.

— Todos os senhores tiveram algum treinamento — disse Reymont. — Mas isso é diferente de obter os reflexos corretos pela verdadeira experiência.

— Nós andamos um pouco desajeitadamente a princípio. E daí?

— E daí um acidente se torna possível. Não provável, eu concordo, mas possível. Meu dever é ajudar a prevenir essas possibilidades. Devo conduzi-los aos seus beliches, onde permanecerão até receberem nova orientação.

Williams ficou vermelho.

— Olhe aqui, Reymont...

Os olhos do policial, olhos castanhos, caíram em cheio sobre ele.

— Isto é uma ordem direta — disse Reymont, frisando palavra por palavra. — Tenho essa autoridade. Não vamos começar a viagem com uma transgressão.

Williams começou a prender novamente os cintos. Seus movimentos eram desnecessariamente enérgicos, os lábios se apertavam com força. Algumas gotas de suor caíram-lhe da testa e saltitaram sobre o corredor, a luz fluorescente no alto fê-las cintilar.

Reymont falou com o piloto pelo intercomunicador. O homem não subiria a bordo, mas faria a nave partir assim que sua carga humana fosse descarregada.

— Você se importa se abrirmos as janelas? Vamos deixar nossos amigos ver alguma coisa

enquanto esperam.

— Vá em frente — disse a voz. — Nenhum impedimento. E... eles não verão a Terra de novo por algum tempo, não é?

Reymont anunciou a permissão. Mãos ávidas giraram manivelas no lado da nave voltado para o espaço aberto. As chapas que cobriam as escotilhas de vidro deslizaram. Reymont ficou atarefado pastoreando o rebanho.

A quarta da fila era Chi-Yuen Ai-Ling. Ela se contorcera nos cintos de segurança para ficar inteiramente voltada para a câmara de saída. Seus dedos pressionavam a parede do compartimento.

— A senhora agora, por favor — disse Reymont. Ela não respondeu.

— Miss Chi-Yuen. — Reymont bateu-lhe no ombro, — É sua vez.

— Oh!

Chi-Yuen parecia ter sido despertada de um sonho. Tinha lágrimas nos olhos. — Eu, eu peço que me perdoe. Estava perdida...

A nave acoplada estava entrando em outra aurora. A Luz se erguia sobre o imenso horizonte da Terra, rompendo em mil cores, do escarlate com matizes de verde a um azul muito vivo. Durante um momento pôde ser vista uma parte da radiância zodiacal, como um halo sobre o nascente disco de fogo. Mais além, estavam as estrelas e uma lua crescente. Embaixo, achava-se o planeta, com seus oceanos brilhando, as nuvens onde se juntavam chuva e trovão, os continentes verdes-marrons cheios de neve, e cidades como caixas de jóias. Era possível ver, sentir que aquele mundo vivia.

Chi-Yuen atrapalhava-se nas fivelas. Suas mãos pareciam pequenas demais para lidar com elas.

— Detesto ter de parar de olhar — sussurrou em francês. — Descanse bem aí, Jacques.

— Estará livre para observar pelas janelas da nave, assim que comecemos a aceleração — disse-lhe Reymont no mesmo idioma.

O fato dele ter falado trouxe-a de volta, sobressaltada, à realidade ordinária.

— Mas então já estaremos nos afastando da Terra — respondeu com um sorriso.

Seu tom fora evidentemente mais extático que elegíaco.

Chi-Yuen era pequena, de constituição frágil. Parecia um rapaz na túnica de gola alta e calças largas da mais nova moda oriental. Os homens tendiam a concordar, porém, que possuía o rosto mais encantador a bordo, rodeado por cabelos negro-azulados que caíam até os ombros. Quando falava sueco, o traço de entonação chinesa que dava à sua natural cadência tornava-o uma canção.

Reymont ajudou-a a livrar-se dos cintos e pôs um braço em volta de sua cintura. Não tentou arrastar os pés em seus sapatos de sola de pressão: empurrou um pé contra a cadeira e cruzou o corredor. Na comporta de saída, agarrou uma alça, descreveu um arco e conseguiu impelir-se de novo até o interior da nave-mãe. Em geral, aqueles que acompanhava relaxavam. Era mais fácil transportá-los passivos que lutar com seus inábeis esforços para ajudar. Mas Chi-Yuen foi diferente. Ela sabia exatamente o que fazer. Seus movimentos transformavam-se numa dança rápida, viva, Afinal, como planetologista, já tivera muitas experiências com queda livre.

A continuação do vôo dos tripulantes até os alojamentos não foi menos divertida.

A escada que saía da câmara de compressão atravessava camadas concêntricas de compartimentos de estocagem: proteção extra, blindagem para o cilindro no eixo da nave que alojaria o pessoal. Para transportar cargas pesadas à proa ou à popa podia-se operar elevadores hidráulicos, mas provavelmente os degraus em espiral através de galerias paralelas aos poços dos elevadores seriam de maior utilidade. Reymont e Chi-Yuen pegaram uma dessas escadas, que os levaria do centro de massa destinado à maquinaria elétrica e giroscópica à parte da nave ocupada pela tripulação. Sem peso, deslizaram ao longo do corrimão sem jamais tocar um degrau. À velocidade que adquiriram, forças centrífugas e forças de Coriolis deixavam-nos um pouco tontos, como numa suave bebedeira que provocasse o riso.

— E aqui vamos nós... chegando... opa...!

As cabinas para os que não eram oficiais ocupavam dois corredores ao lado de uma fileira de banheiros. Cada compartimento tinha duas portas, dois armários, duas cômodas embutidas com prateleiras em cima e duas camas de dobrar. As camas podiam juntar-se deslizando em trilhos ou ficar separadas, Neste caso, era possível baixar do teto um tapume divisor, transformando assim o quarto duplo em dois quartos de solteiro.

— Minha viagem até aqui já merece ser descrita em meu diário, policial. — Chi-Yuen agarrou um suporte e encostou a testa no metal frio. A hilaridade ainda tremia em sua boca.

— Com quem vai dividir a cabina? — perguntou Reymont.

— Até o momento, com Jane Sadler.

Chi-Yuen abriu os olhos e deixou-os cintilar para Reymont,

— A não ser que tenha idéia melhor.

— Eh? Hum... Estou com Ingrid Lindgren.

— Já? — ela exclamou perdendo o bom humor. — Desculpe. Não devia me intrometer.

— Não, sou eu quem lhe devo desculpas — disse Reymont, — Deixá-la esperando, sem nada para fazer, como se não soubesse se locomover em queda livre.

— Você não pode abrir exceções.

Chi-Yuen estava totalmente séria outra vez. Esticou sua cama, flutuou sobre ela e

começou a pousar.

— Quero descansar um pouco e pensar.

— Sobre a Terra?

— Sobre muita coisa. A maioria de nós ainda não compreendeu tudo que estamos abandonando, Charles Reymont. É uma espécie de morte... seguida pela ressurreição, talvez, mas ainda assim uma morte.

Capítulo 3

— ZERO!

O motor iônico começou a funcionar. Nenhum homem poderia sobreviver se ficasse atrás de sua grossa blindagem para contemplá-lo. Ninguém podia ouvi-lo nem sentir qualquer vibração de sua força. Era um motor demasiado eficiente para permiti-lo. Na chamada sala de máquinas, que na verdade era um centro nervoso eletrônico, os homens ouviam o fraco pulsar das bombas puxando a massa de reação dos tanques. Dificilmente, porém, reparavam nisso, pois estavam atentos aos medidores, vídeos, leitores e sinais codificados que monitoravam o sistema. A mão de Boris Fedoroff jamais se distanciava do disjuntor primário. Entre ele e o Comandante Telander na ponte de comando fluía um murmúrio de observações. Mas isso não era necessário para Leonora Christine. Naves muito menos sofisticadas podiam operar sozinhas. E na realidade ela estava fazendo o mesmo. Os robôs entre as redes eletrônicas trabalhavam com mais velocidade e precisão — até mesmo mais flexibilidade, dentro dos limites de sua programação — do que se poderia esperar de um corpo mortal, Acompanhar o trabalho, no entanto, era uma necessidade para os próprios homens.

Em outros pontos da nave, a única prova direta de movimento que tinham aqueles que descansavam nas suas cabinas era um retorno de peso. Não era muito, menos de um décimo do peso na Terra, mas dava-lhes uma sensação de deslocamento "para cima" ou "para baixo" à qual seus corpos tinham de agradecer. Eles se libertaram das camas. Reymont anunciou no intercomunicador do saguão:

— Fala o agente policial para o pessoal sob sua supervisão. Podem mover-se *ad-libitum*, isto é, para a frente de sua seção. Gostaria de lembrar-lhes — continuou sarcasticamente — que uma cerimônia oficial de adeus, concluída com a bênção, será transmitida ao meio-dia, hora de Greenwich. Os que quiserem poderão assisti-la no vídeo do ginásio.

A massa de reação entrava na câmara de ignição. Geradores termonucleares transmitiam energia aos terríveis arcos elétricos que desnudavam aqueles átomos em íons, em campos magnéticos que separavam partículas positivas e negativas, nas forças que as concentravam em raios, nas pulsações que os precipitavam em velocidades sempre mais altas quando eles se lançavam pelos aros dos tubos de empuxo, até emergirem pouco menos velozes que a própria luz. Sua explosão era invisível. Nenhuma energia era desperdiçada em chamas. Em vez disso, tudo que as leis da física permitiam era empregado em acionar Leonora Christine.

Uma nave do seu tamanho não podia ser acelerada como uma corveta de patrulha marítima. Isso exigiria mais combustível do que ela poderia levar, pois *Leonora Christine* precisava ainda transportar meia centena de pessoas e tudo que lhes fosse necessário por dez ou quinze anos, incluindo os aparelhos para satisfazer a curiosidade científica depois da chegada ao destino e (se os dados transmitidos pela sonda com instrumentos que a precedera realmente

indicassem que o terceiro planeta de Beta Virginis era habitável) os suprimentos e máquinas por meio dos quais o homem pudesse começar a tomar posse de um novo mundo. A espaçonave descrevia lentamente uma espiral para fora da órbita da Terra. Os que nela viajavam tinham a grande oportunidade de se colocarem junto às escotilhas e contemplarem a terra natal minguando entre as estrelas.

Não há espaço para desperdiçar no espaço. Cada centímetro cúbico dentro do casco da nave deve ser aproveitado. Contudo, pessoas suficientemente inteligentes e sensíveis para se aventurarem naquela viagem teriam enlouquecido num ambiente "funcional". Até então, os anteparos eram pura e simplesmente metal e plástico. Mas os artisticamente dotados tinham planos. Reymont observou Emma Glassgold, bióloga molecular, num corredor, esboçando um mural que mostrava uma floresta em volta de um lago ensolarado. E desde o início, os chamados convés residencial e convés recreativo foram cobertos com um material verde e fofo como grama. O ar que saía dos ventiladores era mais que purificado pelas plantas do setor hidropônico e os colóides do compensador de Darrell. Ele efetuava mudanças de temperatura, ionização, odorização. A nave cheirava como trevo fresco... acrescido de uma apetitosa aragem quando se passava à cozinha, pois o cardápio compensava muitas privações.

Eram comuns as coelheiras ocupando todo um convés. O ginásio, que também servia de auditório e salão de reuniões, era a maior unidade da espaçonave. Mas também o refeitório permitia que os tripulantes esticassem as pernas e relaxassem. Nas proximidades havia boxes com passatempos, um salão para jogos sedentários, piscina, pequenos jardins c caramanchões. Alguns dos projetistas da nave haviam assumido posição contrária à instalação de boxes de sonho naquele pavimento. Devia a porta do boxe de sonho lembrar a quem fosse se divertir que ele precisava ter substitutos imaginários das realidades que havia deixado para trás? Mas o processo, afinal, era também uma forma de recreação.

Boxes de sonho instalados na enfermaria podiam ser desagradáveis, mas foi a única alternativa.

Não havia necessidade imediata de todo esse aparato. A viagem mal havia começado. Uma alegria ligeiramente histérica enchia a atmosfera: homens em algazarra, mulheres tagarelando às refeições. Os freqüentes bailes eram ocasiões de intensos flertes. Passando pelo ginásio, que continuava aberto, Reymont deu uma olhada numa partida de vôlei. Sob baixa gravidade, quando se pode virtualmente pular um muro num único salto, o jogo se torna espetacular.

Continuando o passeio, Reymont foi para a piscina. Situada num recanto longe do corredor principal, a piscina comportava muita gente sem ficar amontoada. Mas àquela hora, 21h, ninguém a utilizava. Jane Sadler estava de pé à beira d'água. Franzia a testa pensativamente. Era canadense, uma biotécnica do departamento de ciclos orgânicos. Fisicamente, era uma grande morena, comum de rosto mas bem avantajada no resto, que se destacava do short e da camiseta de algodão.

— Problemas? — Reymont perguntou.

— Oh, alô, policial — ela respondeu em inglês. — Nada errado, exceto que não consigo imaginar como decorar isso aqui. Devo levar sugestões à minha comissão.

— Não querem um efeito de banho romano?

— Ah... Isso precisa de muito espaço. Ninfas, sátiros, alamedas de tulipas, templos e assim por diante. Ao diabo com tanta coisa — ela riu. — Vou sugerir o Novo Estilo. Ao menos se o trabalho for malfeito, podemos sempre refazê-lo, até sentirmos falta de tinta. É bom termos sempre alguma coisa a mais para fazer.

— Quem consegue se manter cinco anos... e mais cinco se tivermos de retornar... com passatempos? — Reymont perguntou pausadamente.

Sadler riu de novo.

— Ninguém. Mas não se atormente. Todos a bordo têm um completo programa de trabalho esquematizado, seja pesquisa teórica, seja escrever o romance da Grande Era Espacial ou mesmo trocar aulas de grego por cálculo tensor.

— Sei disso. Vi as propostas. Mas serão adequadas?

— Policial, relaxe! De forma mais ou menos saudável, as outras expedições fizeram isso. Por que não nós? Dê o seu mergulho — continuou num sorriso largo. — Já que está aqui, mergulhe de cabeça.

Reymont imitou um sorriso, tirou as roupas e pendurou-as num cabide. Ela assobiou.

— Ei! — exclamou. — Só tinha visto você no mínimo com um macacão. É uma boa coleção de bíceps, tríceps e coisas que você amontoou. Calistenia?

— Em meu trabalho, é melhor conservar uma boa forma — ele respondeu sem jeito.

— Num intervalo em que não tenha nada a fazer — ela sugeriu — venha à minha cabina e me exercite.

— Eu gostaria — disse ele, olhando-a de cima a baixo — mas no momento Ingrid e eu...

— Ei, certo! De qualquer modo, estava apenas brincando. Acho que eu mesma já estou estabelecendo uma relação duradoura.

— Verdade? Posso saber quem é?

— Elof Nilsson. Ela levantou a mão.

— Não, não diga nada! Ele não é exatamente Adônis. Seus modos nem sempre são os mais gentis. Mas tem uma cabeça maravilhosa, acho que a melhor da nave. Você nunca sentiria tédio perto dele.

Sadler tirou os olhos de Reymont.

— Também é muito amoroso.

Reymont ficou em silêncio por um momento.

— E você muito boa, Jane — disse ele. — Ingrid vai se encontrar comigo aqui. Por que não se reúne a nós?

Ela ergueu a cabeça.

— Por Deus, você esconde um ser humano debaixo da máscara de policial? Não se preocupe, não vou revelar seu segredo. E também não vou atrapalhar. A privacidade é coisa difícil de conseguir. Vocês dois devem usá-la enquanto ainda a possuem.

Sadler acenou e foi embora. Reymont a espreitou enquanto ela se afastava e voltou a cair na água. Estava nadando quando Lindgren chegou.

— Desculpe, estou atrasada — disse ela. — Irradiação da Lua. Outra pesquisa idiota sobre como as coisas estão correndo conosco. Ficarei realmente feliz quando estivermos no Grande Vácuo.

Lindgren o beijou. Ele mal reagiu. Ela recuou, um tanto transtornada.

— Algum problema, querido?

— Você acha que sou intolerante? — Reymont falou abruptamente.

Ela não respondeu de imediato. A luz fluorescente brilhava em seu cabelo castanho-amarelado, uma brisa do ventilador despenteou-o um pouco, o barulho do jogo de vôlei assomou pelo arco de entrada.

— O que fez você me perguntar isso? — ela afinal replicou.

— Um comentário. De brincadeira, mas assim mesmo me chocou.

Lindgren franziu a testa.

— Já lhe disse antes. Você teve o pulso um pouco mais forte do que eu gostaria nas poucas vezes que precisou fazer alguém obedecer-lhe. Ninguém a bordo é um louco, um mau elemento, um sabotador.

— Será que não devia ter mandado Norbert Williams se calar, outro dia, quando começou a condenar a Suécia no refeitório? Coisas desse tipo podem ter resultados um tanto desagradáveis.

Reymont bateu um punho fechado na palma da mão.

— Eu sei — continuou. — Não é necessária uma disciplina de tipo militar, não é conveniente... ainda. Mas já vi muita morte, Ingrid. E se enfrentarmos uma situação onde só possamos sobreviver como um único homem e obedecendo a um comando?

— Bem, quem sabe em Beta Três — Lindgren admitiu. — Embora o robô não tenha

enviado qualquer dado sugerindo a existência de vida inteligente. Acho que podemos encontrar no máximo selvagens com lanças... que possivelmente não nos serão hostis.

— Pensei em perigos como tempestades, desmoronamentos, enfermidades. Deus sabe o quê num mundo que não é a Terra. Ou um desastre antes de chegarmos lá. Não acredito que o homem moderno conheça tudo sobre o universo.

— Esta rota tem sido coberta com muita freqüência.

— Sim. É velha como o vôo espacial; mais velha que ele. Isso não a torna menos real.

Reymont procurava as palavras;

— O que estou tentando fazer é... Não tenho certeza. Esta situação é diferente de todas que enfrentei. Estou tentando... de alguma forma... manter viva alguma idéia de autoridade. Além da mera obediência aos regulamentos e aos oficiais. Autoridade que tenha o direito de comandar qualquer coisa, até mesmo mandar um homem para a morte, se isto foi necessário para salvar outros...

Ele ficou sem graça com a perplexidade de Lindgren.

— Não — suspirou — você não entende. Não pode entender. Seu mundo foi sempre bom.

Ela falou suavemente.

— Talvez você consiga me explicar usando outras palavras... E talvez eu possa esclarecer algumas coisas. Não será fácil. Você nunca tira sua armadura, Carl, Mas vamos tentar, não é?

Lindgren sorriu e bateu-lhe na coxa rígida.

— Por ora, bobo, devemos descansar do serviço. Que tal nadar?

Ela se livrou das roupas e aproximou-se dele. Ele a contemplava. Lindgren gostava de praticar esportes fatigantes e depois se esticar sob uma lâmpada solar. Mostrava plenamente os seios e os quadris, a cintura fina, os braços e pernas compridos e ágeis, um bronzeado contra a brancura loura ainda nítida.

— *Bozhe moi,* você é linda! — Reymont exclamou num tom sufocado na garganta.

Ela deu uma pirueta.

— A seu serviço, gentil senhor... Mas só se me pegar! Deu quatro pulos na baixa gravidade até a ponta do trampolim e mergulhou com elegância. A descida foi lenta como um sonho, uma espécie de balé aéreo. O baque formou prolongados desenhos de renda quando atingiu a água.

Reymont mergulhou diretamente da borda da piscina. Nadar era quase a mesma coisa naquela aceleração. A força dos músculos, o fluir frio e sedoso da água seriam os mesmos nos confins da galáxia ou além. Ingrid Lindgren dissera uma vez que essas constatações faziam-na

duvidar de haver um dia realmente sentido saudades. O lar do homem era todo o cosmos.

Ela brincava, afundava, esquivava-se de Reymont, escapando várias vezes de seus braços, O riso dos dois ecoava entre as paredes. Quando por fim ele a imprensou num canto, ela abraçou-lhe o pescoço, encostou os lábios em seu ouvido e sussurrou:

— Bem, você me pegou.

— M-m-m-hm.

Reymont beijou-lhe a cavidade entre o ombro e a garganta. Por entre a umidade, ele farejava o corpo palpitante.

— Vamos pegar nossas roupas e ir embora. Conduziu facilmente os seis quilos de Lindgren num dos braços. Na escada da piscina, sozinho com ela, acariciou-a com uma das mãos. Ela deu-lhe pontapés nos calcanhares e riu baixinho.

— Sensualista!

— Logo voltaremos a uma inteira gravidade — ele lembrou e começou a saltar para o pavimento dos oficiais numa velocidade que teria quebrado pescoços na Terra.

Mais tarde... Lindgren se apoiava num cotovelo e encarava Reymont. Deixara as luzes na penumbra. Sombras moviam-se atrás dela, em volta dela, dando-lhe uma aparência ora dourada, ora cinza. Acariciou com o dedo o perfil de Reymont.

— Você é um amante maravilhoso, Carl — murmurou. — Jamais tive alguém assim.

— Também estou apaixonado por você — disse ele. Um traço de queixa marcou as sobrancelhas e a voz de Lindgren.

— Mas só em momentos como este você realmente se entrega. E ainda assim, provavelmente, não de todo...

— O que há para entregar? — Reymont replicou num tom irritado. — Já lhe falei das coisas que me aconteceram no passado.

— Episódios. Histórias encerradas. Nenhuma relação com... Lá na piscina, pela primeira vez, você me ofereceu um vislumbre do que realmente é. Um relâmpago mínimo, e mesmo assim você o escondeu de imediato. Por quê? Eu não usaria o meu discernimento para magoá-lo, Carl.

Ele se sentou, carrancudo.

— Não sei o que está querendo dizer. As pessoas passam a se conhecer vivendo juntas. E você já sabe, eu admiro artistas clássicos como Rembrandt e Bonestell, e não me interesso por abstrações ou cromodinâmica. Não tenho um ouvido muito musical. Possuo um senso de humor de caserna. Minhas opiniões políticas são conservadoras. Prefiro lingüiças a filé mignon, mas também desejo um fornecimento contínuo dos depósitos da cultura. Faço um jogo perverso de pôquer, ou o faria se houvesse pôquer em algum ponto desta nave. Gosto de trabalhar com as

mãos e trabalho bem, por isso vou ajudar a construir as instalações do laboratório, assim que o projeto estiver concluído. Estou sempre tentando ler *Guerra e Paz,* mas fico caindo de sono. Que mais você precisa saber? — ele perguntou batendo no colchão.

— Tudo — Lindgren respondeu com voz triste. Ela fez um gesto de desânimo em redor da cabina. O armário tinha ficado aberto, revelando a vaidade inocente de seus melhores trajes. As prateleiras estavam cheias de seus tesouros particulares, até o limite máximo que podiam comportar: um velho exemplar surrado de Bellman, um alaúde, uma dúzia de quadros esperando a vez de serem pendurados, retratos menores da família, uma boneca chamada Hopi Kachina...

— Você não trouxe nada pessoal? — perguntou.

— Tenho viajado de mãos vazias pela vida.

— Por uma estrada difícil, eu acho. Talvez um dia tenha coragem de confiar em mim.

Lindgren chegou para perto dele.

— Não importa agora, Carl. Não quero atormentá-lo. Quero senti-lo novamente dentro de mim. Você está vendo, isto deixou de ser um caso de amizade e conveniência. Eu fiquei caída por você.

Quando a velocidade apropriada foi atingida, *Leonora Christine* libertou-se do domínio da Terra e alinhou-se para aquele signo do zodíaco governado por Virgem. Com os motores resfriados, a nave transformou-se em um cometa. Só a gravitação atuava sobre ela, curvando sua trajetória, diminuindo sua velocidade.

Isso fora levado em conta. Mas o efeito devia ser mínimo. As incertezas da navegação interestelar já eram muito grandes sem que um fator extra se adicionasse. Por isso a tripulação — os astronautas profissionais, ao contrário do pessoal técnico e científico — trabalhava sob um regime de períodos máximos.

Boris Fedoroff conduzia um grupo no exterior da nave. O trabalho era delicado. Necessita-se de muita habilidade para cumprir uma tarefa sob ausência de peso e não ficar exausto tentando manejar o corpo e as ferramentas. Mesmo os melhores homens podiam deixar as solas especiais de seus sapatos se desprenderem da couraça da nave. Eles flutuariam, praguejando, sentindo náuseas devido às forças de rotação. Finalmente, chegariam à extremidade do cordão de segurança e se arrastariam de volta. A luz era pouca: um clarão no sol sem a ajuda da atmosfera para se difundir, o negro absoluto na sombra, exceto nos pontos onde as lâmpadas dos capacetes lançavam uma radiância concentrada. A audição não era melhor. As palavras tinham dificuldade em atravessar os ruídos ásperos de respiração e o latejar do sangue, quando estes sons estavam confinados num traje especial. Também era difícil cruzar o fervilhar cósmico nos *plugs* de rádio. Devido à falta de uma purificação de ar comparável à da nave, as perdas gasosas eram imperfeitamente removidas. Acumulavam-se horas a fio, até que o homem era envolvido numa névoa de cheiro de suor, vapor dágua, dióxido

de carbono, sulfeto de hidrogênio, acetona... e as roupas de baixo ficavam ensopadas na pele. Pelo visor do capacete, o homem olharia extenuado para as estrelas, com uma venda de dor de cabeça diante dos olhos.

O módulo Bussard, o punho e pomo do punhal, estava destacado. Manobrá-lo longe da nave era um trabalho duro, perigoso. Sem fricção ou peso, ele conservava cada grama de sua considerável massa de inércia. Era tão difícil pará-lo quanto colocá-lo em movimento.

Finalmente, o módulo arrastava-se à popa num cabo. O próprio Fedoroff verificou a posição.

— Está pronto — resmungou. — Espero que sim.

Seus homens prenderam os cordões de segurança. Ele fez o mesmo, falou com Telander na ponte e desligou. O cabo foi rebobinado para bordo, levando os engenheiros consigo.

Precisavam andar depressa. Embora o módulo seguisse o casco mais ou menos na mesma órbita, influências diferenciais estavam atuando. Elas logo causariam uma indesejável mudança de direção em sucessivos alinhamentos. Todos precisavam voltar à nave antes do estágio seguinte do processo. As forças que estavam prestes a ser acionadas não seriam generosas com organismos vivos.

Leonora Christine estendeu suas redes de campo côncavo. Elas brilharam à luz do sol, prata por entre a escuridão estrelada. De longe, a nave podia parecer uma aranha, um daqueles pequenos aracnídeos intrépidos que voam em pipas feitas de seda suave. Afinal, a nave não era uma coisa grande nem importante no universo.

Contudo, era suficientemente espantosa na escala humana. A usina de força em seu interior transmitia energia para os geradores do campo côncavo. De seu controle do trabalho das redes brotava um campo de forças magneto-hidrodinâmicas — invisível, mas estendendo-se por milhares de quilômetros; uma reação dinâmica, não uma configuração estática, mas mantida e ajustada com quase absoluta precisão; extremamente forte, porém, mais ainda, extremamente complexa.

As forças capturaram a unidade Bussard a reboque, levaram-na para uma posição milimetricamente exata com relação ao casco e aí a fixaram. Os monitores verificaram que tudo estava em ordem. O Comandante Telander fez uma checagem final com a Patrulha na Lua, recebeu orientação para ir em frente e emitiu uma ordem de comando. Daí em diante, os robôs assumiram o controle da nave.

A baixa aceleração no empuxo iônico originara uma velocidade modesta, mensurável em

dezenas de quilômetros por segundo. Isso era suficiente para acionar o motor de propulsão estelar. A força disponível aumentava por ordens de magnitude. A uma plena gravidade um, *Leonora Christine* começou a se mover!

Capítulo 4

NUMA DAS salas-jardins havia um vídeo sintonizado para o espaço. O negrume e a luz de diamante das estrelas eram insolitamente emoldurados por samambaias, orquídeas, brincos-de-princesa e bougainvilles fechados em arco. Uma fonte tilintava e cintilava. O ar era mais quente que na maioria dos locais a bordo, úmido, cheio de perfumes e verdor.

Nada disso eliminava por completo a subjacente vibração das energias propulsoras. Os sistemas Bussard não haviam sido desenvolvidos para reproduzir a suavidade de foguetes elétricos. A nave sussurrava e tremia. A vibração era fraca, mal podia ser percebida, mas tecia o seu caminho através do metal, dos ossos e talvez dos sonhos.

Emma Glassgold e Chi-Yuen Ai-Ling sentaram-se num banco entre as flores. Estavam passeando, sentindo formar-se um laço de amizade entre elas. Desde que entraram no jardim, porém, tinham ficado em silêncio.

Subitamente, Glassgold estremeceu e tirou os olhos do vídeo.

— Foi um erro ter vindo aqui — disse ela. — Vamos embora.

— Ora, acho este lugar encantador — a planetologista respondeu, surpreendida. — Uma escapada das paredes nuas com as quais levaremos anos para nos acostumar.

— Ninguém escapa disso — Glassgold apontou para o vídeo, que no momento estava esquadrinhando a popa e trazia uma imagem do sol, um sol minguado, que quase já não parecia ser a mais brilhante de nossas estrelas.

Chi-Yuen contemplou minuciosamente a colega. A bióloga molecular também era pequena, com cabelos negros, mas seus olhos eram grandes e azuis, o rosto redondo e rosado, o corpo antes esbelto que atarracado. Trajava-se simplesmente, estivesse ou não trabalhando. Embora não fosse hostil à vida social, parecera até então mais observadora que participante.

— Em... quanto tempo?... um par de semanas — ela continuou — atingimos os limites do Sistema Solar. A cada dia, não, a cada vinte e quatro horas ("dia" e "noite" nada mais significam), a cada vinte e quatro horas, ganhamos 845 quilômetros por segundo em velocidade.

— Uma tampinha como eu devia agradecer por voltar a ter plenamente os quilos que possuía na Terra — disse Chi-Yuen, tentando alegrar a conversa.

— Não me compreenda mal — Glassgold logo replicou. — Não vou sair por aí gritando: 'Vamos voltar! Vamos voltar!' — Ela tentou ser engraçada. — Seria desapontar demais o psicólogo que me examinou. — A graça se foi. — É só que... acho que preciso de tempo... para me acostumar, passo a passo, a isto.

Chi-Yuen aprovou com a cabeça. Em seu mais novo e colorido cheong-sam — um dos

seus passatempos era reformar as próprias roupas — quase parecia pertencer a uma espécie diferente da de Glassgold. Ela pegou a mão da outra e disse:

— Você não é a única, Emma. Isso era de esperar. As pessoas começam a perceber, não apenas com o cérebro, mas com todo o ser, o que significa estar numa viagem como essa.

— Você não parece preocupada.

— Não. Não, desde que a Terra desapareceu no clarão do sol. E, mesmo antes, minha ansiedade nada tinha de insuportável. Dói dizer adeus. Mas já tenho experiência nisso. Sempre se aprende a olhar para a frente.

— Estou envergonhada — disse Glassgold. — Mas abandonei muito mais que você... Será que tudo o que possuí me tirou a fibra?

— Deixou tanta coisa assim? — foi a pergunta abafada de Chi-Yuen.

— Ora... claro! Não deixei? Ou você não se lembra? Meus pais sempre estiveram bem de vida. Papai é engenheiro de uma usina de dessalinização. Mamãe é agrônoma. O Negev é bonito na época das colheitas, calmo, cordial, nunca febril como Tel Aviv ou Haifa... Embora eu gostasse de estudar na Universidade. Tive oportunidades de viajar, em boa companhia. Minha carreira foi bem. Sim, eu era afortunada.

— Então, por que se alistou para Beta Três?

— Interesse cientifico... uma evolução planetária inteiramente nova...

— Não, Emma.

Os cabelos negros como corvos se agitaram quando Chi-Yuen abanou a cabeça.

— As outras naves estelares — ela continuou — trouxeram dados suficientes para manter a pesquisa por cem anos, lá mesmo na Terra. De que você está fugindo?

Glassgold mordeu o lábio.

— Não devia ter me intrometido — desculpou-se Chi-Yuen. — Eu esperava poder ajudar.

— Vou lhe contar — disse Glassgold, — Tenho a impressão que poderia de fato ajudar. Você é mais jovem que eu, mas é mais experimentada.

Glassgold entrelaçou os dedos e prosseguiu:

— Eu mesma não estou bem certa. Por que as cidades começaram a se tornar banais e vazias? E quando fui visitar minha família, o campo também me pareceu sem graça, vulgar. Pensei que pudesse encontrar... um sentido?... aqui. Não sei. Candidatei-me à expedição num impulso. Quando fui chamada para me submeter seriamente aos testes, meus pais fizeram um estardalhaço, mas eu não podia voltar atrás. Sempre fomos uma família unida. Foi muito doloroso deixá-los. Meu grande e confiante pai ficou de repente pequeno, velho.

— Havia um homem, envolvido também? — Chi-Yuen perguntou. — Estou dizendo isso porque não é segredo... eu e você estamos engajadas na mesma expedição, Toda a vida dos tripulantes entrou nos relatórios; o meu caso não foi exceção.

— Um colega estudante — Glassgold confirmou com humildade. — Eu o amava. Ainda o amo. E ele mal percebeu que eu existia.

— Isso acontece — Chi-Yuen respondeu. — Ou a gente supera ou a coisa vira doença. Você tem uma boa cabeça, Emma. O que você precisa é sair da concha. Misture-se aos seus companheiros de bordo. Interesse-se por eles. Saia um pouco de sua cabina e entre na de um homem.

Glassgold corou.

— Eu não concordo com essas práticas. As sobrancelhas de Chi-Yuen se ergueram.

— Você é virgem? Não podemos nos dar a esse luxo se quisermos dar origem a uma nova raça em Beta Três. O material genético é extremamente escasso.

— Quero um casamento decente — disse Glassgold com uma ponta de raiva — e tantos filhos quantos Deus quiser. Mas eles saberão quem é o pai. Não importa que eu não participe de qualquer ridículo jogo de camas musicais durante a viagem. Temos suficientes moças a bordo que participam.

— Como eu — disse Chi-Yuen com voz tranqüila. — Sem dúvida vão se desenvolver relacionamentos estáveis. Enquanto isso não acontece, por que não dar e receber alguns momentos de prazer?

— Sinto muito — disse Glassgold. — Eu não devia censurar a vida privada de ninguém. Especialmente quando as vidas foram tão diferentes quanto a minha e a sua.

— Verdade? Eu não acho que a minha tenha sido menos afortunada que a sua. Muito pelo contrário.

— Quê?! — a boca de Glassgold se abriu de espanto. — Não pode estar falando sério!

Chi-Yuen sorriu.

— Você só conheceu, se tanto, a superfície do meu passado. Posso adivinhar o que está pensando. Meu país dividido, empobrecido, extenuado com as conseqüências de revoluções e guerras civis. Minha família culta e tradicional, mas pobre, com a extrema pobreza que só os aristocratas caídos em tempos de calamidade conhecem. Seus sacrifícios para manter-me na Sorbone, quando houve uma oportunidade. Depois que consegui meu diploma, o trabalho duro e o sacrifício que enfrentei ao voltar, ajudando-os a ficar novamente de pé.

Chi-Yuen virou o rosto para a luz declinante do sol e prosseguiu mais calmamente:

— Sobre o meu homem... Nós também estudamos juntos, em Paris. Mais tarde, precisei ficar longe dele, por causa do trabalho. Finalmente, ele foi visitar meus pais em Pequim. Íamos

nos unir logo que fosse possível. Também íamos nos casar, no cartório e na igreja. Houve um distúrbio. Ele foi morto.

— Oh, minha querida... — Glassgold começou.

— Isto é a superfície — Chi-Yuen interrompeu. — A superfície. Você não vê que eu também possuía uma família que me amava talvez mais que a sua, porque no fim eles me compreenderam tão bem que não opuseram resistência ao fato de eu abandoná-los para sempre. Vi muita coisa do mundo, mais do que pode ser visto viajando elegantemente de primeira classe. Tive o meu Jacques. E outros, antes, depois, como ele desejaria. Estou me libertando das penas e mágoas que não têm remédio. É a minha sorte, Emma.

Glassgold não respondeu com palavras.

Chi-Yuen tomou-a pela mão e pôs-se de pé.

— Você precisa ficar livre de si mesma — disse a planetologista. — No longo percurso, só você pode ensinar a você mesma como fazer isso. Mas talvez eu possa ajudar um pouco. Desça à minha cabina. Vou aprontar-lhe um vestido que lhe fará justiça. A festa do Dia da Aliança será em breve e eu quero que você se divirta.

Consideremos: um único ano-luz é um abismo inconcebível. Mensurável, mas inconcebível. Numa velocidade comum (digamos, na marcha razoável para um carro no tráfego de uma megalópole — dois quilômetros por minuto) consumiríamos quase nove milhões de anos para cruzá-lo. Nas vizinhanças do sol, as estrelas estão a uma média de nove anos-luz de distância. Beta Virginis estava a trinta e dois.

Não obstante, tais espaços podiam ser vencidos. Uma nave acelerada continuamente à gravidade um viajaria meio ano-luz em pouco menos de um ano, E se deslocaria muito próximo da velocidade extrema, trezentos mil quilômetros por segundo.

Os problemas práticos eram muitos, Que tipo de energia impulsionaria a nave? Mesmo num. universo newtoniano, a idéia de um foguete carregando todo o combustível necessário para uma viagem às estrelas era ridícula. E seria ainda mais ridícula no cosmos einsteiniano, onde a massa da nave e a carga útil aumentavam com a velocidade, intensificando-se infinitamente à medida que a nave se aproximasse da velocidade da luz.

Mas o combustível e a massa de reação estavam ali no espaço! O espaço estava impregnado de hidrogênio. Sem dúvida, a concentração não era grande para os padrões terrestres cerca de um átomo por centímetro cúbico na vizinhança galáctica do sol. Isso, no entanto, somava trinta bilhões de átomos por segundo, envolvendo cada centímetro quadrado do corte transversal da nave, quando ela se aproximava da velocidade da luz. (Esta cifra se aplicaria principalmente aos primeiros estágios de sua viagem, pois o meio interestelar era mais denso perto de uma estrela.) As energias eram apavorantes. Raios X de forte irradiação seriam liberados por impacto e menos de mil raios no prazo de uma hora são fatais. Nenhuma proteção

material funcionaria. Mesmo supondo que fosse inacreditavelmente grossa e resistente, logo seria destruída pela erosão.

Contudo, nos dias de Leonora Christine os meios não-materiais já estavam disponíveis: campos magneto-hidrodinâmicos, cujo pulsar se estendia por milhões de quilômetros para capturar átomos em seus dipolos — não necessários à ionizaçao — e controlar seu fluxo. Esses campos não atuavam passivamente, como mera blindagem. Afastavam poeira interestelar e todos os gases, exceto o hidrogênio dominante. Este último era dirigido para a popa da espaçonave — em longas curvas que evitavam o casco por uma boa margem de segurança — e entrava num vórtex de compressão, ativando o eletromagnetismo centrado no propulsor Bussard.

A nave não era pequena. Contudo, seria apenas um insignificante brilho de metal na vasta rede de forças que a cercavam. Ela mesma não mais as gerava. Iniciara o processo ao atingir uma velocidade de reação mínima, mas c processo adquirira dimensões gigantescas demais, velozes demais para poder ser recriado ou sustentado por qualquer coisa além dele mesmo. Os reatores termonucleares primários (seria usado um sistema distinto para desacelerar), os tubos de Venturi, todo o complexo que a impulsionava não estava contido a bordo. Em sua maior parte não era absolutamente material, mas uma resultante de vetores em escala cósmica. Os instrumentos de controle da nave, sob direção computadorizada, não eram nem remotamente parecidos com pilotos automáticos. Eram como catalisadores que, judiciosamente usados, podiam afetar o curso daquelas monstruosas reações, podiam acelerá-las, retardá-las quando fosse necessário e extingui-las... mas não rapidamente.

À popa do módulo Bussard, a fusão do hidrogênio inflamava como estrelas, concentrando o eletromagnetismo. Um colossal efeito gasoso de laser concentrava os próprios fótons num único raio, cuja reação impulsionava a espaçonave (e teria vaporizado qualquer corpo sólido que atingisse) . O processo não era cem por cento eficiente. Mas a maior parte da energia perdida iria ionizar o hidrogênio que escapava da combustão nuclear. Esses prótons e elétrons, juntamente com os produtos da fusão, também eram arremessados para trás pelos campos de força, uma rajada de plasma adicionando seu próprio incremento de movimento.

O processo não era estável. Ao contrário, compartilhava da instabilidade de um organismo vivo e oscilava sempre na mesma margem de desastre. Ocorriam variações imprevisíveis no conteúdo material do espaço. A extensão, intensidade e configuração dos campos de força tinham de ser ajustadas conforme milhões de fatores que somente um computador podia resolver com suficiente rapidez. (Poderia haver problemas com o sistema?) Os dados recebidos e os sinais enviados viajavam à velocidade da luz: uma velocidade finita, que requeria três segundos e um terço para cruzar um milhão de quilômetros. A resposta podia ser fatalmente lenta. Este perigo aumentaria à medida que Leonora Christine chegasse tão perto da velocidade extrema que a marcha do tempo começasse a se modificar sensivelmente.

Não obstante, semana a semana, mês a mês, a nave se movia para longe.

As múltiplas reciclagens de matéria que transformavam perdas biológicas em ar respirável, água potável, comida e fibras utilizáveis chegavam a ponto de manter em equilíbrio o álcool etílico a bordo. Vinho e cerveja eram produzidos com moderação, principalmente para a mesa. A ração de bebidas mais fortes era escassa, mas certas pessoas tinham incluído garrafas na bagagem pessoal. Elas podiam conseguir a quota de amigos abstêmios e guardar sua própria reserva para ocasiões especiais.

Nenhum regulamento oficial, mas um hábito que se formou, mandava que qualquer bebida tomada fora da cabina fosse ingerida no refeitório. Para promover a sociabilidade, o refeitório possuía inúmeras mesinhas em vez de uma única mesa comprida, por isso podia ser usado como clube entre as refeições. Alguns tripulantes construíram um bar, numa ponta da sala, para fornecer gelo e coquetéis. Outros fizeram cortinas até o chão para as paredes; assim os sóbrios murais podiam ficar escondidos, durante horas de farra, atrás de cenas um pouco mais irreverentes. Geralmente, havia músicas de fundo num toca-fitas, coisas alegres, das galhardas do século dezesseis ao último ritmo louco recebido da Terra.

Num determinado dia em torno das 20 horas, o clube estava vazio. Havia um baile programado para o ginásio. O pessoal fora de serviço que queria participar — a maioria das pessoas a bordo — estava se vestindo. As roupas, toda a cerimônia de preparar-se, iam se tornando terrivelmente importantes. O maquinista Johann Freiwald brilhava numa túnica dourada e em calças justas e prateadas que uma dama fizera para ele. Como esta dama ainda não estava pronta, e muito menos a orquestra, Johann deixou que Elof Nilsson o levasse para o bar.

— Será que não podemos falar de trabalho amanhã? — perguntou.

Era um homem jovem e amável, corpulento, de rosto quadrado, o couro cabeludo brilhando rosado entre o cabelo louro à escovinha.

— Quero discutir um assunto com você imediatamente, enquanto ainda está fresco em minha mente — disse a voz áspera de Nilsson. — A coisa me veio num relance quando eu estava trocando a roupa — esclareceu ele, a aparência confirmando o que dizia. — Antes de levar adiante minha idéia, quero verificar a sua viabilidade.

— Por Jeová! Será que você não pode beber logo o seu drinque e abreviar a conversa?

O astrônomo encontrou sua garrafa pessoal na prateleira, apanhou um par de copos e procurou uma mesa.

— Eu bebo água... — Freiwald começou, mas o outro não ouviu. — Aí está o velho Nilsson! — exclamou Freiwald com a cabeça voltada para o alto. Depois destampou um jarro e trouxe-o para perto de si,

Nilsson sentou-se, tirou um bloco do bolso e começou a rabiscar. Era baixo, gordo, grisalho e feio. Sabia-se que, na antiga cidade universitária de Uppsala, um pai intelectualmente ambicioso forçara-o a tornar-se um prodígio a expensas de tudo mais. Suspeitava-se que seu casamento fora resultado do desespero e convertera-se em prolongada catástrofe. Apesar de um

filho, esse casamento se desfizera no momento em que ele teve oportunidade de ir com a espaçonave. Quando Nilsson falava, não sobre assuntos humanos, que não conseguia entender e por isso menosprezava, mas sobre os temas de seu próprio campo de trabalho... então era possível esquecer-lhe a arrogância e a pretensão, lembrar-se de suas observações, que tinham finalmente provado a oscilação do universo, vê-lo, em suma, coroado de estrelas.

— ... uma oportunidade única para fazer algumas verificações que valem a pena. Basta pensar na base que temos: dez parsecs. Mais a possibilidade que teremos de examinar os espectros de raios gama com menos incerteza, maior precisão, quando eles se tornam vermelhos e caem para fótons menos energéticos. E muito mais. Contudo, ainda não estou satisfeito.

— Não creio que eu tenha realmente necessidade de esquadrinhar uma imagem eletrônica do céu, estreita, borrada c degradada pelo ruído, para não mencionar as malditas alterações óticas. Devíamos instalar espelhos fora da nave. As imagens que captassem podiam ser transportadas por condutores luminosos para oculares, fotomultiplicadores, câmaras dentro da nave.

— Não, não vá dizer isso! Tenho plena consciência de que as tentativas anteriores fracassaram. Podemos construir uma máquina para ser expelida através de uma comporta, dar-lhe um revestimento plástico e aluminizá-lo. Mas os efeitos de indução dos campos Bussard logo transformarão o espelho em algo apropriado para um cabaré de Gröna Lund.

— Agora, minha idéia é estampar circuitos sensores e de *feedback* no plástico, flexores de controle que compensarão automaticamente as distorções que ocorrerem. Gostaria de sua opinião sobre a exeqüibilidade de projetar, testar e produzir esses flexores, Mr. Freiwald. Isto aqui é um rude esboço do que tenho em mente...

Nilsson foi interrompido.

— Ei!, vocês estão aí, companheiros?!

Nilsson e o maquinista ergueram os olhos. Williams cambaleou para os dois. O químico segurava uma garrafa na mão direita e um copo pela metade na esquerda. Seu rosto estava mais corado que de hábito e respirava pesadamente.

— *Was zum Teufel?* — Freiwald exclamou.

— Inglês, rapaz — disse Williams. — Fale inglês esta noite. Sotaque americano.

Ele alcançou a mesa e derrubou seu peso sobre ela, quase fazendo-a tombar. Um violento cheiro de uísque girava em torno dele.

— Especialmente você, Nilsson — apontou com um dedo oscilante. — Está noite você fala americano, seu sueco. Está me ouvindo?

— Por favor, vá para outro lugar — disse o astrônomo.

Williams deixou-se cair numa cadeira e inclinou-se para frente, colocando ambos os

cotovelos na mesa.

— Você não sabe que dia é hoje — disse ele. — Sabe? — Duvido que mesmo o senhor saiba, no estado em que está — Nilsson falou asperamente, em sueco. — A data é quatro de julho.

— Cor-r-r-reto! Sabe o que isso significa? Não? Williams voltou-se para Freiwald.

— Você sabe, *Heinie?*

— Ahn... Um aniversário? — arriscou o maquinista.

— Certo. Um aniversário. Como você adivinhou? Williams ergueu o copo.

— Bebam comigo vocês dois. Fiquem hoje do meu lado. Bebam!

Freiwald lançou-lhe um olhar simpático e bateu seu copo no dele.

— *Prosit!*

— *Skol* — Nilsson começou a dizer, mas abaixou o copo e olhou ferozmente para o outro.

— Quatro de julho — disse Williams, — Dia da independência. Meu país. Merecia uma boa festa... Só que ninguém está se importando. Um de vocês bebe comigo, talvez os dois, depois vão para o maldito baile.

Williams olhou um momento para Nilsson.

— Sueco — falou pausadamente — ou você bebe comigo ou eu te ar-r-rebento os dentes.

Freiwald deitou a mão musculosa sobre o braço de Williams. O químico tentou erguê-lo. Freiwald manteve-o onde estava.

— Fique calmo, por favor, Dr. Williams — pediu suavemente o maquinista. — Se quer celebrar seu dia nacional, ora!, será uma satisfação brindar à sua saúde. O senhor não acha? — ele concluiu dirigindo-se a Nilsson.

O astrônomo não conciliou.

— Sei qual é o problema — disse. — Fui informado antes de partir por um homem que o conheceu. Frustração. Ele não podia tolerar métodos modernos de direção.

— Ao diabo com essa burocracia estatal do bem-estar — Williams soluçou.

— Ele começou a sonhar com a era soberana, imperial de seu país — Nilsson continuou. — Ele divagava sobre um sistema de livre empresa que duvido tenha alguma vez existido. Ele patinhava em política reacionária. Quando o Departamento de Controle precisou deter vários altos funcionários americanos sob acusação de conspiração para violar á Aliança...

— Eu me fartara — o tom de Williams ficou estridente. — Uma outra estrela. Mundo novo. A chance de ser livre. Mesmo se tenho de viajar com um bando de suecos.

— Você está vendo? — Nilsson arreganhou os dentes para Freiwald. — Ele não passa de uma vítima do nacionalismo romântico com o qual nosso mundo demasiado ordeiro tem se consolado a si mesmo. É de uma geração passada. Pena que não se tenha satisfeito com ficção histórica e má poesia épica.

— Romântico! — Williams berrou, lutando sem resultado contra o aperto de Freiwald — Seu saco de merda, mosquito sujo, coruja aleijada, o que você acha que te aconteceu? Como é ser feito dessa maneira e ver outros garotos brincando de heróis e piratas? Teu casamento foi por água abaixo pior do que o meu! E eu enfrentei a barra, seu filho da puta, coisa que você nunca teve de fazer... Eu não vivia seguro numa folha de pagamento, eu... Mas vamos ver quem é homem aqui!

— Por favor — pediu Freiwald. — *Bitte.* Cavalheiros. Ele estava de pé, para manter Williams na cadeira. Seu olhar se cravou em Nilsson do outro lado da mesa.

— E o senhor — ele continuou com voz áspera — não tinha o direito de provocá-lo. Podia ter feito a cortesia de brindar ao seu dia nacional.

Nilsson parecia querer se impor pela discussão, mas desistiu quando Jane Sadler se aproximou. Ela estava na porta há alguns minutos, olhando. Sua expressão tornava patético o traje formal.

— Johann tem razão, Elof — disse. — É melhor vir comigo.

— E dançar? — Nilsson rosnou. — Depois disso?

— Especialmente depois disso — ela respondeu sacudindo a cabeça. — Estou ficando muito cansada de você em seu pedestal, querido. Vamos tentar começar de novo ou deixar tudo cair de agora em diante?

Nilsson resmungou, mas se levantou e ofereceu-lhe o braço. Sadler era um pouco mais alta que ele. Williams estava curvado, lutando para não chorar.

— Vou ficar um pouco por aqui, Jane, e ver se consigo reanimá-lo — Freiwald sussurrou.

Ela sorriu-lhe com uma expressão perturbada.

— Você agiu bem, Johann. — Os dois tinham estado juntos algumas vezes antes que ela começasse a andar com Nilsson.

— Obrigado.

Seus olhares se demoraram, um nos olhos do outro. Nilsson arrastou os pés e tossiu.

— Vejo você mais tarde — disse ela, e foi embora.

Capítulo 5

QUANDO *Leonora Christine* atingiu uma substancial fração da velocidade da luz, seus efeitos óticos tornaram-se claros a olho nu. A velocidade da nave e a velocidade dos raios de uma estrela adicionavam-se vetorialmente; o resultado era uma aberração. Exceto o que fosse opaco à frente ou atrás, modificava a posição aparente de tudo. As constelações pareciam tortas, grotescas e borradas, seus membros arrastando-se pela escuridão. Cada vez mais as estrelas minguavam atrás da nave e amontoavam-se diante dela.

O efeito de Doppler operava simultaneamente. Como estava se afastando das ondas de luz que a alcançavam da popa, do seu ponto de vista o comprimento dessas ondas aumentava e sua freqüência diminuía, Da mesma maneira, as ondas na direção das quais a proa mergulhava tornavam-se mais curtas e mais rápidas. Assim, os conjuntos à ré pareciam sempre mais vermelhos e os conjuntos à frente mais azuis.

Na ponte de comando havia um videoscópio de compensação: o único a bordo com as suas especificações. Um computador registrava, continuamente, como o céu apareceria se o observador estivesse imóvel naquele ponto do espaço e projetava um simulacro, O dispositivo não era para diversão ou conforto; era um valioso auxiliar de navegação.

O computador, porém, precisava de dados claros sobre onde a nave realmente se encontrava e com que rapidez estava viajando com relação aos objetos no céu. Isto não era uma coisa simples de descobrir. A velocidade — a velocidade exata, a direção exata — variava conforme as variações no meio interestelar e conforme o necessariamente imperfeito feedback para os controles Bussard, bem como com o tempo sob aceleração. Os desvios da trajetória calculada eram relativamente pequenos mas, em distâncias astronômicas, quaisquer imprecisões podiam se adicionar numa soma fatal. Precisavam ser eliminadas assim que ocorriam.

O Oficial de Navegação Auguste Boudreau, elegante, forte, com uma barba negra, estava entre os poucos que tinham o período integral de trabalho voltado para a operação da nave. Isso não chegava a exigir que ele ficasse dando reviravoltas num circulo lógico: encontrar sua posição e velocidade, para que pudesse corrigir fenômenos óticos, para que pudesse checar sua posição e velocidade. As galáxias distantes eram suas bóias de sinalização; análises estatísticas de observações feitas em estrelas singulares mais próximas forneciam-lhe novos dados; ele utilizava a matemática das aproximações sucessivas.

Seu trabalho tornava-o um colaborador direto do Comandante Telander, que computava e ordenava as mudanças de curso necessárias, assim como do Engenheiro-Chefe Fedoroff, que as colocava em prática. A tarefa era suavemente executada. Ninguém percebia os ajustamentos, exceto como um minuto passageiro de intensificação na pulsação da nave e uma, igualmente pequena, transitória mudança no vetor de aceleração, como se os conveses houvessem se inclinado alguns graus.

Além disso, Boudreau e Fedoroff procuravam manter contato com a Terra. *Leonora Christine* ainda era detectável pelos instrumentos colocados nos limites do Sistema Solar. Apesar das dificuldades criadas por seus campos de energia, o raio de microondas lunar ainda podia alcançá-la com inquéritos, entretenimento, noticias e mensagens pessoais. Ela ainda podia responder com seu próprio transmissor. Na realidade, esperava-se que essa conversa para cá e para lá se tornasse regular, assim que a expedição estivesse bem estabelecida em Beta Virginis. Sua precursora não tripulada não tivera problemas para enviar informação. E continuava mandando dados, embora Leonora Christine não pudesse recebê-los diretamente. A tripulação procurava ouvir os tapes irradiados da Terra.

O problema era o seguinte: sóis e planetas são objetos grandes, de trajetória regular. Deslocam-se pelo espaço com velocidades moderadas, raramente mais de cinqüenta quilômetros por segundo. E não fazem ziguezague, nem mesmo ligeiramente. É simples prever onde estarão daqui a um século e enviar-lhes um feixe de mensagens. Uma espaçonave é coisa diferente. Pessoas não duram muito tempo, precisam correr. A aberração e a variação de Doppler também afetam o rádio. Por fim, as transmissões da Lua entrariam em freqüências que nenhum aparelho a bordo da nave poderia captar. Bem antes disso, porém, quando o tempo de viagem entre o projetor de microondas e a nave passasse a ser contado em meses, o feixe de microondas começaria a perder-se.

Fedoroff, que era também o oficial de comunicações, preocupava-se com detectores e amplificadores. Reforçava os sinais que tangia para o Sol, esperando que dessem pistas da futura posição da nave. Embora os dias corressem sem uma quebra no silêncio, ele insistia. E foi recompensado com o sucesso em suas tentativas. Mas a qualidade da recepção era cada vez mais pobre, o intervalo de recepção menor, o tempo entre uma e outra cada vez maior à medida que Leonora Christine entrava no Grande Vácuo.

Ingrid Lindgren tocou a campainha. As cabinas eram tão à prova de som que uma batida na porta jamais seria ouvida. Não houve resposta. Ela tentou outra vez e novamente nada conseguiu. Hesitou, franziu a testa, dando um passo para um lado e para o outro. Por fim, pousou a mão na maçaneta A porta não estava trancada. Abriu uma fresta. Sem olhar para dentro, chamou suavemente:

— Boris. Você está bem?

Chegaram até ela passos rangentes, arrastados, pesados. Fedoroff acabou de abrir a porta:

— Oh — disse ele. — Bom-dia!

Lindgren o fitou. Era um homem corpulento, de estatura média, rosto largo com maçãs salientes, cabelo castanho salpicado de grisalhos, embora sua idade biológica fosse de apenas quarenta e dois anos. Não se barbeara há vários dias e usava apenas um roupão, obviamente vestido no último minuto.

— Posso entrar? — ela pediu.

— Se quiser... — disse Fedoroff, acenando para que entrasse e fechando a porta. Sua metade de cabina fora separada da parte ocupada por Pereira, Chefe de Biossistemas. A cama por fazer enchia quase todo o compartimento. Sobre a cômoda, havia uma garrafa de vodca.

— Desculpe a bagunça — disse ele com indiferença, movendo-se pesada e desajeitadamente perto de Lindgren. — Quer beber alguma coisa? Não trouxe copos, mas não precisa ter medo de beber pelo gargalo. Ninguém tem nada contagioso. — Ele arremessou, ou melhor, matraqueou as palavras: — De onde viriam os germes, não é?

Lindgren sentou-se na beira da cama.

— Não, obrigada — respondeu. — Estou de serviço.

— E eu também devia estar. Sim... — Fedoroff aproximou-se dela e curvou-se. — Informei ao comando que me sentia indisposto e preferia descansar.

— Não seria melhor o Dr. Latvala examiná-lo?

— Para quê? Estou fisicamente bem. Fedoroff hesitou.

— Você veio saber o que havia comigo?

— Isso é parte do meu trabalho. Respeito sua privacidade, mas você é um homem chave.

Fedoroff sorriu. A expressão era tão forçada quanto suas palavras.

— Não se preocupe. Minha cabeça também não está fraquejando.

Ele esticou-se para a garrafa, mas recuou.

— Não estou sequer mergulhando em alguma letargia. Não é nada, exceto um... como os americanos chamam a coisa?... um arrebatamento.

— Arrebatamentos são melhores em companhia de outras pessoas — Lindgren respondeu. E pouco depois: — Acho que vou aceitar um gole.

Fedoroff passou-lhe a garrafa e sentou a seu lado na beira da cama. Ela levantou a garrafa:

— *Skol*.

Um pequeno gole desceu em sua garganta. A garrafa foi devolvida e ele lhe deu Zdoroviye. Os dois ficaram em silêncio, Fedoroff olhando para a parede divisória antes de se mexer.

— Muito bem — disse ele por fim. — Já que você quer saber... Eu não contaria isso a mais ninguém, especialmente a uma mulher. Mas eu já soube alguma coisa a seu respeito, Ingrid... Você é filha de Gunnar, não é?

— Sim, Boris Ilyitch.

Ele concedeu um olhar de simpatia e um sorriso mais genuinamente autêntico. Lindgren sentou-se descontraída, o corpo curvado sobre o uniforme de trabalho. Sentia em torno de si um clima de cordialidade e calor humano.

— Eu creio — a língua de Boris hesitou — eu espero que você compreenda e não passe adiante o que eu lhe disser.

— Prometo ficar em silêncio. E posso tentar compreender.

Ele pôs os cotovelos nos joelhos e as mãos se apertaram uma na outra.

— É algo pessoal, como você está percebendo — ele falava pausadamente e não inteiramente calmo. — Mas não tem muita importância. Logo acabarei com isso. É simplesmente... que a irradiação final que nós recebemos... me transtornou.

— A música?

— Sim. A música. Uma proporção ruído-sinal demasiado baixa para ser captada pela televisão. Quase baixa demais para ser ouvida. A última mensagem recebida, filha de Ingrid Gunnar, antes de atingirmos a meta e começarmos a receber mensagens de uma geração seguinte. Estou certo que foi a última. Aqueles poucos minutos, oscilando, aumentando e diminuindo de intensidade, quase nem audíveis entre o estalar das estrelas e dos raios cósmicos... Quando perdemos aquela música, tivemos certeza que não receberíamos mais nada.

A voz de Fedoroff se extinguiu. Lindgren esperou. Ele estremeceu:

— Por acaso foi uma canção natal russa — disse. — Minha mãe a cantava para me adormecer.

Ela pousou a mão leve como pluma no ombro de Fedoroff.

— Não pense que estou numa orgia de autopiedade — ele acrescentou de imediato. — Por um momento me lembrei com excessiva nitidez dos meus mortos, mas isso vai passar.

— Talvez eu esteja compreendendo — ela murmurou.

Fedoroff estava em sua segunda viagem interestelar. Já tinha ido a Delta Pavonis. Os dados da sonda indicaram um planeta como a Terra e a expedição partiu com grandes esperanças. A realidade era tão terrível que os sobreviventes tiveram de dar provas de raro heroísmo para permanecer e estudar pelo tempo mínimo planejado. Ao voltarem, tinham vivenciado doze anos, mas a Terra havia envelhecido quarenta e três.

— Duvido que você possa realmente entender — Fedoroff virou-se para fitá-la de frente. — Quando voltamos para casa já esperávamos que as pessoas tivessem morrido. Já contávamos com mudanças. A princípio, no entanto, fiquei cheio de satisfação ao reconhecer trechos de minha cidade: o luar sobre rios e canais, cúpulas e torres na Catedral de Kazan, Alexandre e Bucéfalo elevando-se sobre a ponte de onde se tem a visão de Nevsky, os tesouros no. Hermitage.

Fedoroff parecia muito distante e balançava a cabeça com ar fatigado.

— Mas a vida em si estava diferente demais. O encontro era como ver uma mulher que já se amou transformada em prostituta. — Ele teve um riso de deboche e prosseguiu: — Exatamente isso! Eu trabalhei o máximo que pude em pesquisa e desenvolvimento para aperfeiçoar o motor Bussard, como você deve lembrar. Meu principal objetivo era ganhar o posto que tenho hoje... Bem, podemos esperar um bom começo em Beta Três.

Suas palavras se tornaram quase inaudíveis:

— Então, a pequena canção de minha mãe me tocou Pela última vez.

Ele inclinou a garrafa nos lábios.

Lindgren concedeu-lhe um ou dois minutos de silêncio antes de falar:

— Eu posso entender, Boris, em parte, porque isso o comoveu tanto. Estudei um pouco de sócio-história. Em sua infância, as pessoas eram menos, bem, menos descontraídas. Elas remediaram os danos da guerra na maioria dos países, puseram sob controle o crescimento populacional e a desordem civil. Passaram a se interessar por coisas novas, projetos que mexiam com a imaginação, projetos na Terra e também no espaço. Nada parecia impossível. No centro deste élan havia um senso de trabalho duro, patriotismo, dedicação. Acho que você serviu a dois deuses com todo o coração, à Técnica-Pai e à Mãe Rússia. Quando voltou — concluiu pegando-lhe a mão — mais ninguém se importava com nada do que lhe foi caro.

Ele concordou com a cabeça. Seus dentes morderam o lábio inferior.

— Não é verdade que você despreza as mulheres de hoje? — Lindgren perguntou.

— Não! Nunca! — exclamou Boris.

— Por que, então, as suas ligações não duraram mais de uma ou duas semanas? — ela falou em tom de desafio. — Na maioria das vezes limitaram-se a um único encontro casual. Por que você só se sente à vontade e feliz no meio de homens? Acho que só se importa em conhecer a metade feminina do gênero humano como corpos. Não acredita que exista algo mais que valha a pena conhecer. E o que disse há um minuto, sobre prostitutas...

— Eu vim de Delta Pavonis querendo encontrar uma verdadeira esposa — ele respondeu com a voz estrangulada.

Lindgren suspirou.

— Boris, as coisas mudam. De meu ponto de vista, você cresceu num período de puritanismo absurdo. Era uma reação a uma facilidade anterior, que talvez tenha ido longe demais; e antes disso também... Não importa. O fato é que o homem nunca se fixou num único ideal. O entusiasmo de massas, quando você era jovem, deu lugar a um classicismo racionalista, frio... Que hoje já está sendo sufocado por uma espécie de neo-romantismo. Deus sabe onde isso vai levar. Possivelmente, eu não aprovarei. De qualquer modo, as novas gerações têm de

crescer. Não temos direito de congelá-las em nossas próprias formas. O universo é grande demais.

Fedoroff ficou imóvel por tanto tempo que ela se levantou para ir embora. De repente voltou-se, pegou-a pelo pulso e puxou-a de novo para seu lado.

— Gostaria de conhecê-la, Ingrid — falou com dificuldade — como um ser humano.

— Fico contente.

Os lábios dele se apertaram; ele se conteve. — Seria melhor ir agora. Você está com Reymont. Não quero causar problemas.

— Também quero você como amigo, Boris — disse Lindgren. — Eu o admirei desde que nos encontramos pela primeira vez. Coragem, competência, generosidade-.. o que mais se pode admirar num homem? Quero que você aprenda a mostrar essas qualidades aos companheiros de bordo que, por acaso, sejam mulheres.

Ele abriu a mão cerrada e a tocou.

— Estou lhe dizendo para ir embora. Lindgren o examinou.

— Se eu for, e se nos encontrarmos outra vez para conversar, você ficará à vontade comigo?

— Eu não sei — disse ele. — Espero que sim, mas não sei.

Lindgren pensou um pouco mais.

— Vamos tentar então ter certeza disso — sugeriu por fim, docemente. — Não preciso ir mais a lugar nenhum até o fim do meu turno.

Capítulo 6

CADA CIENTISTA a bordo planejara pelo menos um trabalho de pesquisa para ajudar a preencher a meia década de viagem. O de Glassgold procurava estudar a base química da vida em Epsilon Eridani. Depois de montar seu equipamento, ela começou a testar experimentalmente seus protófitos e culturas de tecidos. No tempo devido, obteve produtos de reação e precisou saber exatamente o que eram. Norbert Williams estava realizando análises para várias pessoas.

Um dia, no fim do primeiro ano de viagem, ele levou para o laboratório de Glassgold um relatório sobre as mais recentes amostras que ela lhe trouxera. Quisera ir pessoalmente. As moléculas eram estranhas e também o empolgavam. Os dois freqüentemente discutiam as descobertas horas a fio. Cada vez mais, a conversa caminhava para outros tópicos.

Ela o recebeu efusivamente. O banco em que se sentava estava barricado por tubos de ensaio, frascos, um indicador pH, um centrifugador, um misturador e assim por diante.

— Bem — disse Glassgold — estou muito ansiosa para saber que metabólitos meus animaizinhos estiveram fazendo.

— A mais maldita confusão que já vi.

Ele atirou-lhe algumas páginas presas com clipes.

— Sinto muito, Emma, vai ter de testar de novo esse material. E acho que muitas vezes. Não posso lidar com microquantidades. Isto requer todo o tipo de cromatografia que temos, mais difrações de raios X, mais essa série de testes com enzimas que relacionei aqui, antes que eu possa arriscar qualquer suposição sobre as fórmulas estruturais.

— Entendo — respondeu Glassgold. — Não queria dar tanto trabalho.

— Diabos, é para isso que estou aqui, até chegarmos a Beta Três! Ficaria maluco sem nada que fazer e lhe digo uma coisa: o seu trabalho é o mais interessante de todos.

Williams abriu os braços no ar; a camisa espalhafatosa enrugou-se em seu ombro.

— Mas, para ser franco, não compreendo o que isso pode significar para você além de um passatempo. Afinal, estão atacando esses mesmos problemas na Terra, com equipes maiores e mais recursos. Vão conseguir decifrar o quebra-cabeças na nossa frente.

— Sem dúvida — ela respondeu. — Mas vão nos enviar os resultados?

— Acho que não, a menos que solicitemos. E antes que a resposta chegue a Beta Três, estaremos muito velhos, ou mortos... O que não entendo — Williams continuou, aproximando-se dela — é por que precisamos nos preocupar com isso. Sabemos que, seja qual for o tipo de biologia que encontrarmos em Beta Três, ela não se parecerá em nada com o que temos aqui.

Não será inútil todo esse trabalho?

— Talvez em parte — ela admitiu. — Não acredito que possua valor prático. Mas quanto maior a minha visão da vida no universo, melhor poderei estudar o caso particular do lugar para onde vamos. E assim descobriremos mais depressa o que precisamos saber sobre ele e saberemos com mais exatidão se podemos construir nossas casas e chamar outros da Terra.

Williams coçou o queixo.

— Sim. Acho que tem razão. Não tinha visto as coisas por esse prisma.

Havia respeito sob as meras palavras, pois a expedição não existia apenas para dar uma olhada: não àquele custo em recursos, trabalho, cérebro, sonhos e anos. Não se podia pensar em algo tão fácil quanto a conquista da América.

Aquelas pessoas passariam no mínimo mais meia década no Sistema Beta Virginis, explorando seus mundos no módulo auxiliar da nave, adicionando o pouco que conseguissem descobrir ao pouco que a sonda em órbita tinha acumulado. E se o terceiro planeta fosse realmente habitável, jamais voltariam para casa, nem mesmo os astronautas profissionais. Viveriam suas vidas no novo mundo, assim como seus filhos e netos. Explorariam os múltiplos mistérios do planeta, despachando as descobertas para as mentes ansiosas na Terra. Na verdade qualquer planeta é um *mundo,* infinitamente variado, infinitamente secreto. E aquele mundo parecia ser tão semelhante à Terra que qualquer estranheza que apresentasse se tornaria ainda mais nítida e reveladora.

O pessoal da *Leonora Chistine* era bem explícito quanto à ambição de instalar aquele tipo de base científica. Suas maiores esperanças eram que seus descendentes não encontrassem qualquer razão para voltar, que Beta Três pudesse se transformar de mera base para colonizar uma nova terra num lugar de apoio para um novo salto rumo às estrelas. Não havia outro meio dos homens tomarem posse da galáxia.

Como se quisesse afastar-se de visões capazes de assustá-la, Glassgold enrubesceu um pouco e disse:

— Além disso, eu me interesso pela vida eridaniana. Ela me fascina. Quero saber o que... a fez florescer. E como você lembrou, se ficarmos em Beta Três, é provável que não obtenhamos as respostas enquanto vivermos.

Ele caíra em silêncio, mexendo num dispositivo de análise volumétrica que rotulava desde o motor da nave ao sopro do ventilador. Sentia os fortes odores químicos, via as cores brilhantes no reagente e nas prateleiras com pigmentos. Finalmente, pareceu voltar à consciência e pigarreou:

— Anh, Emma?

— Sim.

Ela parecia sentir o mesmo acanhamento que Williams.

— Que tal parar de trabalhar? Desça até o clube comigo para beber alguma coisa antes do jantar... Da minha quota.

Ela recuou para trás de seus instrumentos.

— Não, obrigada — respondeu confusamente. — Eu..., eu tenho muito trabalho pela frente.

— Você tem tempo para isto — ele declarou, mais corajoso. — Tudo bem, se você não quer uma batida que tal um cafezinho? Talvez um passeio pelos jardins... Olhe, eu não pretendo fazer propostas. Só gostaria de conhecê-la melhor.

Ela engoliu a seco antes de sorrir, mas acabou revelando o seu entusiasmo.

— Muito bem, Nobert, eu também gostaria.

Um ano após a partida, *Leonora Christine* estava perto de sua velocidade máxima. Levaria trinta e um anos para cruzar o espaço interestelar e mais um ano para desacelerar quando se aproximasse da estrela-alvo.

Mas isso é uma afirmação incompleta. Ela não leva em conta a relatividade. Precisamente porque há uma velocidade absolutamente limite (na qual a luz viaja *no vácuo,* assim como neutrinos), há uma interdependência do espaço, tempo, matéria e energia. O fator *tau* introduz as equações. Se v *é* a velocidade (uniforme) de uma espaçonave, e c a velocidade da luz, então *tau é* igual:

$$\sqrt{1 - \frac{v^2}{c^2}}$$

Quanto mais perto v estiver de c, mais perto *tau* estará de zero.

Suponhamos que um observador de fora calcule a massa da espaçonave. O resultado que obtém é sua massa de repouso — isto é, a massa que ela possui quando não está se deslocando em relação a ele — dividida por *tau.* Assim, quanto mais depressa ela viaja, mais pesada se torna quanto ao universo como um todo. Ela obtém a massa extra da energia cinética do movimento, $e = mc^2$.

Além disso, se o observador "estacionário" pudesse comparar os relógios da nave com o seu, veria uma discordância. O interlúdio entre dois eventos (como o nascimento e a morte de um homem) medidos a bordo da nave onde ocorrem, é igual ao interlúdio que o observador mede... multiplicado por *tau.* Poderíamos dizer que o tempo move-se proporcionalmente mais devagar numa espaçonave.

Os comprimentos diminuem; o observador vê a nave encurtada na direção do movimento pelo fator *tau.*

Os cálculos feitos a bordo da nave, no entanto, são precisamente tão válidos quanto os que são feitos em qualquer outro lugar. Para um tripulante olhando para o universo, as estrelas estão comprimidas e ganharam massa, as distâncias entre elas minguaram; elas brilham, elas evoluem a uma razão estranhamente reduzida.

O quadro, porém, é ainda mais complicado. É preciso ter em mente que, na realidade, a nave tem sido acelerada e será desacelerada com relação ao pano de fundo total do cosmos. Isso tira todo o problema da relatividade específica e o coloca na relatividade geral. A situação estrela-e-nave não é realmente simétrica. O duplo paradoxo não se manifesta. Quando as velocidades se igualam mais uma vez e dá-se a união, a estrela terá atravessado um tempo mais longo que a nave.

Se o *tau* cair para um centésimo e entrar em queda livre, cruzaremos um século de luz num único ano de nossa própria experiência. (Embora, evidentemente, jamais possamos voltar ao século que se passou na Terra, durante o qual os amigos terão envelhecido e morrido.) Isso envolverá inevitavelmente, um crescimento de massa da ordem de cem vezes. Um motor Bussard, tirando hidrogênio do espaço, poderia supri-lo. Na realidade, seria absurdo parar o motor e prosseguir sem ele, pois se poderia seguir reduzindo o *tau.*

Por conseguinte, para alcançar outros sóis, numa parcela razoável de nossa expectativa de vida: acelerar continuamente, direto para o ponto intermediário interestelar, onde, então, será ativado o sistema desacelerador no módulo Bussard e a velocidade começará a decrescer. Somos limitados pela velocidade da luz, que nunca conseguimos atingir inteiramente. Mas não tem limite o quanto podemos nos aproximar dessa velocidade. E, assim, não temos limite sobre nosso fator *tau* inverso.

Durante todo o seu ano a uma gravidade, as diferenças entre *Leonora Christine* e as estrelas em lento movimento tinham se acumulado imperceptivelmente. Agora a curva atingia a parte íngreme de sua ascensão. Agora, cada vez mais, seu pessoal calculava a distância que se encurtava para a sua meta, não simplesmente porque estava viajando, mas porque, para eles, a geometria do espaço estava se modificando. Cada vez mais, percebiam que o processo natural no universo lá fora se acelerava.

Não era, no entanto, nada espetacular. Na verdade, o *tau* mínimo no plano de vôo, no ponto intermediário, devia ser um tanto acima de 0,015. Mas houve um instante em que um minuto a bordo correspondeu a sessenta e um segundos no resto da galáxia. Pouco depois, correspondeu a sessenta e dois. Depois sessenta e três,.. sessenta e quatro, o tempo da nave entre esses totais progredia pouco a pouco, mas permanentemente menos... sessenta e cinco... sessenta e seis... sessenta e sete...

O primeiro Natal — Chanukah, a temporada do festival de solstício em Nova Iorque —

que a tripulação passou em conjunto a bordo, havia sido logo no início da viagem e foi um carnaval febril. O segundo foi mais tranqüilo. As pessoas estavam presas a seu trabalho e a seus companheiros. Mesmo assim, ornamentos improvisados brilharam em todos os conveses. As salas de passatempo ecoavam, agulhas e tesouras estalavam, a cozinha se enchia de aromas de temperos. Todo mundo procurava arranjar pequenos presentes para alguém querido. A seção hidropônica descobriu que podia fornecer um número suficiente de vinhos verdes e ramos para uma árvore de Natal no ginásio. Da enorme livraria com coleções de microtapes vieram filmes com neve e trenó, assim como gravações de canções de Natal. O contingente teatral montou um espetáculo brilhante. O *Chef* Carducci planejava banquetes. Cabinas e lugares de uso comum fervilhavam num clima de festa. Por acordo tácito, ninguém mencionou que cada segundo que passava deixava a Terra 300.000 quilômetros mais distante.

Reymont atravessou um animado pavimento de recreação. Alguns grupos montavam a mais recente safra de objetos de decoração. Nada podia ser desperdiçado, mas folhas de alumínio, grinaldas feitas de peças de roupa, globos de vidro soprado podiam ser reaproveitados. Outros jogavam, tagarelavam, ofereciam drinques, flertavam, faziam barulho. Por entre o falatório, risos, arrastar de pés, farfalhar, zumbidos e estalidos, flutuava a música de um alto-falante:

Adeste, fideles,

Laeti, triumphantes,

Venite, venite, in Bethlehem.

Iwamoto Tetsuo, Hussein Sadek, Yeshu ben-Zvi, Mohandas Chidambaran, Phra Takh ou Kato M'Botu pareciam ter aí o seu lugar, assim como Olga Sobieski ou Johann Freiwald.

O maquinista berrou para Reymont:

— *Guten Tag, mein lieber Schutzmann!* Venha partilhar da minha garrafa!

Ele acenava no ar para o policial. Seu braço estava em volta de Margarita Jimenes. Havia um pedaço de papel suspenso sobre eles, fragmento de decoração que mostrava sua origem: ERVA-DE-PASSARINHO.

Reymont parou. Dava-se bem com Freiwald.

— Obrigado, não posso! — disse. — Viu Boris Fedoroff? Achei que viria para cá quando deixasse o serviço.

— N-não. Também pensei que vinha para cá. Esta noite o ambiente está muito animado. Ultimamente, por alguma razão, Boris tem se tornado muito mais alegre, não é mesmo? O que está querendo dele?

— Assunto de trabalho.

— Trabalho, sempre o trabalho — disse Freiwald. — Aposto que você passa suas horas de folga se aborrecendo. Quanto a mim, tenho coisa melhor.

Freiwald apertou Jimenes entre os braços. Ela se aconchegava.

— Já ligou para a cabina dele?

— É claro. Não houve resposta. Mas, talvez... — Reymont deu meia volta. — Vou procurá-lo. Mais tarde volto aqui para tomar esse trago — acrescentou, já se afastando.

Desceu as escadas passando do pavimento da tripulação para o convés dos oficiais. A música continuava.

Iesu, tibi sit gloria.

O corredor estava deserto. Reymont pressionou a campainha da cabina de Fedoroff.

O engenheiro abriu a porta. Vestia pijamas folgados. Em cima da cômoda, havia uma garrafa de vinho francês, dois copos e alguns sanduíches dinamarqueses. Ele pareceu surpreso e deu um passo atrás.

— *Chto...* você?

— Podemos nos falar?

— Um...m...m — Fedoroff hesitou, o olhar tremulando. — Estou esperando visita.

Reymont sorriu com sarcasmo.

— Isso é evidente. Não se preocupe, não vou demorar. Mas é urgente.

— Não pode esperar até minha hora de serviço? — falou Fedoroff num tom irritado.

— Acho melhor lhe falar em particular — Reymont insistiu. — O Comandante Telander está de acordo.

Ele se esgueirou em volta de Fedoroff e entrou na cabina.

— Há um item que não foi previsto em nossos planos — continuou, falando rápido. — Nosso programa prevê a mudança para alta aceleração a sete de janeiro. Você sabe melhor que eu que isso implica em três dias de preparação para o seu grupo no comando e considerável transtorno na rotina de todos. Bem, por alguma razão os planejadores do vôo esqueceram que o seis de janeiro é uma data importante na tradição da Europa Ocidental. É a décima-segunda noite, a véspera dos três reis magos, ou algo assim. É o coroamento das celebrações das festas de fim de ano. As festas do ano passado foram tão turbulentas que ninguém se preocupou com o Dia de Reis. Mas soube que, este ano, já se falou de um banquete e um baile no dia seis, lembrando a tradição de comemorar os reis magos. Acho que todos gostariam muito disso. Pense como essa recordação de nossas origens podem ajudar a manter o moral elevado.

O comandante e eu queríamos que você verificasse a possibilidade de adiar por alguns dias a alta aceleração.

— Sim, sim, eu vou pensar na coisa — disse Fedoroff, levando Reymont para a porta aberta, — Amanhã, por favor...

Era tarde demais. Ingrid Lindgren vinha entrando» Estava uniformizada, pois viera correndo da ponte de comando quando seu turno acabou.

— *Gud!* — ela exclamou, parando atônita.

— Ora, Lindgren — disse Fedoroff num tom frenético — o que a traz aqui?

Reymont prendeu a respiração. Uma expressão muito carregada cobriu-lhe o rosto. Permaneceu imóvel, mas seus punhos se apertaram até as unhas penetrarem na palma das mãos e a pele se tornar branca nas juntas dos dedos.

Teria início um novo ato.

Entre os dois, Lindgren olhou para um e para outro. Seu rosto estava muito vermelho. De repente, porém, aprumou-se e disse:

— Não, Boris, não vamos mentir.

— Não iria ajudar em nada — Reymont concordou sem tonalidade na voz.

— Tudo bem! — gritou Fedoroff rodopiando. — Tudo bem! Estivemos juntos algumas vezes. Ela não é sua esposa.

— Nunca disse que era — Reymont respondeu, os olhos nos dela. — Mas pretendia pedir-lhe que fosse, quando chegássemos.

— Carl — ela sussurrou. — Eu o amo.

— Sem dúvida, um único parceiro se torna monótono — disse Reymont com voz gélida. — Você sentia necessidade de variar. Um privilégio exclusivamente seu, é claro. Eu pensava que você nunca fosse capaz dessas escapulidas pelas minhas costas.

— Deixe-a em paz! — Fedoroff atirou-se cegamente para ele.

O agente policial se esquivou. A mão do outro chocou-se contra o batente da porta, fazendo-o curvar-se de dor. Ele desabou sentado na cama e pegou o punho ferido com a outra mão.

— Não está quebrado — disse Reymont. — Mas se não ficar onde está até eu sair, vou colocá-lo fora de combate.

Ele hesitou, depois continuou num tom mais racional:

— Não é um desafio à sua masculinidade. Sou tão bom em luta livre quanto você em física nuclear. Vamos agir como civilizados. De qualquer modo, ela é sua, eu acho.

— Carl.

Lindgren aproximou-se dele, lágrimas rolando nas faces. Ele esboçou um movimento de

repulsa.

— Vou retirar minhas coisas de sua cabina — disse — logo que encontre uma cama vazia.

— Não, Carl, Carl — ela gritou agarrando-lhe a túnica. — Nunca imaginei... Escute, Boris precisa de mim. Sim, eu admito, gostava de estar com ele, mas a coisa nunca passou de amizade... ajuda... enquanto com você..

— Então por que não me contou o que estava fazendo? Será que eu não tinha o direito de saber?

— Tinha, tinha, é claro, mas fiquei com medo... Alguns comentários feitos por você... você é ciumento... e isso é tão desnecessário, porque você é a única pessoa que conta para mim.

— Eu fui pobre toda a minha vida— disse ele — e tenho a moralidade primitiva do homem pobre, assim como algum respeito pela privacidade das pessoas. Na Terra, talvez houvesse algum jeito de arranjar as coisas... não tão bem como era antes, mas de uma forma tolerável. Eu podia lutar contra meu rival, partir para uma longa viagem ou você e eu poderíamos nos mudar para outra parte. Nada disso é possível aqui.

— Você não pode compreender? — ela implorou. Reymont cerrou novamente os punhos.

— Eu não posso? Não — disse ele. — Você, realmente, eu acho que você, realmente, não acredita que me tenha feito algum mal... Já vai ser bastante difícil atravessar todos esses anos de viagem. Não quero ter de suportar, ainda por cima, um relacionamento desse tipo.

Ele a afastou de si.

— Pare de chorar! — berrou.

Lindgren estremeceu e ficou rígida. Fedoroff resmungava de raiva e começou a se levantar. Ela fez sinal para que continuasse sentado.

— É melhor assim — disse Reymont antes de caminhar para a porta, parar e encará-los: — Não haverá cenas, nem intrigas, nem rancores. Quando cinqüenta pessoas estão trancadas num casco, — todo mundo tem de andar direito ou todo mundo morre. Senhor Engenheiro Fedoroff, o Comandante Telander e eu gostaríamos de ter, logo que possível, seu relatório sobre o assunto que vim discutir aqui. Pode pedir a opinião da Senhora Primeira Oficial Lindgren, mas não esqueça que é desejável manter sigilo até que possamos, de um modo ou de outro, informar alguma coisa.

A dor e a fúria atingiram-no de novo.

— Nosso dever é para com a nave, ao diabo com vocês! Ele recuperou o controle e bateu os calcanhares:

— Queiram desculpar. Boa-noite. E foi embora.

Fedoroff se ergueu e pôs o braço em volta de Lindgren.

— Sinto muito — disse embaraçado. — Se pudesse adivinhar que isso ia acontecer, não teria nunca...

— Não foi culpa sua, Boris — ela o interrompeu, mas continuou imóvel.

— Se quiser repartir a cabina comigo, eu ficarei contente.

— Não, obrigada — ela respondeu abatida. — Por ora estou fora do jogo... É melhor ir embora. Boa-noite — concluiu se afastando de Fedoroff.

Ele ficou sozinho com os sanduíches e o vinho.

Oh, sagrada criança de Belém,

Vem a nós, nós te imploramos.

Feitos os ajustes necessários, *Leonora Christine* aumentou sua aceleração alguns dias após a festa de reis.

Praticamente, não faria diferença para a duração cósmica de sua viagem. De qualquer forma, mantinha-se muito próxima da velocidade da luz. Mas, diminuindo mais rapidamente o *tau* e atingindo valores mais baixos no ponto intermediário, o empuxo mais elevado encurtaria apreciavelmente o tempo a bordo.

Estendendo mais amplamente seus campos côncavos, intensificando a combustão termonuclear que impelia o motor Bussard, a nave saltava para três gravidades. Isto acrescentaria quase trinta metros por segundo numa velocidade baixa. Mas na sua velocidade atual, os acréscimos eram mínimos e se tornavam cada vez menores. Evidentemente, tratava-se de cálculo a partir de uma posição externa. A bordo, o impulso era três vezes maior, e este cálculo era igualmente real.

Sua carga humana não poderia suportá-lo e viver muito tempo. Seria muito grande o desgaste sobre o coração, pulmões e, especialmente, sobre o equilíbrio dos fluidos do corpo. Remédios podiam ajudar, mas felizmente havia outra saída.

As forças que faziam a nave aproximar-se cada vez mais da velocidade máxima não eram meramente enormes. Por necessidade, eram também precisas. Na realidade, eram tão precisas que sua interação com o universo exterior — matéria e seus próprios campos de força — podia ser mantida numa resultante quase constante, apesar das modificações dessas condições exteriores. Do mesmo modo, as energias propulsoras podiam, sem dúvida, ser unidas a campos similares, muito mais fracos, quando esses estivessem instalados dentro do casco.

A união podia então operar sobre as assimetrias de átomos e moléculas para produzir

uma aceleração uniforme, correspondente à aceleração do próprio gerador interno. Na prática, porém, o efeito ficava incompleto. Uma gravidade ficava sem compensação.

Dai para a f rente, o peso a bordo mantinha-se no valor constante da superfície da Terra, não importa o quanto aumentasse a taxa em que a nave ganhava velocidade.

Essa acomodação só era possível em velocidade relativista. Numa marcha ordinária, com o *tau* elevado, os átomos eram insuficientemente compactos e agitados demais para se deixarem prender. À medida que se aproximavam de c tornavam-se mais pesados— não para si mesmos, mas para tudo que estivesse fora da espaçonave — até que o jogo de campos entre carga e cosmos gerava uma configuração estável.

Três gravidades não era o limite. Com os campos côncavos plenamente estendidos, e em regiões onde a matéria ocorria mais densamente que em outros lugares, como numa nebulosa, a nave podia ter ido consideravelmente mais alto. Naquele trecho em particular, dado o caráter rarefeito do hidrogênio local, qualquer possível ganho em tempo não era suficientemente substancial — já que a fórmula envolve uma função hiperbólica — para tornar vantajosa uma redução da margem de segurança. Outras considerações, como, por exemplo, a otimização da massa de consumo versus a minimização do comprimento da trajetória, também tinham sido levadas em conta ao ser computado o plano de vôo.

O *tau* não era fator multiplicador estático. Era dinâmico. Seu trabalho sobre a massa, espaço e tempo podia ser observado como uma coisa fundamental, criando um relacionamento permanente novo entre os homens e o universo através do qual viajavam.

Num momento a bordo da nave que o calendário registrava em abril e o relógio dizia ser pela manhã, Reymont despertou. Não se mexeu; aos poucos pestanejou e bocejou se espreguiçando como a maioria dos homens. Sentou-se na cama imediatamente alerta.

Chi-Yuen Ai-Ling acordara mais cedo. O súbito despertar de Reymont surpreendeu-a aos pés da cama, ajoelhada à maneira asiática, fitando-o com uma seriedade inteiramente contrastante com seu espírito brincalhão da noite anterior.

— Alguma coisa errada? — ele perguntou.

Chi-Yuen só mostrara espanto por um breve arregalo dê olhos. Logo depois, seu sorriso voltou.

— Certa vez conheci um cachorro submisso — comentou. — Isto é, não era submisso à maneira dele, cachorro, mas caçava com o dono e de repente ficava alerta, seguro pela coleira. O seu jeito de acordar foi exatamente esse.

— Hum... — Carl resmungou. — Eu perguntei o que a está preocupando.

— Não estou preocupada, Charles. Só pensativa.

Ele a admirou. Despida, jamais poderiam dizer que se parecesse com um menino. As curvas dos seios e dos quadris eram mais tênues que o habitual, mas combinavam harmoniosamente com a totalidade do corpo. Não possuía nada desproporcional, como acontecia com tantas mulheres. Quando se movia, essas curvas pareciam flutuar. Também a luz flutuava em sua pele, que tinha o colorido das colinas ao redor da Baía de São Francisco no verão; e a luz também flutuava em seus cabelos, que tinham o aroma de cada dia de verão que havia na Terra.

Os dois estavam na metade da cabina de Reymont, que compartilhava a outra metade com Foxe-Jameson. Era um ambiente de grande monotonia para Chi-Yuen. O alojamento dela estava enfeitado ao máximo.

— Em que está pensando? — Reymont perguntou.

— Em você. Em nós.

— Foi uma noite esplêndida — disse ele. Reymont estendeu a mão para acariciá-la sob o queixo.

Ela ronronava.

— Gosta? Chi-Yuen ficou séria.

— Eu estava pensando — falou erguendo as sobrancelhas — num entendimento entre nós. Já tivemos nossos casos. Pelo menos você teve o seu nos últimos meses.

Sua expressão tornou-se sombria e ela continuou, obstinada:

— Para mim, não houve nada importante. Só aventuras ocasionais. Mas, realmente, não quero que as coisas continuem assim. Mesmo deixando qualquer outra razão de lado, essas insinuações e tentativas, todo o rito de fazer a corte, repetidas vezes... isso interfere no meu trabalho. Estou desenvolvendo algumas idéias sobre núcleos planetários. Preciso de concentração. Uma ligação duradoura ajudaria.

— Não quero ter compromisso com ninguém — ele disse num tom irritado.

Chi-Yuen abraçou-lhe os ombros.

— Eu sei disso. Não estou pedindo. Nem oferecendo. Simplesmente a cada vez que conversamos, dançamos ou passamos uma noite juntos, fui gostando mais e mais de você. Você é geralmente um homem tranqüilo, forte, cortês, pelo menos comigo. Podíamos viver felizes — nada exclusivo de ambos os lados, só uma aliança, mas assumida diante de toda a nave. Que dure tanto quanto nós dois quisermos.

— Está feito! — ele exclamou e a beijou.

— Assim tão depressa? — ela perguntou, atônita.

— Eu também pensei no caso. Também estou cansado de procurar aqui e ali. Deve ser

bom viver com você. — Ele a pegou com uma das mãos e apertou. — Muito bom.

— Está falando isso de coração? — Chi-Yuen perguntou e riu em seguida. — Não, desculpe, perguntas desse tipo estão excluídas... Não quer se mudar para minha cabina? Maria Toomajian não se importará de trocar de lugar com você. Ela já mantém sua parte separada da minha.

— Está ótimo — disse ele. — Ainda teremos, meu bem, quase uma hora antes da chamada para o café...

Leonora Christine estava se aproximando do terceiro ano de sua jornada, ou do décimo ano a contar do tempo das estrelas, quando o desastre a atingiu.

Capítulo 7

UM OBSERVADOR externo, imóvel com relação às estrelas, podia ter visto a coisa antes dela, pois à sua velocidade, era preciso correr meio às cegas. Mesmo sem melhores sensores que os seus, ele teria sabido do desastre algumas semanas antes. Mas não haveria nenhum meio de transmitir o alerta.

E de qualquer modo, não existia nenhum observador: somente a noite, salpicada com uma multidão de remotos sóis, a catarata gélida da Via Láctea e o raro brilho fantasmagórico de uma nebulosa ou de uma galáxia irmã. A nove anos-luz do Sol, a nave estava implacavelmente só.

Um alarme automático despertou o Comandante Telander. Enquanto ele lutava para vencer o sono, a voz de Lindgren entrou no intercomunicador:

— *Kors i Herrens namn!*

O horror sacudiu-o, acordou-o de todo. Sem responder ao intercomunicador, saiu correndo da cabina. Se estivesse na cama, não teria parado nem mesmo para se vestir.

Por sorte, estava pronto. Embalado na monotonia da viagem, estivera lendo um romance tirado da biblioteca e cochilara em sua cadeira. Então, as mandíbulas do universo fecharam-se repentinamente.

Não reparou nos motivos alegres que cobriam as paredes do corredor, nem no chão coberto de grama artificial ou no cheiro de flores e umidade. As vibrações do motor batiam com força em sua cabeça. Sob a pressa dele, os degraus fizeram um barulho de metal, que o vão da escada fez ecoar.

Ele emergiu no pavimento acima e entrou na ponte de comando. Lindgren estava perto do videoscópio. Não era aquilo que importava; naquele momento a coisa pareceria quase um brinquedo. Toda a verdade que a nave podia informar estava nos instrumentos que brilhavam no painel de controle.

Os olhos de Lindgren insistiam no videoscópio. O comandante passou correndo por ela. O alerta que o convocara a seu posto ainda estava estampado num monitor ligado ao computador astronômico. Ele leu. A respiração sibilou entre seus dentes. Seu olhar correu pelos instrumentos e vídeos. Num deles, uma ranhura estalou e projetou uma figura. Ele a fixou. As letras e números representavam uma quantificação. Houve um detalhamento decimal depois que novos dados foram recebidos e novos cálculos foram feitos. O básico Mene. Mene permanecia imutável no painel.

Telander cravou o dedo no botão de alerta geral. Soaram sirenes; ecos circundaram os corredores. Ele ordenou no intercomunicador que todos que não estivessem de serviço na ponte de comando comparecessem ao auditório do ginásio. Pouco depois, acrescentou com voz áspera

que todos os canais de comunicação do ginásio ficariam abertos, para que as pessoas de alerta na ponte pudessem tomar parte da reunião da tripulação.

— Que vamos fazer? — Lindgren gritou em meio a um súbito silêncio.

— Receio que muito pouco — respondeu Telander dirigindo-se para o videoscópio. — Há alguma coisa visível aí?

— Muito pouco, eu acho. No quarto quadrante. Ela afastou-se do aparelho fechando os olhos. Telander percebeu que Lindgren deixara a projeção exatamente no alvo e olhou com atenção. Grandemente ampliado, o espaço o envolveu. A visão era um tanto borrada e distorcida. Os circuitos óticos não eram capazes de compensar com perfeição em velocidades como aquela. Mas Telander via as estrelas, pontos luminosos como o diamante, a ametista, o rubi, o topázio, a esmeralda, todo o tesouro de Fáfner. Perto do centro, ardia Beta Virginis. Devia parecer muito semelhante ao sol da Terra, mas algo de espectral tingia seu gélido azulado. Sim, no limite da percepção... que era aquilo? Aquela pequena nuvem enfumaçada... Seria ela capaz de aniquilar a nave e cinqüenta vidas humanas?

Ruídos quebraram sua concentração, gritos, passos nervosos, os sons do medo. Ele aprumou o corpo:

— Quero ir até a popa — disse em voz baixa. — Prefiro consultar Boris Fedoroff antes de comunicar à tripulação.

Lindgren deu um passo para acompanhá-lo.

— Não — disse Telander. — Fique na ponte.

— Por quê? — ela perguntou num tom irritado. — Regulamentos?

Ele abanou a cabeça.

— Sim. Você não está liberada do serviço. — Um sorriso amarelo tocou-lhe o rosto curvado. — A não ser que você acredite em Deus, os regulamentos são agora a única ajuda que temos.

Naquele momento, as cortinas e os murais do auditório do ginásio não tinham mais significado que as redes de basquete ou a aparição de alguém numa roupa eventualmente elegante. Ninguém perdeu tempo sequer em abrir as cadeiras. Todos estavam de pé. Todos os olhares se cravaram em Telander quando ele subiu ao tablado. Ninguém se mexia, exceto para respirar. O suor brilhava nos rostos e seu odor podia ser sentido. A nave sussurrava em volta deles.

Telander pousou os dedos no atril.

— Senhoras e senhores — começou em meio ao silêncio. — Tenho más noticias. Antes de mais nada — emendou de imediato — quero dizer que nossas perspectivas de sobrevivência

estão longe de serem desprezíveis, a julgar pelas informações que temos agora. Mas estamos em dificuldades, O risco não era imprevisível, mas, por sua própria natureza, é um risco contra o qual não podíamos tomar qualquer providência, pelo menos não nesse nosso estágio inicial de conhecimento de tecnologia de propulsão Bussard...

— Entre logo no assunto, maldição! — berrou Norbert Williams.

— Fique quieto! — disse Reymont.

Ao contrário da maioria das pessoas, que permaneciam juntas, de mãos dadas a seus pares, ele se mantinha à parte, perto do tablado. Espetara no macacão amassado o distintivo da autoridade.

— Você não tem o direito...

Alguém deve ter cutucado Williams, pois ele mergulhou no silêncio... A expressão de Telander tornou-se visivelmente mais tensa.

— Os instrumentos acabaram... acabaram de detectar um obstáculo. Uma pequena nebulosa, Extremamente pequena, uma nuvem de poeira e gás, não mais que alguns bilhões de quilômetros de uma ponta a outra. Está viajando numa velocidade anormal. Talvez seja um remanescente de alguma coisa maior expelida por uma supernova, um remanescente que ainda se mantém unido pela ação de forças hidromagnéticas. Ou talvez seja uma protoestrela. Eu não sei.

— O fato é que vamos colidir com ela. Em cerca de vinte e quatro horas, tempo de bordo. O que acontecerá então, também não sei. Com sorte, podemos resistir ao impacto sem sofrer algum dano mais sério. Caso contrário... se os campos se tornarem excessivamente sobrecarregados para nos proteger... bem, sabíamos que esta jornada teria os seus imprevistos.

Ouviu respirações fundas, como a sua própria respiração na ponte. Viu olhos ficarem brancos em volta, lábios tremerem, dedos traçarem riscos no ar.

— Não temos muito a fazer para nos preparar — ele prosseguiu. — Um pequeno reforço das defesas, sim, mas em geral a nave já tem o máximo de proteção possível. Quando a hora se aproximar, estaremos usando apetrechos contra choque e a armadura espacial. Assim... A reunião está agora aberta para a discussão.

A mão de Williams roçou como um foguete pelo ombro do alto M'Botu.

— Sim! — exclamou o comandante vendo a mão erguida.

O rosto avermelhado do químico mostrava mais indignação que medo.

— Senhor Comandante! A sonda robô não constatou perigos nesta rota. Pelo menos, não irradiou para a Terra nenhum vestígio deles. Certo? Quem é o responsável por nos mergulhar neste atoleiro?

As vozes se elevaram num rumor.

— Silêncio! — disse Charles Reymont.

Embora não falasse alto, tirava de tal forma o som ao fundo dos pulmões, que suas palavras ressoavam. Atiraram-lhe vários olhares ressentidos, mas todos ficaram em ordem.

— Pensei que houvesse explicado — disse Telander. — A nuvem é mensurável por padrões cósmicos, não luminosos, não detectáveis a grande distância. Possui alta velocidade, muitos quiloparsecs. Mesmo que a sonda tenha seguido uma trajetória idêntica à nossa, a pequena nebulosa estaria bem afastada nessa época... mais de cinqüenta anos atrás, não esqueçam Além disso... podemos ficar certos que a sonda não seguiu exatamente o nosso curso. Além do movimento relativo do Sol e de Beta Virginis, pensem na distância entre eles. Trinta e dois anos-luz é mais do que nossa pobre imaginação pode conceber. A mais leve variação nas curvas tomadas de estrela para estrela significa uma diferença de muitas unidades astronômicas no ponto intermediário.

— Esta coisa não podia ter sido prevista — Reymont acrescentou. — Era muito difícil de acontecer. Além disso, todo mundo tem de correr os seus riscos de vez em quando.

Telander se empertigou.

— Eu não o autorizei a falar, policial — disse. Reymont ficou vermelho.

— Comandante, eu estava procurando adiantar o assunto... Para que alguns cérebros obtusos não o obriguem a ficar explicando o óbvio até que sejamos despedaçados.

— Nada de insultos para os companheiros de bordo, policial. E por favor espere a sua vez de falar.

— Peço que me desculpe — disse Reymont entrelaçando as mãos e encolhendo-se um pouco.

Telander continuou, solícito:

— Por favor, não tenham medo de fazer perguntas, por mais elementares que pareçam. Todos vocês conhecem a teoria da astronáutica interestelar Mas eu, cuja profissão é essa própria astronáutica, sei muito bem como são estranhos os paradoxos que enfrentamos, como é difícil que a mente de alguém consiga concebê-los. Seria melhor que todos compreendessem exatamente o que estamos discutindo... Dra. Glassgold?

A bióloga molecular abaixou a mão e falou timidamente:

— Não podemos... quero dizer... objetos nebulares como esse seriam considerados vácuos absolutos na Terra, não é mesmo? E nós, nós estamos pouco abaixo da velocidade da luz, e ganhando mais velocidade a cada segundo, E também maior massa. Nosso *tau* inverso é no momento de aproximadamente quinze, eu creio. Isso significa que nossa massa é enorme. Então, como um pouco de poeira e gás pode nos atingir?

— Uma boa pergunta — disse Telander. — Se tivermos sorte, atravessaremos sem

excessivos contratempos. Mas não inteiramente livres de problemas. Lembre-se que a poeira e o gás estão se movendo igualmente rápidos com relação a nós, e com um aumento correspondente de sua massa.

— Os campos de força — continuou Telander — têm de funcionar com a pequena nebulosa, dirigindo o hidrogênio para o sistema de propulsão e afastando toda a matéria do casco Esta ação tem sua reação sobre nós. Além do mais, ocorrerá com extrema rapidez. O que os campos podem fazer em, digamos, uma hora, podem não ser capazes de fazer num minuto. Mas devemos esperar que possam, e que os componentes materiais da nave também possam resistir à pressão resultante.

— Conversei com o Engenheiro-Chefe Fedoroff em seu posto no comando. Na opinião dele, é provável que não venhamos a sofrer danos graves. Mas ele esclarece que seu ponto de vista é uma mera extrapolação. Numa era pioneira, é preciso aprender principalmente pela experiência. Mr. Iwamoto?

— Pssis-s-s! Será que não temos possibilidade de evitar o choque? Um dia do tempo de bordo corresponde a cerca de duas semanas de tempo cósmico, não? Será que não temos chance de contornar esta nebu... esta pequena nebulosa?

— Não, receio que não. Em nosso próprio sistema de coordenadas, estamos acelerando a aproximadamente três gravidades. Em termos do universo exterior, porém, essa aceleração não é constante, mas continuamente decrescente. Por conseguinte, não podemos alterar rapidamente o nosso curso. Mesmo um pleno vetor normal em nossa velocidade não nos desviaria o suficiente para evitar o encontro. E, além disso, não temos tempo de fazer os preparativos necessários a uma alteração tão drástica do padrão de vôo. Ah, Segundo-Engenheiro M'Botu?

— E se desacelerássemos, isso não ajudaria? Sem dúvida com um impulso de aceleração ou retardamento o choque será inevitável. Mas penso que desacelerar agora suavizaria a colisão.

— O computador não fez quaisquer recomendações a esse respeito. Provavelmente a informação é insuficiente. Na melhor das hipóteses, o percentual de diferença na velocidade seria mínimo. Receio... Acho que não temos alternativas exceto... ah...

— Entrar de cabeça — disse Reymont em inglês. Telander lançou-lhe um olhar de contrariedade. Reymont não pareceu prestar atenção.

À medida que a discussão progredia, o olhar do agente policial passava de um para outro que falava e as linhas entre a boca e as narinas se aprofundavam em seu rosto. Quando Telander deu a reunião por encerrada, Reymont não voltou para o lado de Chi-Yuen. Abriu caminho quase brutalmente entre as pessoas aglomeradas e deu um puxão na manga do comandante.

— Acho que seria melhor termos uma conversa particular, senhor — disse ele. Um hábito de falar sincopado, que já havia perdido, voltara nitidamente a seu sotaque,

— Agora não é hora de negar a ninguém acesso aos fatos, policial — disse Telander, com

frieza.

— Oh, chame a coisa de cortesia, se quiser... Podemos trabalhar sozinhos em vez de preocupar as outras pessoas — respondeu Reymont, com impaciência.

Telander suspirou.

— Então venha comigo até a ponte. Estou ocupado demais para conversas particulares.

Alguns outros também queriam falar com o comandante, mas Reymont repeliu-os com um olhar feroz e um berro.

— Sem dúvida você tem seus próprios métodos de agir — disse Telander, atravessando a porta do ginásio e forçando um sorriso.

— O senhor queria que eu fosse um homem cortês, que usasse de diplomacia? — perguntou Reymont. — Provavelmente todos esperam mais de mim que a mera cortesia.

— Talvez em Beta Três. Um especialista em resgate e situações de desastre pode ser bem-vindo *quando* estivermos lá.

— Mas o senhor está escondendo fatos, comandante. Está extremamente preocupado com a colisão. Acho que nossas chances não são assim tão boas como o senhor disse. Estou certo?

Telander olhou em volta e só respondeu depois de se ver sozinho com Reymont no vão da escada.

— Eu simplesmente não sei — disse em voz baixa. — E Fedoroff também não sabe. Até hoje nenhuma nave Bussard foi testada sob condições como as que temos pela frente. Mas é obvio! Vamos conseguir passar de um modo satisfatório ou vamos morrer. E se morrermos, não será por causa da radiação. Na realidade, se algum material da nebulosa penetrar na blindagem e nos atingir, seremos aniquilados... uma morte rápida e limpa. Mas não vejo razão para piorar as horas que restam ao nosso pessoal insistindo nessa possibilidade.

Reymont fechou a cara.

— O senhor esqueceu de mencionar uma terceira alternativa. Podemos sobreviver, mas em mau estado. .

— Mas como isso seria possível?

— É difícil dizer. Talvez o choque seja tão forte que tenha como conseqüência a morte de algumas pessoas... Pessoal chave, que não poderíamos nos dar ao luxo de perder... Embora não esteja dizendo que possamos perder qualquer um dos cinqüenta tripulantes.

Reymont refletia. Soavam passos num murmurar de grande atividade.

— De um modo geral, todos reagiram bem — disse. — Demonstraram coragem e sangue-frio, bem como inteligência e bom-senso. Mas sob certas circunstâncias, as reações podem não ser inteiramente satisfatórias. Suponhamos então que tenhamos mortes a bordo. Que fazer?

Quanto tempo resistirá o moral ou até mesmo o bom-senso da tripulação? Quero estar pronto para manter a disciplina.

— Numa situação dessas — Telander retrucou num tom novamente frio — por favor não esqueça que você está sob minhas ordens e sujeito aos regulamentos da expedição.

— Maldição! — explodiu Reymont. — Quem o senhor pensa que eu sou? Um pseudo-Mao Tsé-tung? Estou pedindo sua autorização para recrutar alguns homens dignos de confiança e prepará-los serenamente para enfrentar emergências. Vou distribuir armas entre eles, apenas coisas para aturdir. Se nada sair errado — ou se algo acontecer mas todos se comportarem adequadamente — o que temos a perder?

— A confiança mútua — disse o comandante.

Haviam chegado à ponte. Reymont entrou com o comandante, continuando a falar. Telander fez um sinal ríspido para que se calasse e caminhou até o painel de controle.

— Há alguma novidade? — perguntou.

— Sim. Os instrumentos começaram a esboçar um mapa de densidade — Lindgren respondeu. Recuara ao se deparar com Reymont e falara maquinalmente, sem olhar para ele. — Seria bom... — ela apontou para os monitores com os últimos dados.

Telander examinou-os.

— Hum... Podemos passar por uma região ligeiramente menos densa da nebulosa se gerarmos um vetor lateral ativando os desaceleradores. Número Três e Quatro em conjunção com todo o sistema acelerador... Um procedimento com certos riscos. Isso requer uma discussão.

O comandante tocou os controles do intercomunicador c falou rapidamente com Fedoroff e Boudreau.

— Na sala do comando. O mais rápido possível! Ele se virou para ir à reunião.

— Comandante... — Reymont insistiu.

— Agora não — disse Telander, as pernas cruzando rapidamente o convés.

— Mas...

— A resposta é não. Telander desapareceu pela porta.

Reymont ficou onde estava, a cabeça baixa e os ombros curvos. Não sabia para onde ir. Ingrid Lindgren o contemplava. Hesitou por algum tempo, um minuto ou mais, cronologia de bordo, que significava um quarto de hora nas vidas das estrelas e dos planetas. Depois falou muito suavemente:

— Que está querendo dele?

— Oh. — Reymont recobrou sua postura normal. — A ordem dele para recrutar uma

reserva policial. Ele me disse alguma coisa estúpida... sobre eu não confiar em meus companheiros.

Os olhos dos dois se encontraram.

— E não querer deixá-los em paz no que talvez sejam suas últimas horas de vida — disse ela.

Desde o rompimento, era a primeira vez que não se dirigiam um ao outro de um modo absolutamente formal.

— Eu sei — Reymont falou com veemência. — Acham que há pouca coisa a fazer, exceto esperar. Então, vão passar o tempo... conversando, lendo seus poemas preferidos, comendo suas comidas prediletas com uma quota extra de vinho, as garrafas vindas da Terra; ouvindo música, ópera, balé e teatro nos tapes da Terra ou, em alguns casos, fazendo alguma coisa mais animada, talvez mais obscena: fazendo amor. Especialmente fazendo amor.

— E isso é mau? — ela perguntou. — Se temos de desaparecer não devemos fazê-lo de um modo civilizado, decente, demonstrando amor pela vida?

— Sendo um pouco menos civilizados, e assim por diante, podíamos ampliar nossa chance de não desaparecer.

— Você tem tanto medo assim de morrer?

— Não. Eu simplesmente gosto de viver.

— É espantoso — disse ela. — Acho que você não pode conter seu caráter rude. Você tem esse tipo de base. Mas por que tanta relutância em superá-la?

— Francamente — ele respondeu — tendo visto em que a educação e a cultura transformam as pessoas, estou cada vez menos interessado em adquiri-las.

A indireta a atingiu. Com os olhos cheios d'água, aproximou-se dele:

— Oh, Carl — exclamou — vamos recomeçar novamente a velha briga, logo hoje, que pode ser nosso último dia de vida?

Ele permaneceu imóvel.

— Eu o amo — ela continuou. — Quero que você seja o meu parceiro na vida, o pai de meus filhos, não importa se em Beta Três ou na Terra. Mas estamos tão sós, todos nós estamos tão sozinhos aqui entre as estrelas. Precisamos dar aos outros o máximo de nossa amabilidade e conseguir isso deles também, ou nos sentiremos pior que mortos.

— A não ser que possamos controlar nossas emoções.

— Você pensa que houve qualquer emoção... qualquer coisa a não ser amizade e a vontade de ajudar Boris a vencer sua dor? Além... além de uma necessidade de ter certeza de que ele *não* estava seriamente apaixonado por mim. E afinal, os regulamentos dizem claramente

que não podemos ter casamentos formais a bordo, porque vivemos em muito pouco espaço e somos muito despojados...

— E por isso eu e você terminamos um relacionamento que se tornou insatisfatório.

— Você se ligou a muitas outras — ela se enfureceu.

— Por algum tempo. Até encontrar Ai-Ling. Enquanto você continua dormindo aqui e ali.

— Tenho necessidades normais. Eu não me fixei... não me comprometi outra vez — Lindgren engoliu em seco — como você.

— Eu não me comprometi, mas não se pode abandonar uma companheira quando as coisas estão negras. — Reymont abanou os ombros. — Não importa. Como você deixou claro, nós dois somos pessoas livres. Não foi fácil, mas finalmente eu me convenci que não era sensato, nem direito, conservar rancor porque você e Fedoroff praticaram essa liberdade. Não quero mais estragar sua diversão no fim do turno de serviço.

— Nem eu a sua — ela desviou bruscamente o olhar.

— Na realidade, estarei ocupado até quase o último minuto. Como não me permitiram recrutar ninguém, vou ter que solicitar voluntários.

— Você não pode!

— Eu não estava realmente proibido de agir assim. Pegarei, em caráter particular, alguns homens que estejam dispostos a me ajudar. Constituiremos uma força de alerta, preparada para fazer o que for necessário. Você pretende contar ao comandante?

Ela se afastou dele.

— Não — disse. — Por favor, vá embora.

As botinas de Reymont crepitaram pelo corredor.

Capitulo 8

FOI FEITO tudo que era possível. Vestidos com o traje espacial, atados em casulos de segurança que estavam ancorados às camas, a tripulação da Leonora Christine esperava o impacto. Alguns deixaram ligados os rádios em seus capacetes. Assim, podiam conversar com os companheiros de bordo; outros preferiam a solidão. Com as cabeças protegidas, um não podia ver o outro, nem coisa alguma, exceto o metal em seus capacetes.

A cabine de Reymont e Chi-Yuen era uma das mais melancólicas. Ela guardara as cortinas de seda que enfeitavam as paredes e o teto, a mesa de pés curtos que fizera para colocar um vaso da dinastia han com água e uma pedra, o pergaminho com suaves ilustrações e a caligrafia do avô, as roupas, o estojo de costura, a flauta de bambu. A luz fluorescente banhava com aridez as superfícies sem cores.

Mantiveram-se silenciosos por algum tempo, embora os rádios continuassem ligados. Reymont ouvia a respiração de Chi-Yuen e a batida lenta de seu próprio coração.

— Charles — ela chamou por fim.

— Sim? — ele respondeu com tranqüilidade.

— Tem sido bom estar a seu lado. Gostaria de poder tocá-lo.

— Eu também gostaria.

— Mas há um jeito. Deixe-me chegar ao seu eu.

Espantado, Reymont não teve resposta. Chi-Yuen continuou:

— Sempre manteve escondida a maior parte de você. Acho que não sou a primeira mulher a lhe dizer isso.

— Não é.

Chi-Yuen pôde ouvir como lhe foi difícil responder.

— Tem certeza que não está cometendo um erro?

— Que há para explicar? Não tenho nada a ver com aqueles tipos cujo principal interesse está em suas imundas e pequenas neuroses pessoais. Não num universo tão rico como esse.

— Você nunca mencionou sua infância, por exemplo — disse ela. — Eu partilhei a minha consigo.

Reymont quase rebentou numa gargalhada.

— Considere-se poupada. Os níveis mais baixos de Polyugorsk não eram nada agradáveis.

— Soube das condições de lá. Nunca pude entender como chegaram àquele ponto.

— O Departamento de Controle não podia agir. Não havia perigo para a paz mundial. Os chefes locais eram demasiado úteis, úteis em muitos sentidos às mais altas figuras nacionais para serem jogados fora. Como alguns dos senhores da guerra em seu país, eu creio, ou os leopardos em Marte antes da luta que provocaram. Havia muito dinheiro a ser ganho na Antártica, muito dinheiro para quem não se importasse em pilhar os últimos recursos, matar a última vida selvagem, saquear a última área branca... —Ele se interrompeu. Sua voz tinha se elevado. — Bem, tudo isso ficou para trás. Eu me pergunto se a raça humana se sairá melhor em Beta Três. Duvido disso.

— Quem o ensinou a se preocupar com essas coisas?

— Chi-Yuen perguntou num tom abafado.

— Para começar, um professor. Meu pai foi morto quando eu era criança e aos meus doze anos minha mãe estava quase consumida. Tínhamos este homem, porém, Sr. Melikot, um etíope. Não sei como ele acabou numa escala de nosso fim de mundo, mas vivia para nós e para o que ensinava... Nossas mentes começaram a despertar... Não sei se ele me fez um favor. Comecei a pensar e a ler; isso me levou a falar, a fazer coisas que me trouxeram problemas. Até que precisei escapulir para Marte, não importa como... Sim, acho que foi um favor no longo percurso...

— Você vê — disse ela, sorrindo no capacete — não é difícil tirar uma máscara.

— O que quer dizer? — ele perguntou. — Estou procurando agradá-la, apenas isso.

— Porque logo podemos estar mortos. E isso também me conta alguma coisa de você, Charles. Começo a ver o porquê das coisas, o homem detrás delas. Por que dizem que você era honesto mas muito seguro com o dinheiro no sistema solar, para lembrar apenas um detalhe banal. Por que você é freqüentemente ríspido... Por que nunca procura vestir-se bem, o que não lhe faria nenhum mal, e esconde sua possessividade atrás de frases como "Siga o seu caminho se não quer seguir o meu", que podem ser realmente terríveis e...

— Espere! Toda uma psicanálise tirada de alguns fatos elementares de quando eu era garoto?

— Oh, não, não! Seria ridículo, não há dúvida! Apenas um pouco de compreensão tirada do modo como você os contou. Um lobo à procura de uma toca.

— Pare!

— Evidentemente. Estou feliz que você... Não vou mais longe, jamais volto ao assunto, a menos que você queira. A conversa certamente se prolongava na consciência de Chi-Yuen, pois ela refletia:

— Sinto falta de animais. Mais do que podia esperar. Tínhamos carpas e pássaros canoros na casa de meus pais. Jacques e eu tivemos um gato em Paris. Até viajar assim tão

longe, nunca percebi que o resto da criação animal é uma parte grande do mundo. Grilos nas noites de verão, uma borboleta, um pássaro esvoaçante, peixes pulando na água, pardais numa rua, cavalos com narizes aveludados e cheiro de suor... Você acha que encontraremos alguma coisa parecida com os animais da Terra em Beta Três?

A nave colidiu.

Atingia muito rapidamente uma plena situação de choque máximo. A delicada dança das energias que compensavam as pressões da aceleração não podia continuar. Os coreógrafos do computador enviavam um circuito para romper, desativar esse sistema particular antes que um feedback positivo o destruísse.

Quem estava a bordo sentia o peso se modificar aos trancos. Um bolo enchia cada peito e sufocava cada garganta. A escuridão crescia ante os olhos. O suor explodia pelo corpo, os corações disparavam, os pulsos saltavam. Esses ruídos eram respondidos pela nave, um gemido metálico, um barulho de rachar e despedaçar. Não fora feita para suportar pressões como aquelas. As margens de segurança eram pequenas; a massa que enfrentava era grande demais. Ela comprimia os átomos de hidrogênio, que atingiam o peso do nitrogênio ou oxigênio; partículas de pó se transformavam em pequenos meteoros. A velocidade achatara longitudinalmente a nuvem; a nave romperia essa nuvem fina em minutos. Mas na realidade, a pequena nebulosa não era mais uma nuvem para a espaçonave. Era um muro sólido, bem compacto.

Os campos de força externos absorviam a carga, atiravam a matéria para o lado em torrentes turbulentas, protegiam o casco de tudo, exceto de partículas lentas. A reação era inevitável, sobre os próprios campos e, daí, sobre os aparelhos que, situados do lado de fora, produziam-nos e controlavam-nos. As estruturas rangiam. Os componentes eletrônicos se fundiam. Líquidos refrigerantes saltavam fervendo de recipientes espatifados.

Então, um dos geradores termonucleares parou.

As estrelas viam o evento de forma diferente. Viam uma tênue massa escura atingida por um objeto incrivelmente rápido e denso. As forças hidromagnéticas atacavam os átomos, faziam-nos rodopiar, ionizavam-nos, atiravam-nos em ondas. A radiação chamejava. O objeto estava encerrado num meteoro flamejante. Durante a hora de sua travessia, perfurou um túnel através da nebulosa. Esse túnel era maior que a broca, pois uma onda de choque se espalha ao redor, cada vez mais, destruindo qualquer densidade, atirando longe gotas e farrapos de substância.

Se um sol e planetas estivessem em embrião ali, agora jamais se formariam.

A nave invasora passou. Não perdera muita velocidade. Acelerando de novo, ela se distanciou para estrelas remotas.

Capítulo 9

REYMONT LUTOU para ficar alerta. Não devia ter ficado muito tempo atordoado. Teria sido muito? Todo som cessara. Estaria ensurdecido? Fora o ar expelido para o espaço por algum buraco? As paredes ainda estavam de pé ou a morte colorida de raios gama já o envolvia como neve?

Não. Quando escutou com atenção, percebeu a pulsação baixa e familiar do motor. O painel fluorescente logo brilhou diante dos seus olhos. A sombra do seu casulo de proteção caia sobre uma parede e tinha as pontas borradas, que indicavam atmosfera ampla. O peso voltara a ser de uma simples atmosfera. Pelo menos a maioria dos autômatos da nave devia estar funcionando,

— Ao diabo com o melodrama — ele ouviu a si mesmo dizer. Sua voz parecia vir de muito longe, como a voz de um estranho. — Temos de trabalhar.

Remexeu em seus arreios. Os músculos latejavam e doíam. Um pingo de sangue escorria-lhe da boca, com gosto de sal. Ou seria suor? Nichevo. Ele era prático. Esgueirou-se para fora da couraça, abriu o capacete, fungou (um cheiro leve de ozônio e coisa queimada, nada sério), saboreou um suspiro profundo.

A cabine estava de pernas para o ar. As gavetas do armário tinham sido lançadas para fora e derramado o que continham. Nada lhe chamou particularmente a atenção, mas Chi-Yuen não respondia ao seu chamado. Ele se esquivou entre as roupas espalhadas até ficar de pé. Tirou as luvas espaciais e soltou o capacete de Chi-Yuen. A respiração dela parecia normal, nenhum chiado ou gorgolejar que pudesse indicar um ferimento interno. Quando abriu uma pálpebra, a pupila estava dilatada. Provavelmente, havia apenas desmaiado. Reymont acabou de tirar a armadura espacial, pegou sua pistola de gás lacrimogêneo e a prendeu no cinto. Outros podiam precisar de mais ajuda que Chi-Yuen. Ele saiu da cabine.

Boris Fedoroff vinha descendo as escadas.

— Como estão as coisas? — Reymont saudou-o.

— Estou saindo para ver — disse Fedoroff atirando a cabeça para trás e desaparecendo.

Reymont sorriu asperamente e entrou na meia cabine de Johann Freiwald. O alemão também tirara o traje espacial e estava sentado na cama como um peso morto.

— Raus mit dir — disse Reymont.

— Minha cabeça dói como se houvesse uma carpintaria dentro dela — queixou-se Freiwald.

— Você se ofereceu para fazer parte de nosso esquadrão. Pensei que fosse um homem

corajoso.

Freiwald olhou para Reymont com ressentimento, mas se pôs de pé.

Os recrutas do policial Reymont passaram uma hora muito atarefada. Mas os astronautas profissionais estavam ainda mais ocupados, inspecionando, medindo, conferindo em silêncio. Isso não lhes dava muita chance de sentir dor ou terror. Os cientistas e técnicos não possuíam tal calmante. Podiam se sentir felizes pelo fato de estarem vivos e porque, aparentemente, a nave continuava navegando como antes. Mas por que então Telander não fazia uma comunicação? Reymont amontoou o pessoal no ginásio. Alguns começaram a fazer café e outros atendiam os feridos, que eram maioria. Por fim, Reymont sentiu que podia ir para a ponte de comando.

Como já fizera de outras vezes, parou para dar uma olhada em Chi-Yuen. Ela finalmente despertara. Havia se desamarrado, mas não tivera forças para remover toda a armadura espacial. Um brilho breve iluminou-lhe o rosto ao se deparar com Reymont.

— Charles — ela sussurrou.

— Como está você? — ele perguntou.

— Eu fiquei ferida e acho que estou inteiramente sem forças, mas...

Ele soltou-lhe o resto do traje espacial. Chi-Yuen tremia com a brusquidão dos movimentos de Reymont.

— Sem esta carga, você poderá se levantar e ir para o ginásio — disse ele. — O Dr. Latvala vai examiná-la. Ninguém tem ferimento muito grave e provavelmente você não será exceção. — Ele a beijou, um breve e inexpressivo roçar de lábios, — Lamento não ser mais cavalheiro... Estou com muito trabalho.

Reymont continuou sua ronda, A porta da ponte de comando estava fechada. Ele bateu.

— Não pode entrar — gritou Fedoroff lá de dentro. Espere que o comandante se comunique com você.

— Sou eu, o policial — Reymont respondeu.

— Bem, vá cumprir com os seus deveres.

— Já reuni os passageiros. Então ficando assustados. Já começaram a perceber que alguma coisa não está correndo bem, mas não sabem exatamente o quê. No estado de ânimo em que estão, logo vão começar a explodir. Talvez depois não possamos mais juntar os pedaços.

— Diga-lhes que logo emitiremos um comunicado — Telander gritou sem firmeza na voz.

— Será que o senhor mesmo não podia dar o recado? O intercomunicador está funcionando, não está? Diga-lhes que está fazendo uma avaliação exata dos danos para poder traçar um programa de imediata reparação. Mas sugiro, Senhor Comandante, que antes de mais nada me deixe entrar. Posso ajudá-lo a encontrar palavras para explicar o desastre.

A porta se escancarou. Fedoroff pegou o braço de Reymont e tentou puxá-lo para dentro. Reymont livrou-se com um movimento de judô. A mão ergueu-se, pronta para dar um golpe.

— Nunca mais faça isso — disse ele entrando na ponte e fechando a porta.

Fedoroff resmungou e cerrou os punhos. Lindgren correu.

— Não, Boris — implorou. — Por favor.

O russo sentou-se irritado. Todos contemplaram Reymont em extremo silêncio: o comandante, a primeira oficial, o engenheiro-chefe, o oficial de navegação, o diretor de biossistemas. O olhar de Reymont apenas passou por eles: os painéis tinham sofrido, várias agulhas de medidores se haviam torcido; viu monitores quebrados, fios rompidos e soltos.

— É esse o problema? — ele perguntou, apontando.

— Não — disse Boudreau, o navegador. — Temos sobressalentes.

Reymont dirigiu-se para o videoscópio. Os circuitos compensadores também estavam pifados. Ele passou para o periscópio eletrônico e pôs o rosto dentro da cúpula.

Um simulacro hemisférico saltou da escuridão para o seu campo visual. Revelava o cenário distorcido que ele teria testemunhado fora da nave. As estrelas se apinhavam à frente e fluíam esparsamente à meia nau; seu brilho era de raio-X, azul metálico e violeta. À popa, os padrões se aproximavam do céu familiar na Terra, mas apenas se aproximavam. Havia sóis avermelhados como brasas, como se o tempo os estivesse extinguindo. Reymont ficou um pouco sobressaltado e trouxe de volta a cabeça ao aconchego da ponte de comando.

— Bem? — ele perguntou.

— O sistema desacelerador... — Telander pôs as mãos no peito. — Não podemos parar.

Reymont não mostrou qualquer emoção.

— Continue — disse.

Fedoroff falou. Suas palavras tinham um forte tom de desprezo.

— Você se lembrará, eu acho, que tínhamos ativado a parte desaceleradora do modulo Bussard para produzir e operar duas unidades. O sistema delas é distinto dos aceleradores, já que para desacelerar não empurramos nenhum gás através de um motor a reação, mas revertemos o seu movimento.

Reymont não reagiu ao insulto. Lindgren prendeu a respiração. Pouco depois, Fedoroff assumiu um tom mais grave.

— Bem — ele disse fatigado — os aceleradores também estavam sendo utilizados, num nível muito mais alto de potência. Foi sem dúvida por isso que a força de seus campos nos protegeu. Os desaceleradores... pronto!, ficaram arruinados.

— Como?

— Só podemos concluir que seus controles e geradores externos sofreram algum dano material e que a reação termonuclear que os ativava se extinguiu. Como os instrumentos conectados ao sistema não estão reportando nenhum dado — devem estar quebrados — não podemos dizer exatamente o que funciona mal.

Fedoroff contemplou o convés. Suas palavras ficaram sem resposta. Fora antes um solilóquio que um relatório. Mas um homem desesperado recita repetidamente os fatos óbvios:

— Enfrentando aquelas circunstâncias, os desaceleradores devem ter ficado sujeitos a uma pressão maior que os aceleradores. Suponho que aquelas forças, reagindo através dos campos hidromagnéticos, tenham quebrado a armação material naquela parte do módulo Bussard.

— Sem dúvida poderíamos fazer reparos se pudéssemos sair. Mas teríamos de chegar demasiado perto da bola de fogo do núcleo de força do acelerador, em seu recipiente magnético próprio. A radiação nos mataria antes que pudéssemos fazer qualquer trabalho útil. A mesma coisa se aplica a qualquer robô movido por controle remoto que pudéssemos construir. Vocês sabem o que a radiação a esse nível faz aos transistores, por exemplo. E não estou mencionando os efeitos indutivos dos campos de força.

— Evidentemente podemos cortar os aceleradores. Isso significaria um corte em toda a estrutura de campos, incluídos os filtros, que só um núcleo de força no exterior pode manter. A uma velocidade como a nossa, o bombardeamento de hidrogênio liberaria íons e raios gama numa quantidade suficiente para fritar num minuto todo mundo a bordo.

Fedoroff mergulhou no silêncio. Parecia mais uma máquina que houvesse parado do que um homem que terminasse uma exposição.

— Estamos sem qualquer controle direcional? — Reymont perguntou, ainda sem expressão.

— Não, não, temos esse controle — disse Boudreau. — Podemos fazer variar o padrão de aceleração. Podemos desativar qualquer um dos quatro venturis e intensificar quaisquer outros, obter tanto um vetor lateral quanto um vetor para a frente. Mas não importa que trajetória tomemos, devemos continuar acelerando ou morrer.

— Acelerando para sempre — disse Telander.

— Pelo menos — Lindgren murmurou — podemos nos manter na galáxia. Girando sempre em seu núcleo. — Seu olhar foi para o periscópio e todos perceberam o que ela pensava: atrás daquela cortina de estranhas estrelas azuis, escuridão, vazio intergalático, havia um último exílio.

— Pelo menos... podemos envelhecer... com sóis à nossa volta, Mesmo se jamais tocarmos outra vez um planeta.

As feições de Telander se contorceram.

— Como vou dizer isso ao nosso pessoal? — falou melancolicamente.

— Não há nenhuma esperança para nós? — disse Reymont, antes afirmando que perguntando.

— Nenhuma — respondeu Fedoroff.

— Oh, podemos viver o resto de nossas vidas... e atingir uma idade razoável, mesma se não chegarmos à faixa que os tratamentos antienvelhecimento normalmente permitiriam — disse Pereira. — Os biossistemas e todo o aparato do ciclo orgânico estão intactos. Podemos até mesmo aumentar sua produtividade. Não temer fome, sede ou sufocamento. Sem dúvida a ecologia fechada e as reciclagens não são cem por cento eficientes. Sofrerão lentas perdas, lenta degradação. Uma espaçonave não é um mundo. O homem não é um construtor em larga escala e um projetista tão hábil quanto Deus. — Pereira sorriu de modo desagradável e prosseguiu: — Não acho aconselhável que tenhamos filhos. Eles viveriam tentando respirar novidades, como acetona, por exemplo; não disporiam de substâncias como o fósforo e sufocariam em coisas como a cera de ouvido e o cotão do umbigo. Mas creio que podemos tirar cinqüenta anos de vida de nossos dispositivos. Nas atuais circunstâncias, isso já me parece muito bom.

Lindgren parecia imersa num pesadelo. Fitava a parede como se pudesse ver através dela:

— Quando o último de nós morrer — disse — deve acionar um mecanismo automático para desativar a nave. A nave não deve continuar viajando após nossas mortes. Devemos deixar a radiação fazer seu trabalho, a fricção cósmica deixá-la em pedaços e os pedaços serem carregados para longe.

— Por quê? — perguntou Reymont.

— Mas não é óbvio? Se entrarmos numa trajetória circular .. consumindo hidrogênio, viajando sempre mais depressa, fazendo o *tau* cair cada vez mais baixo... Quando se passarem milhares de anos a massa da nave será excessiva. Pode *acabar* devorando a galáxia.

— Não, nada disso — disse Telander num tom um pouco pedante — Já vi alguns cálculos. Alguém já havia se preocupado com a possibilidade de uma nave Bussard ficar fora de controle. Como Mr. Pereira observou, qualquer trabalho humano é insignificante nas dimensões do cosmos. O *tau* teria de se tornar alguma coisa como, digamos, dez elevado a menos dez para que a massa da nave se tornasse igual à massa de uma das menores estrelas. E as possibilidades da nave colidir com qualquer coisa mais importante que uma nebulosa são, literalmente falando, astronomicamente desprezíveis. Além disso, sabemos que o universo é finito, tanto em tempo quanto em espaço. Ele pararia de se expandir e entraria em colapso antes que nosso *tau* chegasse tão baixo. Vamos morrer. Mas o cosmos está salvo de nós.

— Quanto tempo podemos viver? — Lindgren perguntou.

Pereira ia falar, mas ela o interrompeu.

— Não digo potencialmente. Se você disser meio século, acredito. Mas acho que num ano ou dois vamos parar de comer, cortar nossas gargantas ou concordar em desligar os aceleradores,

— Não, se eu puder impedi-los — Reymont falou bruscamente.

Ela o olhou com tristeza.

— Você quer dizer que poderia continuar... não apenas isolado dos outros homens, da Terra viva, mas de toda a criação?

Ele devolveu-lhe um olhar firme. Sua mão direita estava pousada na coronha da pistola.

— Você não teria estômago para isso? — respondeu.

— Cinqüenta anos dentro deste caixão voador! — ela quase gritou.— Quantos anos se passariam lá fora?

— É fácil saber — lembrou Fedoroff abraçando-a pela cintura. Ela se grudou a ele e respirou fundo.

Boudreau falou com a mesma voz meticulosamente fria de Telander:

— A relação tempo parece ser um tanto acadêmica para nós, *n'est-ce pas?* Depende do curso que tomarmos. Se continuarmos seguindo diretamente à frente, sem dúvida encontraremos um meio-ambiente mais rarefeito. A taxa de diminuição do *tau* ficará proporcionalmente menor quando entrarmos no espaço intergalático Ao contrário, se passarmos para uma trajetória cíclica que nos faça seguir pelas mais densas concentrações de hidrogênio, podemos atingir um *tau* inverso muito grande. Podemos ver, então, bilhões de anos passarem. Isso pode ser maravilhoso. — Seu sorriso foi forçado, um lampejo entre a barba cerrada. — Temos a companhia uns dos outros. Uma boa companhia. Concordo com Charles. Há maneiras melhores de se viver, mas também piores.

Lindgren afundou a cabeça no peito de Fedoroff. Ele pôs a mão em seus cabelos e acariciou um tanto desajeitado. Pouco depois (mais ou menos uma hora na história das estrelas) , ela ergueu novamente o rosto.

— Sinto muito — disse, sufocando um soluço. — Vocês têm razão. Temos a companhia uns dos outros.

O olhar de Lindgren correu entre eles, terminando em Reymont.

— Como vou dizer isso aos outros? — implorou o comandante.

— Sugiro que não conte nada — respondeu Reymont. — Deixe a primeira oficial dar as notícias.

— Quê? — Lindgren exclamou.

— Você é uma pessoa *simpática* — ele respondeu. — Lembro-..

Ela se livrou do braço de Fedoroff e deu um passo em direção de Reymont.

O policial aprumou bruscamente o corpo. Ficou cego um momento diante de Lindgren, depois se desviou dela e defrontou o navegador.

— Ei! exclamou. — Tive uma idéia. — Você sabe...

— Se você pensa que eu vou... — Lindgren tinha começado a dizer.

— Agora não — Reymont respondeu. — Auguste, venha depressa ao convés. Temos de usar um pouco a imaginação... rápido!

Capítulo 10

O SILÊNCIO se tornava cada vez maior. No tablado, junto de Lars Telander, Ingrid Lindgren fitava seus companheiros de bordo. Eles lhe devolviam o olhar, mas ninguém naquela sala encontrava palavras.

As dela tinham sido bem escolhidas. A verdade era menos brutal em sua boca que na boca de qualquer homem. Alas quando chegou ao meio de sua planejada exposição não pôde continuar.

— Nós perdemos a Terra, perdemos Beta Três, perdemos a humanidade a que pertencemos. Sobrou-nos coragem, amor e, sim, esperança.,.

Ela ficou com os lábios presos entre os dentes, os dedos torcidos e apertados. Lágrimas caíram lentamente de seus olhos.

Telander interferiu.

— Ah... se me dão licença — tentou retomar — por favor prestem atenção. Existe um meio...

Com seu tom de trovoada distante, a nave zombava dele.

Glassgold perdeu o controle. Não chorava alto, mas sua luta para sufocar os soluços tornava mais terrível o som do pranto. A seu lado, M'Botu tentava consolá-la. Ele, porém, vestira uma couraça de tamanho estoicismo que mais parecia um robô. Iwamoto afastou-se alguns passos deles dois, deles todos; parecia puxar sua alma para dentro de algum nirvana e fechar a porta com tranca. Williams sacudia seu punho para o alto e praguejava. Outra voz, uma voz feminina, começou a se lamentar. A mulher observava o homem que lhe fazia companhia:

— Você, para toda a minha vida? — disse afastando-se dele.

Ele a tentou seguir, mas deu um encontrão num tripulante que xingou e ameaçou brigar se o outro não se desculpasse. Um fervilhar percorreu toda a massa humana,

— Escutem — disse Telander. — Por favor, escutem!

Reymont sacudiu o braço que Chi-Yuen Ai-Ling segurava e pulou da primeira fila da assistência para o tablado.

— Desse jeito o senhor nunca vai convencê-los — ele declarou em voz baixa. — Está acostumado a lidar com profissionais disciplinados. Deixe-me cuidar desses civis. — E virando-se para eles: — Quietos, aí! — O seu berro ecoou em torno. — Fechem as matracas. Comportem-se como adultos pelo menos uma vez na vida. Não temos ninguém para trocar-lhes as fraldas.

Williams gania de rancor. M'Botu rangia os dentes. Reymont puxou sua pistola de gás.

— Fiquem em seus lugares!

Ele baixou o volume de sua voz, mas todos ouviram.

— O primeiro que se mexer vai ficar fora de combate. E mais tarde será submetido a uma corte marcial. Sou o agente de segurança desta expedição e pretendo manter a ordem e uma efetiva cooperação. — Teve um olhar de malícia e prosseguiu: — Se acham que estou abusando de minha autoridade, serão bem-vindos ao registrar a queixa no departamento apropriado em Estocolmo. Por ora, vão fazer o que eu digo!

As chicotadas de sua língua ativavam a adrenalina da tripulação, que retomou vigorosamente o autocontrole. Olhavam com ar ameaçador, mas se mantinham de prontidão.

— Bom — a voz de Reymont se suavizou e sua arma voltou ao coldre. — Não vamos falar mais nisso. Entendo que tiveram um choque que nenhum de vocês estava psicologicamente preparado para enfrentar. De fato, temos um problema. E ele tem uma solução, se pudermos trabalhar em conjunto. Eu repito: se.

Lindgren havia engolido o choro.

— Acho que eu devia... — disse olhando para Reymont. Ele balançou a cabeça e ela continuou: — Não podemos reparar os desaceleradores porque não podemos desligar os aceleradores. A razão, como sabem, é que em altas velocidades devemos ter os campos de força de um dos dois sistemas para nos proteger do gás interestelar. Assim, parece que estamos encerrados neste casco. Bem, eu também não gosto da perspectiva, embora acredite que possamos suportá-la. Os monges medievais aceitaram coisa pior.

— Mas discutindo o problema na ponte de comando — ela continuou — tivemos uma idéia. Uma possibilidade de escapar, se houver nervos e determinação. O Oficial de Navegação Boudreau fez uma exposição preliminar. Depois chamamos o professor Nilsson para termos a opinião de um perito.

Ela apontou o astrônomo, que assumiu um ar importante. Jane Sadler parecia menos impressionada que os outros.

— Temos uma chance de sucesso — Reymont informou.

Um som como um vento atravessou a assembléia:

— Não nos faça esperar! — gritou a voz de um homem jovem.

— Estou contente de ver algum entusiasmo — disse Reymont. — Mas temos de manter as rédeas apertadas ou estaremos acabados. Para abreviar ao máximo (o Comandante Telander e os especialistas entrarão depois nos detalhes), a idéia é a seguinte: se pudermos encontrar uma região — seu timbre podia ter sido usado para descrever um novo método de escrituração mercantil — uma região onde o gás seja praticamente inexistente, podemos desligar com

segurança os campos e nossos engenheiros podem sair e reparar o sistema desacelerador. Os dados astronômicos não são tão precisos quanto gostaríamos. Mas, ao que parece, de uma ponta a outra da galáxia, e mesmo no espaço intergalático das proximidades, o meio é demasiado denso. Sem dúvida, lá o meio é muito mais rarefeito do que aqui, mas ainda assim é excessivamente grosso, em termos de colisão de átomos por segundo, para nos matar se estivermos sem nossa proteção.

— Geralmente, as galáxias ocorrem em grupos — continuou Reymont. — Nossa galáxia, as Nuvens de Magalhães, M31, Andrômeda e treze outras, grandes e pequenas, constituem um desses grupos. O volume que ele ocupa é de aproximadamente seis milhões de anos-luz de uma ponta à outra. Além desse limite, há uma distância enormemente grande até a próxima família galática. Por coincidência, essa outra família também fica no signo zodiacal de Virgem: a quarenta milhões de anos-luz daqui.

— É nessa extensão que esperamos que o gás seja suficientemente rarefeito para não precisarmos de proteção.

Um murmúrio começou a se elevar. Reymont levantou ambas as mãos.

— Esperem, esperem! — disse rindo. — Não se preocupem. Sei o que estão querendo dizer. Quarenta milhões de anos-luz é impossível. Nosso *tau* não chega para tanto. Uma razão de cinqüenta, cem ou mil não é nada boa para nós. De acordo. *Mas...*

A última palavra tranqüilizou a assistência. Ele encheu os pulmões.

— Mas lembrem-se — continuou — , não temos limite para nosso *tau* inverso. E podemos acelerar a muito mais que três gravidades se ampliarmos nossos campos côncavos e escolhermos uma trajetória através de partes da galáxia onde a matéria seja densa. Os parâmetros que estivemos usando estavam determinados por nosso curso para Beta Virginis. A nave não estava mais restrita a eles. O Navegador Boudreau e o Professor Nilsson estimam que podemos viajar a uma média de dez gravidades, muito provavelmente até mais. O Engenheiro Fedoroff está praticamente certo que o sistema acelerador pode suportar isso, após algumas modificações que devem ser feitas.

— Então... Esses senhores fizeram cálculos aproximados. Os resultados indicam que podemos nos sacudir em volta da galáxia, executando uma curva para o centro até mergulhar diretamente em sua direção e, sempre espiralando, sair novamente deste lado. Qualquer outro curso nos retardaria. Em nossa velocidade, não podemos fazer uma curva de trezentos e sessenta graus! O procedimento que indiquei nos permitirá adquirir o *tau* necessário. Não esqueçam, ele vai decrescer continuamente. Nossa corrida para Beta Três teria sido muito mais rápida se não tivéssemos que começar a desacelerar no ponto intermediário; se, em vez de brecar a meio caminho, continuássemos simplesmente forçando mais e mais velocidade.

— O Navegador Boudreau estima... estima, não esqueçam... Ainda teremos de reunir alguns dados novos, mas numa suposição bem informada, considerando a velocidade que já temos, ele acha que podemos acabar de percorrer esta galáxia e começarmos a nos afastar dela

num ano ou dois.

— De quanto seria o tempo cósmico? — soou uma voz da assistência.

— Quem se importa com isso? — Reymont retorquiu. — Vocês conhecem as dimensões. O disco galático tem cerca de cem mil anos-luz de uma ponta à outra. No momento presente, estamos a trinta mil anos-luz do centro. Uma ou duas centenas de milênios no conjunto? Quem pode dizer? Tudo vai depender da trajetória que tomemos, que por sua vez dependerá do que a observação de longo alcance nos puder mostrar.

— Já sei — ele continuou apontando um dedo para os tripulantes. — Vocês se perguntam o que acontecerá se colidirmos com uma nuvem como a que nos jogou nesta miserável situação. Tenho duas respostas. Primeiro, precisamos assumir alguns riscos. Mas em segundo lugar, como nosso *tau se* torna cada vez menor, seremos capazes de *usar* regiões cada vez mais densas. Teremos massa demais para sermos afetados. Estão vendo? Quanto maior massa possuímos, mais massa podemos obter e mais rápido andará o tempo de bordo. Provavelmente podemos deixar a galáxia com um *tau* inverso da ordem de cem milhões. Nesse caso, pelos nossos relógios, estaremos fora de toda essa família galática em dias!

— Como podemos voltar? — Glassgold perguntou...

mas atenta e interessada.

— Não voltaremos — Reymont admitiu. — Vamos nos manter no grupo de Virgo. Vamos reverter o processo, desacelerar, entrar numa das galáxias-membros, fazer nosso *tau* chegar a um nível razoável e começar a procurar um planeta onde possamos viver.

— Sim, sim, sim! — ele repetiu abruptamente no renovado fluxo de sua fala. — Milhões de anos no futuro. Milhões de anos-luz à frente. A raça humana muito provavelmente extinta... neste canto do universo. Bem, não podemos começar de novo, em outro tempo e lugar? Ou preferiríamos nos sentar dentro de uma concha de metal sentindo pena de nós mesmos até ficarmos senis e morrermos sem filhos? Espero que saibam agüentar o rojão e colocar seus cérebros para funcionar. Sou a favor de irmos em frente até o máximo de nossas forças. Tenho vocês em alta conta e acredito que concordarão comigo. E, se houver alguém que veja as coisas de outro modo, espero que tenha a gentileza de sair do nosso caminho.

Reymont desceu com arrogância do tablado.

— Ah... Oficial de Navegação Boudreau, Engenheiro-Chefe Fedoroff, Professor Nilsson — disse Telander. — Querem vir aqui? Senhoras e senhores, a assembléia está aberta para discussões gerais...

Chi-Yuen apertou Reymont entre os braços.

— Você esteve maravilhoso — ela soluçou.

Os lábios dele se apertaram. Seu olhar passou por Chi-Yuen, por Lindgren, pelas pessoas reunidas e se deteve nas paredes que o cercavam.

— Obrigado — respondeu laconicamente. — Não foi nada.

— Oh, mas foi! Você nos devolveu a esperança. Estou orgulhosa de viver a seu lado.

Reymont parecia não estar ouvindo.

— Qualquer um podia ter exposto uma idéia nova e brilhante — disse. — Eles se agarrariam de imediato a qualquer coisa. Eu apenas ajudei a desembaraçar as idéias. E quando aceitam o programa, aí é que começam os verdadeiros problemas.

Capítulo 11

Os CAMPOS de força se deslocaram. Não eram tubos e placas estáticos. O que os formava era o jogo incessante de vibrações eletromagnéticas, cuja produção, propagação e heterodinamismo precisava estar sob controle a cada bilionésimo de segundo, do nível quântico ao cósmico. Como as condições externas — densidade da matéria, radiação, intensidades do campo de choque, curvatura gravitacional do espaço — modificavam-se a cada instante, sua reação sobre a rede imaterial da nave era registrada e os dados enviados para os computadores. Manejando mil séries simultâneas de Fourier como a menor de suas tarefas, essas máquinas mandavam de volta as respostas, e os dispositivos de controle e geração, flutuando à popa do casco no vórtex de sua própria potência, faziam os delicados reajustes. A corda bamba dessa homeostasia, passando pela possibilidade de uma resposta imprópria ou meramente tardia (o que significaria distorção e colapso dos campos, uma destruição da nave como a explosão de uma supernova) envolvia um comando humano. Ele se tornava parte dos dados. Uma entrada a estibordo alargou-se, uma entrada a bombordo foi fechada: cuidadosamente, cuidadosamente. Leonora Christine oscilou para seu novo curso.

As estrelas viram o pesado movimento de uma massa cada vez maior e mais achatada, levando meses e anos para fazer um desvio significativo de sua trajetória original. Não que o objeto sobre o qual brilhavam fosse lento. Era uma concha de incandescência do tamanho de um planeta, onde os átomos eram capturados por suas franjas de força mais exteriores e transformados em radiação térmica, fluorescente, sincrotrônica. E essas franjas vinham logo depois da onda que anunciava a sua marcha. Mas a luminosidade da espaçonave logo se perdia através de anos-luz. Sua passagem arrastava-se por entre abismos que, aparentemente, não tinham fim.

No tempo próprio da nave, a história era outra. Ela se movia num universo que era cada vez mais estranho: envelhecendo mais rapidamente, mais compacto, mais comprimido. Assim, continuava se ampliando a taxa em que podia engolir hidrogênio, queimar parte de sua energia e atirar o resto num jato flamejante de milhões de quilômetros. Cada minuto, contado pelos seus relógios, tirava uma fração maior do seu *tau* que o minuto anterior.

A bordo, nada se modificava. O ar e o metal ainda transmitiam o pulsar da aceleração, cuja potência efetiva continuava sendo de cerca de uma gravidade. A usina de força interna continuava a fornecer luz, eletricidade, temperaturas uniformes. Os biossistemas e ciclos orgânicos reclamavam oxigênio e água, processamento das perdas e fabricação de alimentos para sustentar a vida. A entropia aumentava. As pessoas ficavam mais velhas à antiga taxa de sessenta segundos por minuto, sessenta minutos por hora.

Essas horas, porém, eram cada vez menos relacionadas às horas e anos que se passavam lá fora. O isolamento fechava-se como garras sobre a nave.

Jane Sadler executou uma balestra. Johann Freiwald procurou se esquivar. Os floretes retiniram num golpe. Imediatamente, ela espetou.

— *Touché!* — ele admitiu. — Você teria furado o meu pulmão esquerdo num duelo real — continuou, rindo atrás da máscara. — Está aprovada no teste.

— Não tão cedo — disse ela com voz ofegante. — Mais... um minuto e... eu... teria sentido... falta de ar. Meus joelhos já estavam... bambos.

— Por hoje chega — declarou Freiwald.

Os dois tiraram da cabeça seus escudos de proteção. O suor escorria pelo rosto de Sadler e grudava-lhe o cabelo à testa; sua respiração era barulhenta, mas os olhos brilhavam.

— Um bom exercício!

Ela deixou-se cair numa cadeira. Freiwald a acompanhou. Àquela hora da noite, conforme o tempo de bordo, tinham o ginásio só para eles. Parecia enorme, vazio, fazendo com que se sentassem um ao lado do outro.

— Vai ver que é mais fácil praticar com outras mulheres — disse Freiwald. — Acho que seria bom começar logo a ensiná-las.

— Eu? Instruir uma mulher na esgrima em meu estágio?

— Mas vou continuar a trabalhar você — disse Freiwald. — Pode se manter sempre à frente de suas alunas. Preciso começar com os homens. Se o esporte despertar o interesse que espero, vou precisar tirar um tempinho para fabricar o equipamento. Além de novas máscaras e floretes, vamos precisar de espadas e sabres. Não podemos nos atrasar.

A alegria de Sadler se dissipou. Ela examinou Freiwald com o olhar.

— Você propôs a esgrima por sua própria conta? Achei que, como era a única pessoa que lutava esgrima na Terra, estava querendo parceiros.

— Eu apenas mencionei a esgrima, mas a idéia de praticá-la foi do agente Reymont. Ele me conseguiu o material para produzir o equipamento. Você sabe, precisamos manter uma boa forma física...

— E distrair nossas mentes da situação em que estamos — disse ela asperamente.

— Um corpo são ajuda a conservar uma mente sã. Se você for para a cama cansada, não vai ficar acordada remoendo pensamentos.

— Sim, eu sei. Elof... — Sadler se deteve.

— Talvez o Professor Nilsson esteja envolvido demais no trabalho — Freiwald se atreveu a dizer. O olhar se desviou dela, o florete curvou nas mãos.

— E é bom que esteja! — Jane respondeu. — A não ser que possamos aperfeiçoar a instrumentação astronômica, a base de nossa trajetória extragalática serão meras hipóteses de trabalho.

— Certo, certo. Mas acredito, Jane, que, mesmo com tanto trabalho, seu companheiro seria muito beneficiado se fizesse algum exercício.

— Está ficando cada dia mais difícil viver com ele

— Jane admitiu com relutância e partiu para a ofensiva:

— Então, Reymont indicou um treinador...

— Informalmente — disse Freiwald. — Ele insistiu para que eu assumisse uma liderança, desenvolvesse esportes novos, atraentes... Bem, extra-oficialmente sou um de seus auxiliares.

— Hum... hum. E ele próprio não se dispõe a se colocar à frente desse campo esportivo. Todos perceberiam suas motivações, ninguém o veria como um instrutor, toda a alegria ia embora. O pessoal ia se afastar aos bandos. — Sadler sorriu. — OK, Johann. Conte comigo em sua conspiração.

Ela ofereceu a mão. Ele apertou. O aperto de mão se prolongou.

— Vamos encerrar essa conversa mole e dar um bom mergulho na piscina — Jane propôs.

— Não, obrigado — ele respondeu sem jeito. — Não esta noite. Nós estaríamos sozinhos. E eu não me atrevo a ficar mais tempo sozinho com você, Jane.

Leonora Christine encontrou outra região de forte densidade de matéria. Era mais tênue que a pequena nebulosa que a colocara em apuros e ela atravessou sem problemas. A travessia se estendeu por muitos parsecs. O *tau* diminuía num ritmo assombroso para a cronologia de bordo. Ao completar a travessia, a nave viajava tão rápido que o impacto com outra nuvem teria o mesmo efeito que o bombardeamento normal de um átomo por centímetro cúbico. A espaçonave não conservava apenas a velocidade que adquirira; conservava também a aceleração.

Os tripulantes continuavam seguindo impassivelmente o calendário da Terra, incluindo as observâncias das mínimas festas das diferentes regiões. Na sétima manhã de cada semana, o Comandante Telander conduzia seu punhado de protestantes para o serviço religioso.

Num determinado domingo, pediu que, após o ofício, Ingrid Lindgren, o procurasse em sua cabine. Telander já a esperava quando ela entrou. Sua beleza e uma saia vermelha curta contrastavam com os livros, a escrivaninha, os papéis. Embora Telander ocupasse um compartimento duplo, pouca coisa aliviava sua austeridade, a não ser alguns retratos de família e o modelo de uma nave clíper montada pela metade.

— Bom-dia — disse ele com a costumeira formalidade. Pousou a bíblia e tirou o colarinho do uniforme de gala. — Não quer sentar?

Como as camas estavam dobradas, havia espaço para duas poltronas.

— Vou pedir um café — disse Telander.

— Como foi o culto? — Lindgren perguntou, sentando-se diante dele, procurando timidamente entabular conversa. — Malcolm assistiu?

— Hoje não. Desconfio que nosso amigo Foxe-Jameson ainda não tem certeza se quer retornar à fé de seus pais ou continuar fielmente agnóstico. — Telander sorriu um pouco. — Mas ele virá, ele virá. Só precisa colocar na cabeça que é possível ser ao mesmo tempo cristão e astrofísico. E quando conseguiremos atraí-la, Ingrid?

— Provavelmente nunca. Se houvesse algum condutor inteligente atrás da realidade — e não temos evidência científica a favor disso — por que se preocuparia com um acidente químico como o homem?

— Você citou quase exatamente Charles Reymont, sabia ? — disse Telander.

Ingrid ficou com a fisionomia tensa.

— Um ser que se ocupa com tudo, dos quanta aos quasares, pode nos dispensar atenção. Prova racional... Mas não quero ficar repetindo velhos argumentos. Temos coisa mais urgente. — Ele ligou o intercomunicador com a cozinha.— Um bule de café, chantilly, açúcar e duas xícaras na cabine do comandante, por favor.

— Chantilly! — Lindgren murmurou.

— Não acho que a imitação dos nossos técnicos em alimentação seja má — disse Telander. — Aliás, Carducci está extremamente animado com a sugestão de Reymont.

— Qual foi?

— Que trabalhasse com a equipe de alimentação para inventar novos pratos. Não um bife tirado de algas e culturas de tecidos, mas coisas nunca experimentadas antes. Estou satisfeito que Carducci tenha encontrado uma motivação.

— Sim, como chefe de cozinha ele estava cometendo alguns deslizes.

O jeito descontraído de Lindgren enrijeceu. Ela bateu no braço da poltrona:

— Mas por quê? — explodiu. — O que está saindo errado? Tudo está saindo mais ou menos como planejamos. A moral não devia estar se decompondo assim tão depressa.

— Temos perdido toda a segurança...

— Eu sei, eu sei. E deviam as pessoas ser estimuladas pelo perigo? — A possibilidade de jamais terminarmos nossa viagem, bem, isso me atingiu muito, no início, sem dúvida... Mas acredito que eu tenha reagido!

— Você e eu temos um objetivo a cumprir — disse Telander. — Nós, a tripulação regular, nós somos responsáveis por vidas humanas. Isso ajuda. Mas mesmo nós... — ele hesitou. — O que eu queria conversar com você, Ingrid, é que estamos numa data crítica: na Terra fazem cem anos desde que partimos.

— Absurdo — disse ela. — O senhor não pode falar de simultaneidade sob essas condições.

— Está longe de ser psicologicamente absurdo — Telander respondeu. — Em Beta Virginis teríamos um fio de contato com o lar. Pensaríamos que, devido aos tratamentos de longevidade, os mais jovens que deixamos na Terra ainda estariam vivos quando voltássemos. Persistiria a idéia de que, se voltássemos, não íamos nos sentir absolutamente estranhos. Agora porém... o fato é que, de alguma forma, num sentido matemático ou não, os bebês que vimos no berço estarão, na melhor das hipóteses, chegando ao fim de suas vidas... É uma recordação muito penosa da Terra. Jamais poderíamos recuperar qualquer traço do que amamos outrora.

— Hum... m... m... Eu imagino. É como ver alguém de quem se gosta morrer lentamente por causa de uma enfermidade. Não ficarmos surpresos quando chega o fim, mas é o fim — Lindgren pestanejou: — Maldição!

— Você deve fazer o que puder para ajudá-los a atravessar essa fase — disse Telander. — Você sabe melhor do que eu como agir.

— O senhor também pode fazer muita coisa. O magro comandante balançou a cabeça:

— Não mais que você. Pelo contrário, estou me retirando.

— O que o senhor está querendo dizer? — ela perguntou com ar de alarme.

— Nada dramático — respondeu Telander. — Na situação imprevisível em que estamos, meu trabalho com os departamentos de engenharia e navegação ocupa a maior parte de minhas horas de vigília. Isso, sem dúvida, proporcionará uma cobertura para meu gradual afastamento da vida da comunidade a bordo da nave.

— Mas por que esse afastamento?

— Tive várias conversas com Charles Reymont. Ele tem levantado uma questão importante... um ponto crucial, eu creio. Quando a incerteza nos rodeia, quando o desespero está sempre à espreita para se apossar de nós... o indivíduo médio tem de sentir que sua vida está em mãos competentes. Naturalmente, ninguém vai conscientemente supor que o comando é infalível. Mas há necessidade inconsciente de uma tal aura. E eu... eu tenho minha cota de fraqueza e estupidez. Meu nível humano de discernimento não pode suportar ser diariamente posto à prova sob grande pressão.

Lindgren se curvou na poltrona:

— O que o policial quer de você?

— Que eu pare de agir sob uma base informal, íntima. A desculpa para o distanciamento será que eu não devo ser distraído pelos problemas cotidianos, que toda a minha atenção deve se concentrar em conduzir a nave com segurança entre as nuvens e agrupamentos da galáxia. É uma desculpa razoável e será bem aceita. Por fim, devo passar a fazer minhas refeições separadamente, aqui na cabine, exceto nas ocasiões de festa. Farei também aqui meus exercícios físicos e minha recreação, sozinho. Quaisquer visitas pessoais que eu venha a ter será dos oficiais de maior graduação, como você. Ficarei cercado pelo protocolo oficial. Por meio de seus próprios auxiliares, Reymont passará a idéia de que se espera de todo mundo formas polidas de se dirigir a mim.

— Em suma, o nosso bom amigo de cabelos grisalhos Lars Telander está à beira de se transformar no Chefe. Isto sem dúvida se parece com o esquema de Reymont — ela disse amargamente.

— Ele me convenceu que é o mais adequado — respondeu o comandante.

— O senhor não pensou em como esse esquema vai sacrificá-lo?

— Vou conseguir pô-lo em prática. Nunca fui um camarada que se encontra na esquina e se dá um tapinha nas costas. E temos muitos livros e microtapes que eu sempre quis conhecer.

Telander olhou-a gravemente. Embora o ar se aproximasse da parte mais quente de seu ciclo e estivesse impregnado com um cheiro de mato verde, uma fina penugem se arrepiava nos braços de Ingrid.

— Você tem também um papel a desempenhar, Ingrid. Vai lidar mais do que nunca com os problemas humanos. Organização, conciliação, suavização... não será fácil.

— Não posso fazer isso sozinha — falou com voz trêmula.

— Você poderá se for preciso — disse Telander. — Na prática, pode delegar responsabilidades e contornar boa parte do trabalho. É tudo uma questão de planejamento adequado. Vamos pôr mãos à obra assim que sairmos daqui.

Ele hesitou e pareceu pouco à vontade. Seu rosto se ruborizou.

— Ah... Um ponto que eu queria levantar...

— Sim? — disse ela.

Foi salvo pela campainha da porta. Pegou a bandeja de café das mãos de um cozinheiro, levou-a para a escrivaninha e começou a servir ambas as xícaras. Isso permitiu que ficasse de costas para ela.

— Em sua posição — disse ele — isto é, sua nova posição... É necessário que os oficiais tenham um status especial... Não precisa ficar inteiramente isolada como eu, mas uma certa limitação da... bem, acessibilidade...

— Pobre Lars! Então é isso?

Telander não pôde ver se uma fisionomia divertida acompanhava realmente a descontração da voz.

— Você está querendo dizer — ela continuou — que a primeira oficial não devia trocar com tanta freqüência de namorados, não é?

— Bem, não estou sugerindo, ahn, uma situação de celibato. Eu mesmo, naturalmente, ahn, tenho de evitar certas coisas daqui em diante. No seu caso... bem, a fase experimental passou para a maioria de nós. Estão se formando relacionamentos estáveis. Se pudesse participar de um...

— Posso fazer melhor — disse ela. — Posso ficar sozinha.

Ele não poderia se demorar mais a levar-lhe a xícara de café.

— Isso n-não é necessário — gaguejou.

— Obrigado — disse Lindgren inalando o cheiro do café. Seus olhos ondularam de lado para o comandante. — Nós dois não precisamos nos tornar realmente um monge e uma freira. De vez em quando o comandante precisa ter uma conversa particular com sua primeira oficial.

— Ahn... não. Você é atraente, Ingrid, mas não. — Telander cruzava de um lado para o outro a pequena extensão da cabine. — Numa comunidade tão pequena e fechada como a nossa, quanto tempo pode durar um segredo? Não quero correr o risco da hipocrisia. E mesmo que... eu gostasse de ter você como companheira permanente... isso não seria possível. Você tem de estar ligada a mais alguém além de mim: você não será minha colaboradora direta. Não sei se está compreendendo. Reymont explicaria melhor as coisas.

O bom-humor de Lindgren se extinguiu:

— Não gosto nada da maneira como ele o está manobrando.

— Reymont tem experiência em situações de crise. Seus argumentos foram muito lógicos. Se quiser, podemos repassá-los em detalhe.

— Ainda o faremos. Sem dúvida, os argumentos podem ser absolutamente lógicos... seja qual for a motivação de Reymont.

Lindgren tomou um gole de café, pousou a xícara no colo e falou com entusiasmo:

— No que me diz respeito, tudo bem. De qualquer modo, já estou cansada de toda essa brincadeira infantil de aventuras amorosas. Você tem razão. A monogamia está ficando em moda e as opções de uma moça estão morbidamente limitadas. Eu já havia pensado em parar. Olga Sobieski também. Vou dizer a Kato que dividirei a cabine com ela. Alguma calma e serenidade não me farão mal, Lars. Terei oportunidade de pensar sobre muita coisa, agora que realmente estamos atingindo a marca de cem anos.

Leonora Christine estava se distanciando bastante do signo zodiacal de Virgem, mas ainda não chegara ao de Sagitário. Só após ter circulado quase a metade da circunferência da galáxia, a majestosa espiral de sua trajetória avançou para o centro galático. Naquele momento, as nebulosas sagitarianas ainda estavam distantes de sua curvatura a bombordo. O que jazia além delas era apenas deduzido, não conhecido. Os astrônomos esperavam um volume de espaço limpo, com pouca poeira ou gás, alojando uma grande população de antigas estrelas. Mas nenhum telescópio tinha jamais visto as nuvens que cercavam aquele reino e ainda ninguém estivera lá.

— A não ser que tenham mandado uma expedição depois de nossa partida — sugeriu o piloto Lenkei. — Já se passaram séculos na Terra. Imagino que estejam fazendo coisas maravilhosas.

— Certamente não estão despachando sondas em direção ao centro da galáxia — observou o cosmólogo Chidambaran. — Trinta milênios para chegar lá e o mesmo tempo para mandar uma mensagem de volta. Não faz sentido. Acredito que o homem tenha se espalhado lentamente nas proximidades do Sol, colônia por colônia.

— E não tenha conseguido alcançar uma velocidade maior que a da luz — disse Lenkei.

Como de hábito, as feições morenas no corpo pequeno de Chidambaran quase revelaram desdém:

— Isto é fantasia! A não ser que você queira rever tudo que aprendemos desde Einstein, não, desde Aristóteles, considerando a contradição lógica envolvida num sinal sem uma velocidade limite.

— Não é minha linha de trabalho. — O porte esbelto e cheio de vivacidade de Lenkei pareceu abruptamente abatido. — De qualquer modo, eu não gostaria que houvesse uma velocidade mais rápida que a luz. A idéia de que outros possam estar voando de estrela em estrela como pássaros — como eu passava de cidade em cidade quando estava na Terra — enquanto nós estamos trancados aqui... seria cruel demais.

— Nosso destino não seria alterado pela sorte deles — opinou Chidambaran. — A ironia ia apenas acrescentar outra dimensão a esse destino, um novo desafio, se você quiser.

— Já estou enfrentando mais desafios do que pretendi — disse Lenkei.

Os passos dos dois ressoaram nos degraus em espiral e se espalharam pelo vão da escada. Vinham juntos de uma sala num pavimento inferior onde Nilsson estivera consultando Foxe-Jameson e Chidambaran sobre o projeto de uma grande rede de cristal para difração.

— As coisas são mais fáceis para você — explodiu o piloto. — Você é realmente útil. Nós dependemos de sua equipe. Se não puder produzir novos instrumentos, o que vamos fazer? Quanto a mim, até atingirmos um planeta onde precisamos de módulos espaciais e aeronaves, o

que *eu* vou fazer?

— Você está ajudando a construir esses instrumentos, ou estará ajudando quando os projetos estiverem prontos — disse Chidambaran.

— Exato, eu me apresentei a Sadek. — Para passar esse maldito tempo vazio!... — Lenkei recobrou o domínio de si. — Sinto muito. Temos de evitar essas explosões, eu sei. Posso lhe perguntar uma coisa, Mohandas?

— Certamente.

— Por que você se engajou na expedição? Você *é* importante hoje. Mas se não tivesse havido o acidente... Não teria sido mais fácil para você compreender o universo a partir da própria Terra? Disseram-me que é um teórico. Por que não deixar o fato reunir apenas homens como Nilsson?

— Dificilmente eu viveria o suficiente para tirar proveito dos relatórios de Beta Virginis. Parecia valer a pena que um cientista como eu se expusesse a experiências e impressões inteiramente novas. Eu ia adquirir um tipo de discernimento que talvez não pudesse ser obtido de outra forma. E se não conseguisse isso, a perda não seria grande.

No mínimo, teria continuado a pensar mais ou menos tão bem quanto em casa.

Lenkei coçou o queixo.

— Sabe de uma coisa — disse ele — , acho que você não precisa de sessões na caixa de sonho.

— Pode ser. Confesso que considero esse processo uma coisa vil.

— Então, por Deus, por que você participa dele?

— Regulamentos. Todos nós devemos receber o tratamento. Eu solicitei isenção, mas o agente Reymont persuadiu a Primeira Oficial Lindgren de que conceder qualquer privilégio especial, mesmo justificado, seria abrir um mau precedente.

— Reymont! De novo esse bastardo!

— Ele pode ter razão — disse Chidambaran. — O processo não me causa nenhum dano, a não ser a interrupção de um fluxo de pensamento. Além disso, ocorre muito raramente para se transformar num grande empecilho.

— Uff! Eu teria menos paciência que você.

— Acho que Reymont deve obrigar a si mesmo a entrar na caixa — Chidambaran comentou. — Ele se submete ao processo o número mínimo de vezes permitido... Você já observou que ele bebe, mas nunca fica alto. Desconfio que esteja sob uma compulsão, provocada talvez por um medo recalcado, uma compulsão de manter o controle.

— Também acho. Sabe o que ele me disse na semana passada? Eu peguei algumas chapas

de cobre, apenas emprestadas. Assim que eu não precisasse mais delas, passariam pelo forno e pelo laminador e seriam devolvidas intactas. Por isso não me preocupei em registrar a requisição. O bastardo disse...

— Esqueça — advertiu Chidambaran. — Ele teve razão. Não estamos num planeta. O que perdemos fica perdido para sempre. É melhor não correr riscos; e, sem dúvida, temos tempo para os procedimentos burocráticos.

Haviam chegado à entrada do ginásio.

— Aqui estamos.

Os dois se encaminharam para a sala hipnoterapêutica.

— Espero que tenha uma experiência agradável, Matyas — disse Chidambaran.

— Eu também — Lenkei estremeceu. — Já tive alguns pesadelos terríveis aqui. — E animando-se: — E muitos divertimentos incríveis!

As estrelas se tornavam mais dispersas. *Leonora Christine* não estava atravessando de um braço espiral da galáxia para outro — ainda não; estava apenas numa trajetória de relativo vazio. Por falta de grande massa de reação, sua aceleração diminuiu. O *tau* estava tão contraído que essa situação, apesar de se estender por algumas centenas de anos cósmicos, não pareceria durar muito.

Por algum tempo as escotilhas a estibordo se abririam principalmente para a noite escura. Alguns tripulantes achavam-na preferível às medonhas formas e cores flamejando a bombordo.

Chegou um novo Dia da Aliança. As cerimônias e a festa que se seguiu foram menos desanimadas do que se podia esperar. A dor e a revolta tinham sido corroídas pela passagem dos dias. Naquele momento, o estado de espírito era de desafio ao revés.

Nem todos estavam presentes. Elof Nilsson, por exemplo, permanecera na cabine que compartilhava com Jane Sadler. Passou muito tempo fazendo esboços e cálculos para seu telescópio externo. Quando o cérebro se fatigou, ele correu o índice da biblioteca em busca de um livro de ficção. O romance que selecionou ao acaso entre milhares de outros absorveu-o completamente. Ainda não parara de ler, quando Jane voltou.

Elof ergueu os olhos, injetados de cansaço. Apenas um monitor de telescópio iluminava o aposento. Ela se conservou imóvel, oscilando, o vulto mal se destacando entre a débil luminosidade.

— Meu Deus! — ele exclamou. — Já são cinco da manhã!

— Finalmente você percebeu — disse ela, mostrando os dentes.

A névoa de uísque que a envolvia levou o cheiro da bebida para as narinas de Elof. Ele pegou uma pitada de rapé, um luxo que ocupava grande parte de sua franquia de bagagem.

— *Não* tenho de chegar ao trabalho às oito da manhã — disse.

— Nem eu. Falei ao meu chefe que queria uma semana de licença. Ele concordou. E era o melhor que tinha a fazer. Afinal, com quem mais ele pode contar?

— Que atitude é essa? Suponha que todos os outros de quem a nave depende se comportem assim.

— Tetsuo Iwamoto, isto é, Iwamoto Tetsuo... Os japoneses põem o sobrenome primeiro, como os chineses... como os húngaros, você sabia?... Mas às vezes... é ele... gante ignorar os orientais... — Sadler retomou seu pensamento. — Ele é um homem simpático para se trabalhar. Ele pode até... até... me fascinar. Então... por que não?

— Apesar disso... Jane ergueu o dedo.

— Não tente me repreender, Elof. Está ouvindo? Já suportei este seu su-per-com-pensado complexo de inferioridade. E muito mais. Quando o resto de sua personalidade vai igualar o seu QI? Acho que chega! Não vamos... mais... tentar viver juntos se não for possível.

— Você está bêbada.

— Mais ou menos... Você devia ter ido junto comigo — ela falou com ar tristonho.

— Para quê? Por que não confessar que estou farto das mesmas caras, das mesmas ações, das mesmas conversas fúteis? Esta é a única razão por que não fui.

O tom da voz de Jane baixou:

— Você se cansou de mim?

— Ora...

O jeito de boneco de pano de Nilsson foi se enrijecendo; ele ficou de pé:

— Qual é o problema, meu bem?

— Você não chegou exatamente a me cumular de atenções nestes últimos meses.

— Não? Não, talvez não. — Ele tamborilava no tampo da cômoda. — Tenho andado preocupado.

Ela prendeu a respiração.

— Vou falar diretamente. Estive com Johann esta noite.

— Freiwald? O maquinista?

Niisson ficou mudo por um minuto, nervosamente passado. Ela esperava, recuperando a sobriedade.

— Bem... — disse ele por fim, com dificuldade, contemplando os dedos baterem — você tem o direito legal, e sem dúvida moral, de fazer isso. Não sou um garanhão jovem e bonito. Ficou... fiquei... mais feliz e orgulhoso do que seria capaz de imaginar quando você concordou em ser minha companheira. Deixei que me ensinasse muita coisa que eu não compreendia antes. Provavelmente, não fui o mais aplicado dos alunos que alguém já teve.

— Oh, Elof!

— Você está me deixando, não é?

— Nós estamos apaixonados, eu e ele. — Seus olhos encheram-se de lágrimas. — Pensei que ia ser mais fácil lhe contar. Julguei que não ia se importar nem um pouco.

— Você não... considerou a possibilidade de ser discreta? Não, a discrição é impraticável. Além do mais, no seu caso isso não ia resolver. E tenho meu amor-próprio.

— Nilsson sentou-se outra vez e pegou sua caixa de rapé. — Seria melhor você ir embora. Pode retirar suas coisas mais tarde.

— Assim tão depressa?

— Fora! — ele berrou.

Jane Sadler fugiu, chorando, mas com passos ávidos.

Leonora Christine reentrou numa região bastante povoada de matéria. Passando a cinqüenta anos-luz de um gigantesco sol recentemente formado, atravessava o envoltório gasoso que o cercava. Ionizados, os átomos eram capturados com máxima eficiência. O *tau* caiu verticalmente, aproximando-se do zero assintótico: e com ele, a taxa de tempo.

Capítulo 12

REYMONT SE deteve na entrada do ginásio. O convés estava vazio e silencioso. Após um surto inicial de interesse, os exercícios físicos e outros entretenimentos haviam se tornado cada vez menos populares. A não ser às refeições, a tendência era que os cientistas de um lado e os oficiais do outro formassem pequenos grupos ou se retirassem para ler, assistir shows gravados, dormir o máximo possível. Ele podia forçá-los a seguir uma determinada soma de exercício. Mas não encontrara um meio de restaurar a vitalidade que os meses iam removendo do espírito. Reymont, aliás, era um dos mais desamparados, pois sua inflexível imposição de normas básicas tinha-lhe granjeado inimigos.

E acerca de normas...

Reymont atravessou o corredor e abriu a porta da sala de sonhos. Uma luz acima de cada um dos três boxes indicava que estavam ocupados. Ele tirou uma chave-mestra do bolso e soltou as tampas, que deixavam passar ar mas não luz, uma por uma. Tornou a fechar duas delas. Na terceira, praguejou. O corpo estirado, o rosto sob a máscara de sono pertencia a Emma Glassgold.

Por algum tempo, ficou apenas contemplando a pequena mulher. A tranqüilidade se acentuava em seu sorriso. Sem dúvida Emma, como a maioria das pessoas a bordo, devia sua sanidade mental àquele aparelho. Apesar de todo esforço aplicado à decoração, da construção de uma série de novas e esmeradas instalações, a espaçonave continuava sendo um ambiente demasiado estéril. A total privação sensorial faz com que a mente humana perca seu suporte na realidade.

Privado do fluxo de dados com o qual está destinado a trabalhar, o cérebro expele alucinações, cai no irracional e finalmente mergulha na loucura. Os efeitos de um prolongado empobrecimento sensorial são mais lentos, mais sutis, mas, sob muitos aspectos, mais destrutivos. A direta estimulação eletrônica dos centros encefálicos apropriados torna-se uma necessidade. Assim é, em termos neurológicos. Em termos de emoção imediata, os sonhos extraordinariamente intensos e complexos gerados pelo estímulo — agradáveis ou não — transformam-se num substituto para a experiência real.

No entanto...

A pele de Glassgold estava flácida e com um aspecto doentio. A tela do eletroencefalograma atrás do capacete indicava que ela se encontrava num estado de calma. Isso significava que poderia ser despertada rapidamente e sem perigo. Reymont desligou o interruptor sobre o cronômetro. O traço osciloscópico das pulsações indutoras que estavam atravessando sua cabeça se aplainou e escureceu.

Emma Glassgold se moveu. — Shalom, Moshe — murmurou.

Não havia ninguém a bordo com aquele nome. Reymont tirou-lhe o capacete. Ela apertou extremamente os olhos, fez um esgar e procurou virar-se para o outro lado no acolchoado.

— Acorde — Reymont a sacudiu.

Emma pestanejou e respirou fundo. Depois sentou-se com o tronco na vertical. Reymont quase podia ver o sonho se dissipar detrás daqueles olhos.

— Venha — disse ele, oferecendo a mão para ajudá-la. — Saia desse maldito ataúde.

— Anh, não, não — ela falou com dificuldade. — Eu estava com Moshe.

— Sinto muito, mas...

Ela começou a soluçar. Reymont deu um tapa no box, um tapa entre o murmurar da nave.

— Tudo bem — disse ele. — Vou lhe dar uma ordem direta. Fora! E dirija-se ao Dr. Latvala.

— Que diabo está acontecendo aqui?

Reymont se virou. Como a porta estava entreaberta, Norbert Williams devia tê-los ouvido. Vinha da piscina, pois estava nu e molhado. Estava também furioso:

— Maltratando as mulheres, anh? — disse. — Se ao menos fosse uma mulher forte. Suma daqui!

Reymont ficou onde estava.

— Temos regulamentos sobre a utilização desses boxes — disse ele. — Se uma pessoa não possui autodisciplina para obedecê-los, tenho de forçá-la.

— Ah! Bisbilhotando, espiando, metendo o nariz em nossa privacidade... Por Deus!, não vou agüentar mais tempo isso!

— Não! — Glassgold implorou. — Não briguem. Sinto muito. Eu já vou.

— O diabo que você já vai! — exclamou o químico americano. — Fique. Insista em seus direitos. — As feições do rosto dele ficavam cada vez mais rubras. — Estou farto deste pequeno menino Jesus e agora é o momento de tomar alguma providência.

Reymont falou lentamente, destacando as palavras;

— O regulamento que limita a utilização das caixas de sonho não foi escrito de brincadeira, Dr. Williams. Usá-las demais é pior do que não usá-las. Elas criam uma dependência. O resultado final é a insanidade.

— Escute — disse o químico, fazendo um esforço evidente para dominar sua cólera. — As pessoas não são iguais. Talvez você ache que podemos nos virar pelo avesso para nos ajustar ao seus padrões... Você nos forçando a fazer exercícios físicos, você arranjando trabalhinhos que até um bebê veria que são apenas para nos manter ocupados algumas horas por

dia, você quebrando a destilaria que Pedro Barrios construiu... toda a sua pequena ditadura desde que começamos a rodopiar nesta maldita caravela voadora... Olhe aqui... — disse ele baixando o volume da voz. — Esses regulamentos foram feitos para garantir que ninguém tomaria uma superdose. É claro. Mas como você sabe quando algum de nós está se excedendo? Todo mundo deve ficar trancado e sozinho dentro das caixas. Você também, Agente Homem de Ferro. Você também!

— Sem dúvida...

— Você não pode saber — o químico interrompeu Reymont — que quantidade um outro sujeito pode precisar. Ainda mais você, que não tem sequer a sensibilidade que Deus dá a uma barata. Sabe alguma coisa sobre Emma? Eu sei. Sei que é uma mulher admirável, corajosa... perfeitamente capaz de avaliar suas próprias necessidades e guiar-se a si mesma... Não precisa que você venha lhe dizer o que deve ou não fazer. — Williams apontou: — Aquilo é uma porta. Use-a e saia daqui!

— Norbert, não!

Glassgold saiu da caixa e tentou se interpor entre os dois homens. Reymont colocou-a de lado e respondeu a Williams:

— Se deve haver exceções, o médico de bordo é a pessoa indicada para determiná-las. Não o senhor. De qualquer modo ela terá de ir ao Dr. Latvala. Poderá solicitar-lhe uma autorização médica.

— Glassgold não conseguiria nada com ele. Esse piolhento não é capaz de receitar nem tranqüilizantes.

— Temos anos à nossa frente. Problemas imprevisíveis a enfrentar. Se começarmos desde já a ficar dependentes de medicamentos...

— Já pensou que, sem algum tipo de ajuda, vamos enlouquecer e morrer? Decidiremos por nós mesmos, obrigado. Fora, eu disse!

Glassgold procurou novamente intervir. Reymont precisou pegá-la pelos braços para tirá-la do caminho.

— Tire as mãos de cima dela, seu porco!

Williams atacou-o com os punhos fechados. Reymont largou Glassgold e recuou, tentando ganhar espaço para manobrar. Williams gritava e continuava arremessando-se contra ele. Reymont protegia-se dos golpes inexperientes do outro. De repente deu um salto e fez um movimento de caratê. Dois golpes derrubaram Williams no chão. Ele se dobrou em dois com ânsias de vômito. O sangue pingou do nariz.

Glassgold gritou e correu para perto do químico. Ajoelhou-se, puxou-o para si e arregalou os olhos para Reymont.

— Que belo serviço, não é? — disse furiosa. O policial abriu os braços.

— Devia ter deixado ele me bater?

— Você po-podia ter ido embora.

— Impossível. Meu dever é manter a ordem a bordo. A não ser que haja determinação em contrário do Comandante Telander, vou continuar a fazer isso.

— Muito bem — disse Glassgold entre os dentes. — Vamos até ele. Vou apresentar uma queixa formal.

Reymont balançou a cabeça.

— Já foi explicado e todos já concordaram que o Comandante não deve ser incomodado com nossos desentendimentos. Ele tem de se preocupar com a nave.

Williams gemeu e voltou a ficar plenamente consciente.

— Vamos ver a Primeira Oficial Lindgren — disse Reymont. — Tenho de registrar acusações contra vocês dois.

Glassgold apertou os lábios.

— Como quiser.

— Não Lindgren! — Williams vociferou. — Lindgren e ele, os dois...

— Não mais agora — disse Glassgold. — Ela não podia mais suportá-lo, desde antes do acidente com a nave. Será imparcial.

Com a ajuda da bióloga, Williams se vestiu e mancou para o convés do comando.

Várias pessoas viram o grupo passar e começaram a perguntar o que havia acontecido. Reymont as interrompia, fazendo-as ficar em silêncio e recebendo de volta olhares irritados. No primeiro intercomunicador, entrou em contato com Lindgren e pediu que ela comparecesse à sala das entrevistas.

Era uma sala minúscula, mas à prova de som, um lugar para conversas confidenciais e humilhações necessárias. Lindgren sentou-se atrás de uma escrivaninha. Tinha vestido um uniforme. O painel fluorescente fazia a luz jorrar para o tom fosco de seu cabelo louro. A voz com que pediu a Reymont para começar, após todos se sentarem, era igualmente fria.

Ele fez um relato sucinto do incidente.

— Acuso a Dra. Glassgold de transgredir uma norma de saúde coletiva — ele concluiu — e o Dr. Williams de agressão a um agente policial em atitude pacifica.

— Motim? — Lindgren perguntou.

O sobressalto brotou no rosto de Williams.

— Não, madame — disse Reymont. — Agressão será suficiente. — E voltando-se para o químico: — Considere-se com sorte. Não estamos psicologicamente preparados para nos dar ao luxo de um julgamento com uma acusação de motim. A menos que você persista nesse tipo de comportamento.

— Já é o bastante, policial! — Lindgren o interrompeu. — Dra. Glassgold, gostaria de me dar a sua versão?

A raiva exaltava a fisionomia da bióloga.

— Admito culpa por ter transgredido uma norma, como foi alegado — ela declarou com firmeza — mas vou solicitar uma revisão do meu caso — do caso de todo mundo — como está previsto nos regulamentos. Não quero apenas o julgamento do Dr. Latvala, mas uma junta dos oficiais e dos meus colegas. Quanto à briga, Norbert foi intoleravelmente provocado e tomado por um rancor justificado.

— Sua declaração, Dr. Williams?

— Não sei como me submeto a seu tolo... — ele iniciou, mas logo se recompôs. — Desculpe, madame — disse ele, um sopro de desdém atravessando-lhe os lábios. — Nunca consegui guardar na memória a lei do espaço... Penso que o senso comum e a boa vontade nos seriam suficientes. Tecnicamente, Reymont pode ter razão, mas atingi o meu limite máximo de suportar sua descarada interferência.

— Dra. Glassgold e Dr. Williams, estão dispostos a se submeter à minha sentença? Têm direito a um julgamento se assim o desejarem.

Williams abriu um sorriso amarelo.

— As coisas já estão muito ruins, madame. Suponho que isto tenha de ser registrado no diário de bordo, mas talvez não precise chegar aos ouvidos de toda a tripulação.

— Oh, claro! — Glassgold falou suavemente, pegando na mão de Williams.

Reymont abriu a boca, mas Lindgren o cortou:

— Está sob minha autoridade, policial. Mas pode, evidentemente, apelar para o Comandante.

— Não, madame — Reymont respondeu.

— Bem, então...

Lindgren se inclinou para trás. Seu semblante tornou-se mais amável. — Ordeno que caiam as acusações em ambos os lados deste caso... ou melhor, que nunca sejam registradas. Isto não vai entrar em qualquer diário. Vamos esquecer o problema como seres humanos que estão, como dizer, no mesmo barco.

— Ele também? — Williams sacudiu um polegar para Reymont.

— Devemos ter lei e disciplina, o senhor sabe — Lindgren falou num tom suave. — Sem elas morreremos. Talvez o agente Reymont seja zeloso demais. Ou talvez não. Em cada acontecimento, ele é o único especialista policial e militar que temos. Se discordam dele... É para isso que estou aqui. Relaxem. Vou pedir café.

— Se a Primeira Oficial quiser — disse Reymont — eu me desculparei.

— Não, nós ainda temos o que conversar — Glassgold falou com irritação.

Reymont conservava seus olhos nos de Lindgren. Era como se corressem faíscas entre eles.

— Como a senhora explicou, madame — disse o agente — minha tarefa é preservar os regulamentos da nave. Nem mais, nem menos. Esta reunião tornou-se uma sessão de pontos de vista pessoais. Estou certo que a senhora e o cavalheiro falarão mais à vontade sem a minha presença.

— Creio que tem razão, policial. — Ela balançou a cabeça . — Dispensado.

Ele se levantou, fez uma saudação e saiu. A caminho do pavimento superior, encontrou Freiwald, que o cumprimentou. Mantinha alguma aproximação cordial com sua meia dúzia de delegados.

Reymont entrou na cabine. As camas estavam abertas e unidas. Chi-Yuen estava sentada. Usava uma camisola leve, com babados, que a fazia parecer uma menina, uma menina triste.

— Alô — disse ela num tom de desânimo.

— Você está com um ar de trovoada. Que aconteceu?

— Bem — disse Chi-Yuen. Vale a pena censurá-los tanto assim?

— Não. Acho que não. No entanto... Eu não sei. Pretendeu-se que esse grupo era o melhor que a Terra podia oferecer. Inteligência, educação, personalidade estável, saúde, dedicação. E todos sabiam que, provavelmente, jamais voltariam para casa. Na melhor das hipóteses, gastariam a maior parte de um século viajando e só depois retornariam a seus países. — Reymont correu os dedos entre os cabelos escovados de Chi-Yuen. — Mas as coisas se modificaram — ele suspirou. Estamos seguindo para um destino desconhecido, talvez para a morte, certamente para um completo isolamento. Mas será isso tão diferente do que inicialmente planejamos? Deveria fazer-nos em pedaços?

— Faz em pedaços — disse Chi-Yuen.

— Você também... Estava pretendendo discutir esse assunto. — Ele lançou-lhe um olhar feroz. — A princípio, você estava atarefada, seus divertimentos, seu trabalho teórico, a programação dos estudos que queria desenvolver no Sistema Beta Três. E quando o problema nos atingiu, você reagiu muito bem.

Um sorriso sombrio cruzou a fisionomia de Chi-Yuen. Ela bateu-lhe carinhosamente no

rosto.

— Você me inspirou...

— A partir daí, porém... cada vez mais, fica sentada sem fazer nada. Tivemos o início de alguma coisa verdadeira, eu e você, mas ultimamente você tem se mantido muito distante. Raramente está interessada em conversa, sexo ou seja lá o que for, incluindo outras pessoas. Nada de trabalho. Nada de planos futuros. Nem mesmo o choro em seu travesseiro depois das luzes apagadas... Oh, sim, eu ficava acordado e ouvia. Por que, Ai — Ling? Que está acontecendo com você? Com eles?

— Imagino que não tenhamos todo o seu sangue-frio para sobreviver a qualquer custo — disse ela com uma voz quase inaudível.

— Eu mesmo considero que certos preços a pagar pela vida são muito altos. Aqui, porém... Temos o que precisamos. Uma certa dose de conforto, uma aventura como jamais tivemos. O que está errado?

— Sabe qual é o ano na Terra? — ela replicou.

— Não. Fui eu quem convenceu o Comandante Telander a mandar remover aquele relógio. Estava se desenvolvendo em volta dele uma atitude mórbida demais.

— De qualquer modo, quase todos nós podemos fazer nossos próprios cálculos.

Chi-Yuen falava com uma voz plana, indiferente.

— Nesse momento — ela prosseguiu — acredito que a Terra esteja em torno do ano dez mil. Mais um século, menos um século, talvez... Sim, aprendi na escola que o conceito de simultaneidade se rompe sob condições relativistas. Mas lembro que esperaram que a marca de cem anos fosse uma grande prova psicológica. Sem dúvida, essas datas crescentes têm um significado para nós. Elas nos tornam absolutamente exilados. Já. Irrevogavelmente. Não mais apenas a nossa parentela deve estar extinta; também a nossa civilização. Que aconteceu na Terra? Por toda a galáxia? O que os homens fizeram? Em que se transformaram? Jamais iremos partilhar suas experiências. Não podemos.

Reymont tentou quebrar-lhe a apatia falando num tom áspero.

— E dai? Em Beta Três, o transmissor de microondas teria nos trazido palavras de uma geração mais velha. Nada mais que isso. E nossas mortes individuais iam nos apartar do universo. O destino comum do homem. Por que devemos nos lastimar se tomamos um caminho inesperado?

Chi-Yuen contemplou-o gravemente antes de falar:

— Na realidade, você mesmo não quer saber de nenhuma resposta a essa pergunta. Quer apenas puxar uma resposta de dentro de mim.

— Bem... sim — ele disse num tom de surpresa.

— Compreende as pessoas melhor do que deixa perceber. É seu negócio lidar com elas, sem dúvida. Diga-me qual é o nosso problema.

— Perda de controle sobre a vida — ele respondeu de imediato. Os oficiais ainda não estão em tão más condições. Possuem as suas tarefas. Mas os cientistas, como você, haviam se devotado a Beta Virginis. Estavam na expectativa de um trabalho heróico, empolgante e, enquanto isso, tinham muitos preparativos a fazer. Agora, não têm a menor idéia do que vai acontecer. Sabem apenas que será algo inteiramente imprevisível. Pode ser a morte, pois estamos assumindo riscos tremendos e eles não podem fazer nada para ajudar, a não ser sentarem-se de braços cruzados e se deixarem levar. Evidentemente, o moral deles fraqueja.

— O que você acha que devemos fazer, Charles?

— Bem, em seu caso, por exemplo, por que não continuar seu trabalho? Afinal, estamos procurando um mundo para nos instalarmos. A planetologia será vital para nós.

— Você está ciente que as probabilidades vão contra essa idéia. Vamos ficar nessa busca diabólica até morrer.

— Maldição, podemos melhorar nossas probabilidades!

— Como?

— Essa é uma das coisas em que você devia estar trabalhando.

Ela sorriu outra vez, um pouco mais animada.

— Charles, você me fez ter vontade de trabalhar. Nem que seja só para que pare de me fustigar. É por isso que é tão duro com os outros?

Ele a examinou.

— Você tem resistido mais que a maioria dos outros — disse. — Se repartir o que estou fazendo com você, posso ajudá-la a recuperar seus objetivos. É capaz de guardar um segredo?

O olhar de Chi-Yuen dançou em seu rosto.

— Você já devia saber muito bem que sim.

Um pé descalço roçou pelo corpo de Reymont. Ele o acariciou com satisfação.

— Estou aplicando um velho princípio — disse Reymont. — Tirado de meu trabalho com organizações militares e paramilitares. O animal humano quer cultivar a imagem de um pai e uma mãe mas, ao mesmo tempo, não gosta de ser disciplinado. Você pode conseguir estabilidade do seguinte modo: a fonte suprema de autoridade mantém-se remota, como um deus, praticamente inatingível. Seu superior imediato é um mero filho da puta que a faz andar na linha e que, por conseguinte, você detesta. Mas seu verdadeiro superior é tão amável e simpático quanto o cargo permite. Está entendendo?

Ela colocou um dedo no rosto.

— Não muito.

— Veja nossa situação atual. Não imagina quantos truques eu tive de fazer durante aqueles primeiros meses após colidirmos com a nebulosa. Não pedi um crédito de confiança para me colocar à frente dos acontecimentos. Em grande parte isso foi natural, quase inevitável. A lógica de nosso problema o provocou, deu-me alguma influência. O resultado final é que o Comandante Telander ficou isolado. Sua infalibilidade não tem de se medir com trapalhadas humanas, essencialmente confusas, como a de hoje.

— Pobre comandante. — Chi-Yuen olhou fixamente para Reymont. — Lindgren é a representante dele?

Reymont balançou a cabeça.

— Eu sou o tradicional primeiro-sargento. Duro, rude, exigente, tirânico, indelicado, brutal. Não tão mau para provocar uma petição solicitando a minha remoção. Mas suficientemente mau para irritar, ser antipatizado, embora respeitado. Isso é bom para as tropas. É mais saudável ter raiva de mim do que repisar mágoas pessoais... como você vem fazendo.

— Lindgren abranda as coisas — ele continuou. — Como primeira oficial, dá sustentação ao meu poder. Mas ela também me sujeita de vez em quando. Exerce sua função de dobrar os regulamentos a favor da mercê. Por conseguinte, adiciona benevolência aos atributos da Autoridade Suprema.

Reymont franziu a testa.

— O sistema nos trouxe até esse ponto. Agora está começando a falhar — ele concluiu. — Temos que acrescentar um novo fator.

Chi-Yuen continuava a contemplá-lo. Ele se sentiu pouco à vontade e mudou de posição no colchão.

— Você planejou tudo isso com Ingrid? — ela perguntou por fim.

— Anh? Oh, não. O papel dela exige que ela *não* seja um tipo maquiavélico, que desempenhasse deliberadamente um papel.

— Você a conhece assim tão bem... do relacionamento passado?

— Sim.

Reymont ficou vermelho.

— O que há? Hoje minha relação com ela é puramente formal. Por razões óbvias!

— Creio que você procura meios de continuar humilhando-a, Charles.

— Anh... Ao diabo, deixe-me sozinho! O que estou tentando fazer é ajudar você a recuperar um verdadeiro desejo de viver.

— De modo a que eu, em troca, seja capaz de ajudá-lo a ir em frente?

— Bem, anh, sim. Não sou um super-homem. Há muito tempo ninguém me inclina um ombro onde eu possa chorar.

— Está dizendo isso porque acha isso mesmo ou porque serve aos seus propósitos? — Chi-Yuen guardou as farpas. — Não importa. Não responda. Vamos fazer o que pudermos um pelo outro. Mais tarde, se sobrevivermos... Acertaremos as coisas quando tivermos sobrevivido.

As feições de Reymont, sombrias e marcadas com cicatrizes, se desanuviaram.

— De fato está recobrando seu equilíbrio — disse ele. — Excelente!

Ela riu. Seus braços rodearam o pescoço de Reymont.

— Venha cá comigo.

Capítulo 13

PODEMOS CHEGAR perto da velocidade da luz, mas nenhum corpo possuindo massa de repouso pode atingi-la de todo. Os acréscimos de velocidade pelos quais Leonora Christine se aproximava desse impossível limite eram cada vez menores. Assim, talvez parecesse que o universo que a tripulação observava não pudesse ser ainda mais distorcido. A aberração podia, no máximo, deslocar quarenta e cinco graus uma estrela; o efeito de Doppler poderia avermelhar infinitamente os fótons da popa, mas apenas duplicar as freqüências que vinham da frente.

Contudo, não havia limite para *tau* inverso, e isso era a medida das mudanças no espaço percebido e no tempo experimentado. Por conseguinte, também não havia limite para as mudanças óticas. O cosmos à proa e à popa podia se contrair para uma densidade zero em que todas as galáxias ficassem amontoadas.

Por isso, enquanto a espaçonave fazia a grande meia volta em torno da Via Láctea e caminhava para um mergulho através de seu centro, o periscópio da nave revelava uma região fantástica. As estrelas mais próximas passavam cada vez mais rápidas, até que, por fim, o olho percebia nitidamente o seu movimento atravessando o campo de visão. Por esse tempo, os anos corriam lá fora, enquanto os minutos marchavam pouco a pouco no interior. O céu não era mais negro; era um arroxeado de brilho fraco, que se tornava mais brilhante e mais denso à medida que transcorriam os meses do tempo de bordo. A interação dos campos de força e do meio interestelar — em última instância do magnetismo interestelar — estava liberando quanta. As estrelas mais afastadas foram se fundindo em dois globos, azul feérico à frente, vermelho profundo à ré. Mas, gradualmente, esses globos se contraíram até se transformarem em pontos e obscurecerem, pois quase toda a sua radiação tinha se deslocado do espectro visível, transformando-se em raios gama e ondas de rádio.

O videoscópio fora reparado, mas era cada vez menos capaz de compensar. Os circuitos simplesmente não podiam mais distinguir sóis individuais além de um intervalo de alguns parsecs. Os técnicos desmontaram o instrumento e aumentaram sua potência, para que os homens não voassem inteiramente às cegas.

Esse projeto, e várias outras reconstruções, mesmo que fossem pouco úteis em si mesmas, eram de grande utilidade para aqueles que faziam o serviço. Essas pessoas não se retiravam para suas próprias conchas como muitos de seus companheiros de bordo.

Boris Fedoroff encontrou Luís Pereira no convés hidropônico. Um tanque de algas estava sendo colhido. O chefe de biossistemas trabalhava com seus homens, despido como eles, pingando a mesma água e limo verde, enchendo os vasos que havia numa carreta.

— Uf! — o engenheiro exclamou.

Uma fileira de dentes brilhou sob o bigode de Pereira. — Não mostre tanto desprezo pela minha safra — disse. — Você vai comê-la no tempo devido.

— Tinha vontade de saber como a imitação que Limburger fez de um queijo saiu tão realista — disse Fedoroff. — Queria ter uma conversa com você, está bem?

— Não pode ser mais tarde? Não podemos parar antes de acabar. Se essa coisa se estragasse, você teria que apertar o cinto por algum tempo.

— Também não tenho tempo a perder — disse Fedoroff num tom insistente. Acho que preferiríamos sentir fome a sermos destruídos.

— Continuem! — disse Pereira ao grupo.

Ele pulou do tanque e foi para um compartimento com uma ducha, onde se lavou rapidamente. Não se preocupando em se enxugar ou se vestir naquele nível mais quente da nave, conduziu Fedoroff para seu gabinete.

— Para falar a verdade — admitiu — estou satisfeito por ter uma desculpa para cair fora dessa trabalheira toda.

— Ficará menos satisfeito quando souber a razão. A coisa exige trabalho duro.

— Melhor ainda. Estava me perguntando como evitar que minha equipe se dividisse. Isto não é o tipo de ocupação que gera espontaneamente um *esprit de corps*. Os rapazes vão resmungar, mas ficarão mais felizes com algo que quebre a rotina.

Os dois atravessaram uma seção de plantas verdes. As folhagens cercavam cada passagem, enchendo o ar de perfume, farfalhando quando alguém roçava nelas. As frutas pendiam como lanternas. Podia-se compreender por que os que trabalhavam ali conservavam um certo grau de serenidade.

— Fui alertado por Foxe-Jameson — Fedoroff explicou. — Estamos tão perto da nebulosa central da galáxia que podemos usar os novos instrumentos que têm sido desenvolvidos para obter valores precisos sobre as densidades de massa que lá existem.

— Foxe? Pensei que Nilsson era o homem das observações.

— Devia ser. — A boca de Fedoroff fez um esgar amargo. — Ele está se deteriorando. Ultimamente não contribuiu com coisa alguma, além de queixas e brigas. O resto de sua equipe, e mesmo alguns homens que estavam na oficina fazendo suas próprias coisas, como Lenkei... todos têm de fazer o trabalho dele, o melhor que podem.

— Isso é mau — disse Pereira, não mais despreocupado. — Contávamos com Nilsson para projetar instrumentos adequados à navegação intergalática com um *tau* ultra-baixo, não é mesmo?

Fedoroff aprovou com a cabeça.

— Ele preferiu pular fora da raia. Mas hoje o problema não é esse. Vamos nos encontrar com o trecho mais denso desde que colidimos com aquela nuvem, por causa da relatividade e porque o trecho é efetivamente denso. Sinto-me razoavelmente confiante de que podemos atravessar com segurança. Mesmo assim, quero reforçar partes do casco para ter certeza.

Fedoroff riu como um lobo.

— Ter certeza... num vôo como esse!... De qualquer modo, vou ter uma equipe de construção aqui. Você terá de deslocar algumas instalações. Podemos discutir as exigências gerais e começar a pensar. Você pode planejar como minimizar o transtorno para suas operações.

— Tem razão. Tem razão. Aqui estamos... Pereira fez sinal para que Fedoroff entrasse num cubículo com uma escrivaninha e um arquivo.

— Vou lhe mostrar um esquema de nossa seção.

Os dois conversaram por meia hora. (Passaram séculos além do casco.) Tinha desaparecido do rosto de Fedoroff o traço de genialidade que ele mostrara a princípio e que já fora a face habitual com que enfrentava o mundo. Estava falando muito pouco, quase a ponto de ser grosseiro.

— Você não tem dormido bem as últimas noites, não é? — disse Pereira num tom sereno, começando a guardar seus desenhos e notas.

— Muito trabalho — o engenheiro resmungou.

— As pessoas florescem trabalhando, meu velho. Mas não é isso o que estão dizendo essas manchas debaixo dos seus olhos. É Margarita, não?

Fedoroff sacudiu-se na cadeira.

— O que há com ela?

Fedoroff e Margarita Jimenes estavam vivendo juntos há vários meses.

— Em nossa pequena aldeia, ninguém pode deixar de reparar que ela está com algum desgosto.

Fedoroff olhava fixamente o verde na entrada do gabinete.

— Gostaria de poder abandoná-la sem me sentir como um desertor — disse.

— Hum... m... m. Você se lembra que eu estava freqüentemente com ela antes de vocês se firmarem. Talvez possa ver as coisas com mais clareza. Você tem muita sensibilidade, Boris, mas raramente compreende a alma feminina. Quero vê-los bem. Não posso ajudar?

— O problema é que ela recusa o tratamento anti-envelhecimento. Nem Urho Latvala nem eu conseguimos convencê-la. É claro que já insisti ao máximo, fui duro, e ela pensou que eu

estava querendo intimidá-la. Mal fala comigo.

O tom de Fedoroff ficou áspero. Ele continuou a contemplar as folhagens do lado de fora.

— Nunca estive apaixonado... por ela. Nem ela por mim. Mas nos tornamos amigos. Quero fazer por ela tudo que puder. Mas o que posso fazer?

— Margarita é uma mulher jovem — disse Pereira. — Se nossas circunstâncias a tornaram, como devo dizer, fatigada, pode estar reagindo irracionalmente a qualquer lembrança de idade e morte.

Fedoroff se agitou.

— Ela não é ignorante! Está perfeitamente consciente de que o tratamento tem de ser periódico através de toda a idade adulta... ou a menopausa vai atingi-la cinqüenta anos antes do necessário. Mas ela diz que é isso o que quer!

— Por quê?

— Quer morrer antes que os sistemas químicos e ecológicos parem de funcionar. Você previu cinco décadas para isso acontecer, não foi?

— Sim. Uma forma de desgaste lenta, desagradável. Se não encontrarmos um planeta até então...

— Margarita continua sendo cristã. Tem preconceitos contra o suicídio. — Fedoroff estremeceu. — Também não gosto da perspectiva. Quem gostaria? Mas ela não acredita que isso não é inevitável.

— Desconfio — disse Pereira — que a idéia de morrer sem filhos é um verdadeiro horror para ela. Costumava fazer um jogo para decidir que nomes daria à grande família que esperava ter.

— Você quer dizer... Espere. Deixe-me pensar. É claro, Nilsson estava certo outro dia. Disse que provavelmente jamais encontraríamos um lar. Tive de concordar que a vida nesse caso parecia bastante fútil.

— Especialmente para Margarita. Defrontando esse vazio, ela se retira — inconscientemente, sem dúvida — para uma forma permissível de suicídio.

— Que podemos fazer, Luís? — Fedoroff perguntou angustiado.

— Se o comandante fosse persuadido a tornar os tratamentos obrigatórios... Ele podia justificar isso. Suponhamos que, a despeito de tudo, cheguemos a um planeta. A comunidade necessitará que cada mulher tenha o máximo de fertilidade.

O engenheiro se exaltou.

— Outro regulamento? Reymont arrastando-a para o médico? Não!

— Não devia odiar Reymont — Pereira o repreendeu. — Vocês dois são parecidos.

Nenhum se dá por vencido.

— Um dia eu o matarei.

— Agora você está exibindo uma veia romântica — disse Pereira procurando descarregar a atmosfera. — Ele é o pragmatismo personificado.

— O que ele faria com Margarita, então? — Fedoroff revidou.

— Oh... Não sei. Algo não sentimental. Por exemplo, poderia cooptar uma equipe de pesquisa e desenvolvimento para aperfeiçoar os biossistemas e organociclos, tornar a nave indefinidamente habitável. Assim, Margarita poderia obter permissão de ter pelo menos dois filhos...

As palavras de Pereira cessaram aos poucos. Os dois homens olharam-se boquiabertos. Uma pergunta explodia entre eles:

Por que não?

Maria Toomajiam correu para o ginásio e encontrou Johann Freiwald se exercitando nos trapézios.

— Delegado — ela gritou, o susto tremendo em seu corpo. — Na sala de jogos, uma briga!

Ele saltou para o chão e se atirou pelo corredor. A primeira coisa que chegou a seus ouvidos foi o barulho, um murmúrio nervoso. Uma dúzia de pessoas fora de serviço se amontoavam num círculo. Freiwald abriu caminho à força. No meio, o segundo-piloto Pedro Barrios e o cozinheiro Michael O'Donnell arfavam e davam socos com os nós dos dedos. Tinham apenas alguns arranhões, mas a aparência da briga era feia.

— Parem com isso! — Freiwald berrou.

Os dois obedeceram, os olhos com um brilho feroz. As pessoas já tinham visto os truques que Reymont ensinara a seus recrutas.

— Que farsa é esta? — Freiwald perguntou. E voltando sua fúria para os espectadores: — Por que nenhum de vocês interferiu? São estúpidos demais para compreender a que pode nos levar um comportamento desse tipo?

— Ninguém me acusa de trapacear nas cartas — disse O'Donnell.

— Você fez trapaça — Barrios replicou.

Os dois investiram novamente. As mãos de Freiwald projetaram-se para a frente. Ele apertou o colarinho de ambas as túnicas e torceu, pressionando contra os pomos-de-adão. Os homens davam socos e chutavam. Freiwald aplicou um golpe de fumikomi. Eles gritaram de dor e se entregaram.

— Podiam ter usado luvas de boxe ou varas kendô no ringue — disse Freiwald. — Agora vão comparecer à primeira oficial.

Um homem elegante, de expressão viva, abriu caminho entre a embaraçada assistência e bateu no ombro de Freiwald.

— Eh, com licença — disse o cartógrafo Phra Takh. — Acho que não é necessário.

— Meta-se com os seus problemas — resmungou Freiwald.

— É meu problema — disse Takh. — Nossa unidade é essencial às nossas vidas. Sanções oficiais não a ajudarão. Sou amigo desses dois homens. Creio que posso resolver o desentendimento entre eles.

— Devemos ter respeito pela lei ou ficaremos em maus lençóis — Freiwald replicou. — Vou levá-los.

Takh hesitou um pouco.

Posso falar particularmente com você, antes? Por um minuto? — pediu num tom de urgência.

— Bem... tudo bem — Freiwald concordou. — Vocês dois fiquem aqui.

Entrou na sala de jogos com Takh e fechou a porta.

— Não posso deixá-los ir embora. Eles resistiram a mim — disse Freiwald. — Desde que o Comandante Telander nos deu uma condição de representantes oficiais, agimos em nome da nave.

Estando de short, Freiwald baixou uma meia para mostrar as contusões num tornozelo.

— Você pode ignorar isso — Takh sugeriu. — Finja que não assistiu à briga. Eles não são maus sujeitos. Simplesmente estão ficando selvagens pela monotonia, falta de objetivos, tensão de não saber se vamos atravessar o que está à nossa frente ou se vamos bater numa estrela.

— Se deixamos alguém escapar das conseqüências de ter provocado uma violência...

— E se eu os chamasse em particular e conseguisse que chegassem a um acordo e se desculpassem com você? Isto não serviria melhor à causa da nave que uma prisão e uma punição sumária?

— Talvez — disse Freiwald num tom cético. — Mas como vou ter certeza que você pode fazer isso?

— Sou um delegado também — Takh lhe disse.

— Quê? — Freiwald arregalou os olhos.

— Pergunte a Reymont quando estiver a sós com ele. Não devo revelar que ele me recrutou, exceto para um representante regular numa situação de emergência. Como acho que é o

caso.

— Aber... Por quê...?

— Ele tem encontrado muito ressentimento, resistência, subterfúgios — disse Takh. — Seus agentes públicos, como você, enfrentam menos problemas. Raramente você tem de tomar uma decisão drástica e, no entanto, enfrenta um certo grau de oposição. Certamente ninguém lhe confiaria nada que achasse que Reymont podia objetar. Não sou um... um informante. Não enfrentamos qualquer verdadeiro problema criminoso: devo ser apenas um elemento que influi em certas situações, agindo da melhor maneira possível. Como foi o caso hoje.

— Pensei que não gostava de Reymont — disse Freiwald em voz baixa.

— Não posso dizer que gosto — Takh respondeu. — Mesmo assim ele conversou particularmente comigo e me convenceu que eu podia prestar um serviço à nave. Espero que não deixe o segredo transpirar.

— Oh, não. Certamente não. Nem à Jane vou contar. Que surpresa!

— Você me deixará lidar com Pedro e Michael?

— Sim, claro — disse Freiwald com ar pensativo. — Quantos delegados de seu tipo existem?

— Não tenho a menor idéia — disse Takh — mas acho que Reymont espera, por fim, incluir todo mundo.

Takh saiu.

Capítulo 14

As MASSAS nebulares, que se emparedavam no núcleo da galáxia, agigantavam-se como uma grande nuvem escura da tempestade e iam dominando todo o campo visual. Leonora Christine já atravessava a sua orla mais exterior. Nenhum sol era visível à frente, e em qualquer outra parte eram cada vez mais escassos, de brilho cada vez mais fraco.

Naquela concentração de material estelar, a nave movia-se conforme um estranho tipo de aerodinâmica. Seu *tau* inverso era agora tão imenso que a densidade do espaço não lhe causava transtorno. Ela engolia matéria cada vez mais avidamente e já não se limitava aos átomos de hidrogênio. Os seletores remodelados transformavam tudo que encontravam, gás, poeira ou meteoritos, em combustível e massa de reação. Sua energia cinética e tempo diferencial elevavam-se a uma taxa vertiginosa. Era como se a espaçonave voasse numa corrente de vento que soprasse entre os agrupamentos de sóis.

Enquanto isso, Reymont arrastava Nilsson para a sala de entrevistas.

De uniforme, Ingrid Lindgren ocupou seu lugar atrás da escrivaninha. Havia perdido peso e seus olhos estavam empapuçados. A cabine ressoava anormalmente alto; havia freqüentes choques nas paredes e no convés. A nave era atingida pelas irregularidades das nuvens que atravessava: rajadas, correntes, vórtices de uma criação de mundos em processo.

— Isso não pode esperar até completarmos nossa passagem, Agente Reymont? — ela perguntou com um misto de raiva e cansaço.

— Não penso assim, madame — Reymont respondeu.

— Se houver uma emergência, precisamos de pessoas convencidas de que vale a pena enfrentá-la.

— O senhor acusa o Professor Nilsson de disseminar a indiferença. O regulamento dá direito à livre expressão.

A cadeira estalava sob o peso do astrônomo.

— Sou um cientista — ele falou num tom irritado.

— Tenho não apenas o direito, mas a obrigação de declarar a verdade.

Lindgren contemplou-o com desagrado. Nilsson ainda não havia se banhado e usava um macacão encardido; uma barba áspera crescia-lhe no queixo.

— Não tem o direito de espalhar histórias de horror — disse Reymont. — Não reparou o que estava fazendo, especialmente a algumas mulheres, quando falou daquele modo no refeitório? Foi isso que me levou a intervir, mas há muito tempo você já vinha criando

problemas, Nilsson.

— Apenas falei abertamente o que é de conhecimento público desde o inicio — o gordo homem retrucou. — Ninguém tinha coragem de discutir o problema. Eu tive.

— Ninguém tinha a maldade de discuti-lo. Você teve.

— Sem insultos pessoais — disse Lindgren. — Digam-me o que aconteceu.

Desde algum tempo Lindgren estava fazendo as refeições sozinha em sua cabine, alegando exigências de trabalho. Também raramente era vista fora de serviço.

— A senhora sabe — disse Nilsson. — Falamos sobre o assunto na ocasião.

— Que assunto? — ela perguntou. — Conversamos sobre muita coisa.

— Conversamos, sim, como pessoas sensatas — Reymont interrompeu bruscamente. — Não uma conferência numa mesa cheia de companheiros de bordo, alguns já muito abatidos.

— Por favor, Agente Reymont! Prossiga, Professor Nilsson.

O astrônomo inflou-se.

— Uma coisa elementar. Não posso compreender como todos têm sido tão idiotas para não levá-la em consideração. Todos presumem cegamente que chegaremos a uma galáxia virginiana e encontraremos um planeta habitável. Mas digam-me como! Pensem nas exigências! Massa, temperatura, irradiação, atmosfera, hidrosfera, biosfera... A melhor estimativa é que um por cento das estrelas tenham planetas semelhantes à Terra.

— Então... — Lindgren começou. — Ora, certamente.

Nilsson não estava disposto a ser privado de sua plataforma. Talvez nem tenha se preocupado em ouvi-la. Enumerava nos dedos:

— Se apenas um por cento das estrelas são apropriadas, imaginem quantas precisaremos examinar para ter a mínima chance de encontrar o que procuramos. Cinqüenta! Sempre pensei que qualquer um a bordo fosse capaz de fazer esse cálculo. É concebível que tenhamos sorte e nos deparemos com nossa Nova Terra na primeira estrela que abordarmos. Mas as probabilidades contrárias são de noventa e nove por cento. Sem dúvida, precisaremos pesquisar muitas estrelas. O exame de cada uma envolve quase um ano de desaceleração. A partida, para pesquisar em outro lugar, requer outro ano de aceleração. Anos do tempo de bordo, lembrem-se, pois durante quase todo esse período viajaremos em velocidades que são pequenas, comparadas à da luz, e isso envolve um fator *tau* próximo da unidade: o que impede que ultrapassemos de uma gravidade.

— Por conseguinte — Nilsson prosseguiu — precisaremos gastar um mínimo de dois anos por estrela. A chance mínima de que lhes falei — e, não esqueçam, é apenas uma chance mínima, pois as probabilidades são de que não encontremos a Nova Terra nas primeiras cinqüenta estrelas — essa mínima chance, então, requer uma centena de anos de pesquisa. Na

realidade até mais, porque teremos de parar de vez em quando e recolher laboriosamente a massa de reação para o motor iônico. Mesmo com tratamentos contra o envelhecimento, não vamos viver tanto tempo.

— Assim — ele concluiu — todo o nosso esforço, os riscos que assumimos neste fantástico mergulho pela galáxia até sairmos no espaço intergalático, tudo isso é um exercício de futilidade. *Quond erat demonstrandum*. — Entre suas várias características repugnantes, Nilsson falou, em sua voz fanhosa.

— Madame! — o astrônomo arfou. — Eu protesto! Vou fazer uma acusação de abuso pessoal!

— Chega! — Lindgren ordenou. — Os dois! Devo admitir que sua conduta oferece provocação, Professor Nilsson. Por outro lado, Agente Reymont, devo lembrá-lo que o Professor Nilsson é um dos homens mais ilustres de sua especialidade que a Terra tem... teve. Merece todo o respeito.

— Não do modo como se comporta — disse Reymont.

— Ou cheira.

— Seja educado, Agente, ou eu mesma vou registrar uma acusação contra o senhor.

Lindgren respirou fundo.

— O senhor não parece fazer concessão às fraquezas humanas. Estamos à deriva no espaço e tempo, há cem mil anos o mundo que conhecemos foi sepultado, corremos um tanto cegamente para a parte da galáxia mais povoada de corpos celestes, a qualquer minuto podemos bater em alguma coisa que nos destrua, na melhor das hipóteses passaremos anos num ambiente fechado, árido. Não espera que as pessoas reajam a isso?

— Sim, madame — disse Reymont —, não espero que elas se comportem de modo a piorar as coisas.

— Há alguma verdade nisso — Lindgren admitiu. Nilsson se contorceu na cadeira com ar sombrio.

— Estava tentando poupar-lhes uma decepção ao término deste vôo — ele murmurou.

— Tem certeza absoluta que não estava apenas satisfazendo seu ego? — Lindgren suspirou. — Não importa. Seu ponto de vista é legítimo.

— Não, não é — Reymont contradisse. — Ele obtém um por cento contando cada estrela. Mas obviamente não vamos nos preocupar com anãs vermelhas — a grande maioria das estrelas — ou gigantes azuis, ou qualquer coisa fora de uma faixa espectral relativamente estreita. O que reduz extraordinariamente o campo de pesquisa.

— Pegue o índice dez — disse Nilsson. — Realmente não acredito, mas postulemos que tenhamos dez por cento de probabilidades de encontrar a Nova Terra numa das estrelas

semelhantes ao sol que examinarmos, Ainda assim, isto requer que cacemos entre cinco estrelas para ter uma chance mínima. Dez anos? Muito provavelmente vinte, considerando tudo. O mais jovem dentre nós já estará deixando sua juventude para trás. A perda de tantas oportunidades reprodutoras significa uma correspondente perda de hereditariedade; e nosso depósito genético já é mínimo. Se esperarmos várias décadas para gerar filhos, não procriaremos o suficiente. Poucas crianças chegariam a ter condições de se auto-sustentarem antes que os pais atingissem uma idade excessivamente avançada. Em qualquer hipótese, o estoque humano se esgotaria em três ou quatro gerações. Como estão vendo, sei alguma coisa sobre fluxo genético.

Sua fisionomia era de presunção. — Não quis ferir sentimentos — Nilsson continuou. — Meu desejo era ajudar, mostrando que a idéia de uma audaciosa comunidade pioneira, plantando de novo a humanidade numa nova galáxia... mostrando que isso não passa de uma fantasia infantil.

— Tem alguma alternativa? — Lindgren perguntou. Um tique nervoso começou a repuxar o rosto de Nilsson.

— Nada, a não ser uma visão realista das coisas — disse ele. — Aceitando o fato de que jamais sairemos desta nave. Ajustando a esse fato o nosso comportamento.

— É por essa razão que tem embromado o trabalho? — Reymont perguntou.

— Não gosto do termo que o senhor usou, mas é verdade que não faz sentido construir equipamento para navegação de longo alcance. Não estamos indo a parte alguma que faça qualquer diferença. Não posso sentir entusiasmo nem mesmo pelas propostas de Pereira e Fedoroff sobre os sistemas de sustentação da vida.

— Você compreende, eu acho — disse Reymont — que talvez para metade das pessoas a bordo, a coisa mais lógica a fazer, uma vez aceitos seus pontos de vista, é cometer suicídio.

— Possivelmente — Nilsson deu de ombros.

— O senhor odeia assim tanto a vida? — Lindgren perguntou.

Nilsson começou a se levantar, mas caiu de novo na cadeira, resmungando. Reymont surpreendeu-os, falando num tom gentil:

— Não o fiz vir aqui para lhe curar o desânimo. Só queria saber por que o senhor não pensou em melhorar nossas chances.

— Como é possível?

— É o que eu queria aprender do senhor. É o perito nas observações. Se me recordo, esteve encarregado na Terra de programas que localizaram uns cinqüenta sistemas planetários. Através dos anos-luz, o senhor conseguiu identificar planetas individuais e determinar suas características. Por que não pode fazer o mesmo para nos ajudar?

— Ridículo! — Nilsson retrucou. — Estou vendo que preciso explicar o tópico em

termos de jardim de infância. Será paciente comigo, Primeira Oficial? Preste atenção, Policial Reymont.

— Vamos supor: um instrumento extremamente grande, situado no espaço, pode captar um objeto do tamanho de Júpiter a uma distância de vários parsecs. Sob a condição, sem dúvida, de que o objeto seja suficientemente iluminado para não se perder no clarão de seu sol. Suponha que, pela análise matemática dos dados da perturbação do seu movimento, dados acumulados durante um certo período de anos, possamos obter alguma indicação sobre os planetas que o acompanham no sistema, pequenos demais para serem fotografados. Até certo ponto, as ambigüidades nas equações podem ser resolvidas pelo íntimo estudo interferométrico de fenômenos de clarão e brilho na estrela; os planetas exercem uma certa influência sobre esses ciclos.

— Mas — seu dedo apertou o peito de Reymont — você não imagina como esses resultados são imprecisos. Os jornalistas se deliciavam proclamando aos quatro ventos que outro mundo como a Terra foi descoberto. O fato, porém, é que isto era apenas uma possível interpretação de nossos dados. Apenas uma dentre numerosas possíveis distribuições de órbita e tamanho. E sujeita, muito provavelmente, a uma grande margem de erro. E, veja bem, com os maiores e melhores instrumentos que já foram construídos. Instrumentos que não temos conosco, nem teríamos espaço para colocá-los se, de algum modo, pudéssemos construí-los.

— Mesmo na Terra — Nilsson prosseguiu — o único meio de obter informação detalhada sobre planetas extra-solares foi enviar uma sonda e, posteriormente, uma expedição tripulada. Em nosso caso, o único meio é desacelerar para um exame in loco. E depois então, ir ou não em frente. Você deve estar ciente, ainda, que um planeta que pareça ideal pode ser estéril ou pode possuir uma bioquímica nativa inútil, quando não francamente mortal para nós.

— Imploro que você, policial, aprenda um pouco de ciência, um pouco de lógica e aceite um toque de realismo. E então? — Nilsson concluiu com uma exclamação de triunfo.

— Por favor, Professor... — disse Lindgren. Reymont sorriu com um ar de desdém.

— Não se preocupe, madame — disse. — Não haverá briga. Suas palavras não me atingiram.

Reymont examinou o outro homem.

— Acredite ou não — prosseguiu o policial — eu já sabia o que o senhor nos contou. Também sabia que o senhor é, ou era, um companheiro capaz. Fez inovações, projetou aparelhos que foram responsáveis por um grande número de descobertas. Fez um bom trabalho antes de desistir. Por que não colocar o cérebro para funcionar no problema que temos?

— Seria tão gentil a ponto de condescender em sugerir um procedimento? — Nilsson zombou.

— Não sou cientista, nem mesmo técnico — disse Reymont. — Algumas coisas, porém, me parecem óbvias. Vamos supor que entremos em nossa galáxia-alvo. Teremos perdido o *tau*

ultrabaixo que necessitamos para chegar lá, mas ainda teremos um de... oh, o que for conveniente. Dez a menos três, talvez. Bem, isso lhe dá uma base e um período de tempo cósmico terrivelmente longos para fazer observações. No curso de semanas ou meses, tempo de bordo, o senhor pode coletar maior número de dados sobre uma determinada estrela do que conseguiria em qualquer um dos planetas vizinhos do Sol. Penso que encontraria meios de usar os efeitos da relatividade para obter informações que não estivessem disponíveis. E, naturalmente, o senhor poderia observar um grande número de estradas, como o Sol, simultaneamente. Então, sem dúvida, encontraria alguma que possa provar — provar com número exatos, não deixando margem a dúvidas — que possui planetas com massas e órbitas aproximadamente iguais às da Terra.

— Mesmo admitindo essa hipótese, resta a questão da atmosfera e biosfera. Precisamos olhar de perto.

— Sim, sim. Mas será que precisamos parar para dar essa olhada? Vamos imaginar um curso que nos leve em seqüência pelos sóis mais promissores, enquanto continuamos a viajar próximos da velocidade da luz. Em tempo cósmico, teremos horas ou dias para examinar qualquer planeta que nos interesse. Sob o aspecto espectroscópico, termoscópico, fotográfico, magnético e assim por diante. Podemos formar uma idéia razoável das condições na superfície. Das condições biológicas também. Podemos obter informações sobre itens como desequilíbrio termodinâmico, espectros de reflexão de clorofila, polarização por populações de micróbios baseadas em aminoácidos... sim, imagino que possamos adquirir uma excelente noção sobre a habitabilidade do planeta. Sob um *tau* baixo, podemos examinar muitos planetas numa pequena extensão de nosso próprio tempo. Sem dúvida, teremos de usar a automação e a eletrônica; nós mesmos não poderíamos trabalhar com suficiente rapidez... Quando tivermos identificado o mundo adequado, podemos nos dirigir a ele. Levaremos alguns anos, concordo. Mas serão anos suportáveis. Saberemos, com alta probabilidade, que haverá um lar nos esperando.

A cor subiu às faces de Lindgren. Seus olhos adquiriram um certo brilho.

— Meu Deus — disse ela — , por que não falou nisso antes?

— Tinha outros problemas na cabeça — Reymont respondeu. — Por que o senhor não falou, Professor Nilsson?

— Porque a coisa toda é um absurdo — o astrônomo bufou. — Pressupõe uma instrumentação que não possuímos.

— Não podemos construí-la? Temos ferramentas, equipamentos de precisão, matéria-prima para a construção, trabalhadores habilitados. Sua equipe já fez progressos.

— Isso exigiria rapidez e sensibilidade atingindo as raias do impossível. Trabalharíamos para desenvolver algo que nunca existiu.

— Então? — disse Reymont.

Nilsson e Lindgren o olharam fixamente. A nave estremecia.

— Então, por que não podemos desenvolver o que precisamos? — Reymont perguntou num tom de perplexidade. — Temos algumas das pessoas mais talentosas, altamente treinadas, imaginativas que nossa civilização produziu. Cobrem todos os campos da ciência; o que não sabem, podem descobrir nos microtapes; estão acostumadas ao trabalho interdisciplinar.

— Suponhamos, por exemplo — Reymont continuou — que Emma Glassgold e Norbert Williams se unam para projetar as especificações de um aparelho destinado a detectar e analisar a vida à distância. Teriam de consultar outras pessoas. Acabariam empregando físicos, engenheiros eletrônicos e o resto dos cientistas e técnicos, que tornariam o projeto realidade. Enquanto isso, Professor Nilsson, o senhor poderia ficar encarregado de um grupo que construísse ferramentas para uma planetografia remota. Na verdade, porém, o senhor é logicamente o homem indicado para encabeçar a totalidade do programa.

Toda a rudeza se afastou de Reymont. Fascinado como um menino, ele exclamou:

— Ora! É precisamente o que estamos precisando! Uma tarefa apaixonante e vital, que exige o máximo de cada um. Aqueles cujas especialidades não possam ser utilizadas no projeto, participarão dele como assistentes, desenhistas, trabalhadores manuais... Acho que teremos de remodelar um convés de carga para acomodar o mecanismo... Ingrid, há um meio de salvar não apenas nossas vidas, mas também nossas mentes!

Ele ficou de pé. Ela também. Suas mãos se apertaram.

De súbito, lembraram-se da presença de Nilsson. O astrônomo estava sentado. Parecia insignificante, tinha o corpo curvado, trêmulo, prostrado.

— O que o senhor tem? — Lindgren aproximou-se dele assustada.

A cabeça de Nilsson não se levantou.

— Impossível — ele murmurou. — Impossível.

— Certamente não — ela o estimulou. — Quero dizer, o senhor não teria que descobrir novas leis da natureza, não é? Os princípios básicos são conhecidos.

— Mas precisam ser aplicados de formas totalmente novas. — Nilsson cobriu o rosto com as mãos. — Por Deus, não tenho mais cérebro para isso!

Lindgren e Reymont trocaram um olhar sobre a cabeça curvada do astrônomo. Ela articulou palavras silenciosas. Certa vez, Reymont lhe ensinara a forma de leitura labial usada pelo Corpo de Resgate quando os rádios do traje espacial não funcionavam. Os dois haviam praticado essa leitura como uma coisa que poderia mantê-los íntimos em qualquer situação.

"Podemos ter sucesso sem ele."

"Duvido muito. Ele é o melhor chefe para esse tipo de projeto. Pelo menos temos pouca chance se ele não participar."

Lindgren se acocorou ao lado de Nilsson e pôs o braço em seus ombros.

— Qual é o problema? — perguntou com voz extremamente suave.

— Eu não tenho esperanças — ele fungou. — Nenhuma razão para viver.

— O senhor tem!

— Você sabe... Jane... me abandonou... meses atrás. Nenhuma outra mulher vai querer... E quem se importaria comigo? O que sobrou para mim?

Reymont articulou nos lábios:

"Então, atrás de tudo, estava a auto piedade."

Lindgren franziu a testa e balançou a cabeça.

— Não, você está enganado, Elof — ela murmurou. — Nós nos importamos com você. Pediríamos a sua ajuda se não o respeitássemos?

— Se não respeitassem minha mente...

Nilsson se aprumou na cadeira e encarou-a com olhos lacrimejantes.

— Querem minha inteligência, certo! Meu conselho. Meus conhecimentos e talento. Para salvarem a si mesmos. Mas querem a mim? Pensam em mim como ser humano? Não!, velho Nilsson. É até difícil ser cortês com você. Quando você começa a falar, todos procuram a primeira desculpa possível para se afastarem. Ninguém o convida para festas íntimas. No máximo, para não deixá-lo desesperar, alguém lhe pede para completar uma roda de bridge ou iniciar um esforço para montar novos instrumentos. Que esperam que Nilsson faça? Que agradeça?

— Isto não é verdade!

— Oh, não sou tão infantil — disse ele. — Eu ajudaria se fosse capaz. Mas há um branco em minha mente, é o que lhes digo. Há semanas não tenho um só pensamento original. Digam que é o medo da morte me paralisando ou uma espécie de impotência. Não me importa o que digam, porque ninguém estará se preocupando. Ninguém me ofereceu amizade, companhia, nada. Tenho estado sozinho no frio e no escuro. Vocês se espantam que minha mente esteja congelada?

Lindgren parecia distante, não revelando que emoções podiam correr dentro dela. Ao fitar de novo Nilsson, parecia calma.

— Não pode imaginar como eu lamento, Elof — disse ela. — Em parte você deve culpar a si mesmo. Você era tão... bem... auto-suficiente, que todo mundo achava que não queria ser incomodado. Assim, Olga Sobieski, por exemplo, teve medo de perturbá-lo. Por isso foi morar comigo... quando você passou a dividir a cabine com Hussein Sadek.

— Ele conserva sempre o painel dividindo nossas partes — Nilsson falou com voz estridente. — Nunca o remove. Mas os compartimentos não ficam inteiramente à prova de som. Eu sempre o escuto com as garotas do outro lado.

— Agora, nós estamos compreendendo — Lindgren sorriu. — Para ser bastante sincera, Elof, estou entediada com minha vida presente.

Nilsson resmungou de modo estranho.

— Creio que temos alguns assuntos pessoais a discutir — disse Lindgren. — Você... você se importaria, policial?

— Não — disse Reymont. — Evidentemente.

Ele foi embora da cabine.

Capítulo 15

Leonora Christine cortou o núcleo da galáxia em vinte mil anos. Para os que estavam a bordo, o tempo era medido em horas. Foram horas de pavor, o casco jogando e rangendo devido ao esforço a que era submetido, o panorama externo passando da total escuridão para uma névoa cintilante, chamejando num aglomerado de nuvens de estrelas A possibilidade de colidir com um sol não era desprezível; oculto numa nuvem de poeira, podia estar diante da nave num instante do tempo de bordo. (Ninguém sabia o que aconteceria à estrela. Podia se transformar numa supernova. Mas certamente a nave seria destruída, e com tamanha rapidez que a tripulação nem perceberia a morte.) Por outro lado, aquela era a região onde o *tau* inverso elevava-se a valores que apenas podiam ser estimados, jamais estabelecidos com precisão, absolutamente não apreensíveis.

A nave teve um período de alívio ao atravessar a região de espaço límpido no centro do núcleo. Era como se passasse pelo olho de um furacão. Pelo videoscópio, Foxe-Jameson contemplava um aglomerado de sóis: anãs vermelhas, brancas, neutrônicas, duas a três vezes mais velhas que o Sol e seus vizinhos; alguns outros de luz fraca e trêmula, provavelmente jamais vistos nem pressentidos em outros pontos da galáxia. Jameson chegou à beira do choro.

— É absolutamente terrível! As respostas para um milhão de perguntas, bem aqui, e nem um único instrumento que possamos usar!

Seus companheiros riram.

— Onde você as publicaria? — alguém perguntou. Qualquer indício de esperança expressava-se freqüentemente por uma espécie de humor negro.

Mas ninguém brincou quando Boudreau pediu para ter uma conversa particular com Telander e Reymont. Foi logo após a nave ter saído da nebulosa no lado oposto do núcleo e voltado pelo braço em espiral de onde viera. O cenário atrás era uma bola de fogo que diminuía; à frente havia uma escuridão crescente. Os recifes, no entanto, haviam sido transpostos, a jornada para as galáxias de Virgem tomaria apenas mais alguns meses de vida humana, o programa de pesquisa e desenvolvimento sobre técnicas de encontrar um planeta fora anunciado com grande otimismo. Para comemorar, um baile com algumas bebidas fervilhava no salão. O riso, o arrastar de pés, a cadência do acordeão de Urho Latvala chegavam abafados à ponte de comando.

— Acho que devia ter deixado vocês se divertirem como todo mundo — disse Boudreau. Era chocante como o amarelado de sua pele se destacava contra a barba e o cabelo. — Mas Mohandas Chidambaran me deu os resultados de seus cálculos, cálculos tirados da última leitura após emergirmos do núcleo. Acredita que eu seja a pessoa mais qualificada para avaliar as conseqüências práticas... Não existe um livro-texto na navegação intergalática! Chidambaran

está em sua cabine, sozinho, meditando. Quando passou minha estupefação, achei que devia informá-los imediatamente.

O rosto do Comandante Telander ficou tenso, preparado para um novo golpe.

— Qual é o resultado? — ele perguntou.

— Qual é o problema? — Reymont acrescentou.

— A densidade da matéria no espaço à nossa frente — disse Boudreau. — Dentro desta galáxia, entre as galáxias, entre todos os agrupamentos galáticos. Com o nosso *tau* atual e a mudança de freqüência da emissão radiofônica de hidrogênio neutro, os instrumentos já construídos pela equipe de astronomia adquirem uma precisão sem precedentes.

— O que eles dizem, então? Boudreau tomou coragem.

— A concentração de gás cai mais lentamente do que esperamos. Com o *tau* que provavelmente teremos quando deixarmos a galáxia da Via Láctea... daqui a vinte milhões de anos-luz, a meio caminho do grupo de Virgem... mesmo com esse *tau, é* praticamente certo que ainda não poderemos desligar os campos de força.

Telander fechou os olhos. Reymont falou aos trancos:

— Já discutimos essa possibilidade no passado. — A cicatriz aparecia nitidamente em sua testa. — Se mesmo entre dois grupos não pudéssemos fazer nosso conserto. É em parte por isso que Fedoroff e Pereira querem melhorar os sistemas de sustentação da vida. Você age como se tivesse uma outra idéia.

— Aquela sobre a qual conversamos não há muito tempo, o senhor e eu — Boudreau disse para o comandante.

Reymont esperava.

Boudreau falou-lhe numa voz que se tornara calma:

— Há séculos os astrônomos sabem que um grupo ou família de galáxias como nosso Grupo Local não é a mais alta forma em que as estrelas estão organizadas. Essas coleções de uma ou duas dúzias de galáxias tendem, por sua vez, a ocorrer em associações maiores. Superfamílias...

Reymont teve um riso áspero.

— Chame-as de clãs — ele sugeriu.

— Hein? Ora... tudo bem. Um clã é composto de várias famílias... A distância média entre os membros de uma família, galáxias individuais dentro de um grupo, é, oh, digamos um milhão de anos-luz. A distância média entre uma família e outra é maior, como se poderia esperar: da ordem de cinqüenta milhões de anos-luz. Nosso plano era deixar esta família e ir para a família mais próxima, o grupo de Virgem. Ambas pertencem ao mesmo clã.

— Em vez disso, se quisermos ter qualquer esperança de parar, precisaremos abandonar todo o clã.

— Sim, receio que sim.

— Qual a distância até o clã mais próximo?

— Não posso dizer. Não trouxe revistas de astronomia comigo. Agora já estariam um tanto obsoletas, não é?

— Pare com isso — Telander advertiu. Boudreau engoliu em seco.

— Peço que me desculpe, Comandante. Foi uma piada um tanto desagradável. Chidambaran não acredita que possamos confiar em nenhuma de suas estimativas — ele continuou, retomando um tom de conferência. — A concentração de grupos galáticos cai abruptamente a uma distância de cerca de sessenta milhões de anos-luz daqui. Além desse ponto, há um longo caminho para outras regiões ricas. Chidambaran estima em cem milhões de anos-luz, ou menos. Se a distância não fosse tão grande, teria sido mais fácil para os astrônomos identificar a estrutura hierárquica do universo.

— Sem dúvida, entre os clãs, o espaço se aproxima tanto de um vácuo perfeito que não precisaremos de proteção.

— Podemos navegar até lá? — Reymont perguntou bruscamente.

O suor brilhava no rosto de Boudreau.

— Você sabe dos riscos — disse ele. — Estaremos mergulhando mais profundamente para o desconhecido do que imaginamos. Não teremos posições nem panoramas precisos. Precisaremos de um *tau*...

— Um minuto — pediu Reymont. — Deixem-me esboçar a situação em minha linguagem de leigo para ter certeza que estou compreendendo vocês.

Ele hesitou, coçou o queixo (um som de lixa sob a música distante), franziu a testa até colocar seus pensamentos em ordem.

— Precisamos chegar... não apenas ao espaço entre duas famílias de galáxias, mas ao espaço entre dois clãs — disse. — E devemos fazê-lo no prazo de um tempo de bordo moderado. Por conseguinte, precisamos diminuir nosso *tau para* um bilionésimo ou menos que o valor atual. Podemos fazer isso? A julgar pelas palavras de Boudreau é possível. Imagino que o método seja tomar um curso dentro desta família que nos leve através do núcleo de pelo menos uma outra galáxia. E, do mesmo modo, na próxima família — seja o grupo de Virgem ou qualquer outro determinado por nosso novo plano de vôo — através de tantas galáxias individuais quanto necessário, sempre acelerando.

— Assim que deixarmos o clã bem para trás — ele prosseguiu — devemos conseguir fazer nosso conserto. Posteriormente, precisaremos de um idêntico período de desaceleração.

Mas como nosso *tau* estará muito baixo e o espaço extremamente vazio, seremos incapazes de prosseguir. Não haverá material suficiente para os jatos trabalharem, nem suficientes dados de navegação para nos guiar. Teremos de atravessar ainda outro clã.

— Teremos de fazer isso. Depois do conserto. Razões puramente estatísticas o indicam. Sem, dúvida, podemos precisar de muito tempo.

— Exato — disse Telander. — Você de fato está entendendo.

No pavimento superior, os companheiros de bordo começaram a cantar:

— Mas eu e meu verdadeiro amor nunca mais nos vamos encontrar

Nas belas, belas margens de Loch Lomond.

— Bem — disse Reymont — não há qualquer virtude na lembrança. De fato, para nós ela se torna um vício.

— Que está querendo dizer? — perguntou Boudreau. Reymont deu de ombros.

— Precisamos mais que o *tau* para cruzar o espaço até o próximo clã, com milhões de anos-luz ou seja lá qual for a distância. Precisamos do *tau* para uma caçada que poderá nos levar a atravessar inúmeros clãs, através talvez de bilhões de anos-luz, até encontrarmos um clã onde possamos entrar. Acredito que vocês possam traçar um curso dentro deste primeiro clã que nos proporcione esse tipo de velocidade. Não se preocupe quanto a possíveis colisões. Não podemos nos dar ao luxo de ter preocupações. Metam-nos através da poeira e gás mais densos que possam encontrar.

— Você... está encarando a coisa... um tanto friamente — disse Telander.

— O que eu devia fazer? Explodir em lágrimas?

— Achei que você precisava saber das notícias em primeiro lugar — disse Boudreau. — Você poderia transmiti-las aos outros.

Reymont examinou os dois homens por um instante que se alongou.

— Não sou o comandante, vocês sabem — ele lembrou.

O sorriso de Telander foi um espasmo.

— Sob certos aspectos, policial, você é o comandante. Reymont se aproximou do painel de instrumentos mais próximo. Ali permaneceu com os olhos brilhantes, cabeça baixa e polegares enganchados no cinto.

— Bem — murmurou. — Se realmente vocês querem que eu me encarregue.

— Penso que seria melhor.

— Bem, nesse caso... Eles são boa gente. O moral subindo outra vez, pois agora percebem que estão realizando alguma coisa. E acho que serão capazes de perceber, não apenas intelectualmente, mas emocionalmente, que não há diferença entre um milhão ou dez bilhões de anos-luz. O exilio é o mesmo.

— O tempo envolvido, porém... — disse Telander.

— Sim — Reymont voltou a contemplá-los. — Não sei quanto tempo de vida ainda poderemos devotar a esta viagem. Certamente não muito. As condições são excessivamente artificiais. Alguns de nós conseguem se adaptar, mas tenho visto que outros não. Por isso, temos efetivamente de levar o *tau* o mais baixo possível, não importa quais sejam os riscos. Não é apenas para encurtar a viagem e torná-la suportável. Mas pela necessidade psicológica de darmos tudo de nós.

— Como assim?

— Vocês não vêem? É a batalha que temos de travar no universo. *Vogue Ia galère.* Aconteça o que acontecer. Toda a força à frente e pouco importam os torpedos. Acho que se eu colocar dessa maneira o problema para nosso pessoal, eles vão reagrupar forças. Pelo menos por algum tempo.

Os passarinhos cantam e brotam as flores do campo,

E as águas dormem ao sol...

Capítulo 16

A TRAJETÓRIA para fora da Via Láctea não foi retilínea. A nave ziguezagueou um pouco, cerca de vários séculos-luz, para atravessar as nebulosas e nuvens de poeira mais densas. Não obstante, o tempo a bordo foi contado em dia até ela atingir os limites do braço da espiral, saltando para uma noite quase sem estrelas.

Johann Freiwald levou para Emma Glassgold uma peça do equipamento que fizera por ordem dela. Como fora proposto, ela estava unindo suas forças às de Norbert Williams para projetar detectores de vida de longo alcance. O maquinista encontrou-a andando de lá para cá em seu laboratório, as mãos ocupadas, falando consigo mesma. Os aparelhos e frascos eram esotéricos, os cheiros quimicamente pungentes. No fundo, havia o interminável murmúrio e palpitação da nave mergulhando no espaço.

De certo modo, Glassgold parecia uma recém-casada fazendo um bolo de aniversário para o marido.

— Obrigado — ela disse sorrindo, pegando a peça das mãos de Freiwald.

— Você parece contente — ele falou. — Por quê?

— Por que não?

O braço de Freiwald cortou o ar num gesto brusco.

— Por tudo!

— Bem... uma decepção acerca do grupo de Virgem, é claro. Contudo, Norbert e eu... — Ela se interrompeu, corando. — Temos um fascinante problema aqui, um verdadeiro desafio, e ele já deu uma brilhante sugestão sobre o modo de resolvê-lo. — Ela levantou a cabeça para Freiwald. — Nunca vi você com tamanho mau-humor. Onde está aquele seu alegre espírito nietzschiano.

— Hoje deixamos a galáxia — disse ele. — Para sempre.

— Ora, você sabia...

— Sim. Eu também sabia, sei que preciso morrer algum dia, e Jane também, o que é pior. Isso não torna as coisas mais fáceis. — O homem forte e louro exclamou de repente, num tom de súplica: — Você acredita que paremos algum dia?

— Não posso dizer — Glassgold respondeu. Ela ficou nas ponta dos pés para pôr-lhe a mão no ombro. — Não foi fácil para mim me resignar à possibilidade de jamais pararmos — disse. — Mas eu consegui, com a ajuda de Deus. Agora posso aceitar seja lá o que for que nos aconteça, e posso sentir como são boas a maior parte das coisas que nos acontecem. Sem

dúvida, você pode fazer o mesmo, Johann.

— Vou tentar — disse ele. — É tão escuro lá fora. Nunca pensei que, crescido, eu voltaria a ter medo do escuro.

O grande redemoinho de sóis se contraiu e empalideceu à popa. À frente, outro começou lentamente a se desenvolver. No videoscópio, era algo de beleza delicada e complexa, um emaranhado de pedras preciosas. Além dele, em volta dele, outros redemoinhos começavam a aparecer sob a forma de minúsculas manchas e pontos de radiância. Apesar da contração einsteiniana do espaço à velocidade de *Leonora Christine,* esses pontos surgiam monstruosamente remotos e isolados.

A velocidade continuava a subir, não tão depressa quanto nas regiões deixadas para trás (aqui a concentração de gás *era* talvez uma centésima milionésima parte daquela existente nas proximidades do Sol), mas o suficiente para levar a espaçonave à galáxia mais próxima em algumas semanas de seu tempo. Observações precisas não podiam ser feitas sem melhoramentos radicais na tecnologia astronômica: uma tarefa a que Nilsson e sua equipe atiravam-se com a ânsia de fugitivos à beira da possibilidade de escape.

Testando uma unidade fotoconversora, Nilsson fez pessoalmente uma descoberta. Algumas estrelas existiam ali. Ele não sabia se perturbações erráticas tinham-nas trazido à deriva de suas galáxias de origem, incontáveis bilhões de anos atrás, ou se haviam se formado naquelas profundezas, de uma forma desconhecida. Por um acaso incrivelmente improvável, a nave passou bem perto de uma delas. Nilsson pôde identificá-la — uma pálida e velha anã vermelha — e demonstrar que ela devia ter planetas, devido ao reflexo que o aparelho captou antes que o sistema fosse de novo tragado pela distância.

Era um pensamento lúgubre, aqueles mundos glaciais e sombrios, muitas vezes mais velhos que a Terra, talvez um ou dois com vida na superfície, e nunca uma estrela para iluminar suas noites. Quando contou a Lindgren sua descoberta, ela pediu-lhe que não passasse a mais ninguém a informação.

Vários dias mais tarde, voltando do trabalho, Nilsson abriu a porta da cabine e viu que Lindgren já se encontrava lá. Ela não reparou nele. Estava sentada na cama, distante, os olhos num retrato de família. A luz fora apenas parcialmente ligada deixando-a a na obscuridade e caindo tão gelidamente em seu cabelo que ele parecia branco. Dedilhava o alaúde e cantava... Para si mesma? Não era a canção alegre de seu querido Bellman. Na realidade, o idioma era o dinamarquês. Logo depois, Nilsson reconheceu o poema, *Canções do Gurre,* de Jacobsen, e a melodia que Schönberg fizera para ele.

A invocação dos homens do Rei Valdemar, despertados de seus esquifes para segui-lo na cavalgada fantasmagórica que estava condenado a liderar, embrenhando-se cada vez mais à frente.

Salve, Rei, aqui junto ao Lago Gurre!

De um lado a outro da ilha empreendemos nossa caçada,

Do arco sem corda deixamos a seta voar

Que apontamos com um olho sem visão.

Perseguimos e ferimos o cervo ilusório,

E, como sangue, o orvalho saltará da ferida.

O corvo da noite se agita

Em seu tipo sombrio,

A folhagem espumeja onde ressoam os cascos.

Assim deveremos caçar toda a noite, dizem eles,

Até aquela caçada no Dia do Julgamento.

Opa, cavalo e cão.

Paremos um pouco sobre este chão!

Cá está o castelo que havia outrora.

Alimentem seus cavalos com a lanugem do cardo;

O homem pode saborear sua própria celebridade.

Lindgren passou à estrofe seguinte, o apelo de Valdemar a seu amor perdido. Tropeçando, pulou diretamente para as palavras de seus homens quando a alvorada os surpreende.

O galo ergue a cabeça para cantar,

Tem o dia dentro dele,

E se vai avermelhando o orvalho da manhã

Com a cor da ferrugem tirada de nossas espadas.

Passado é o momento!

Os túmulos chamam com bocas abertas,

E a terra sorve todo o horror temeroso da luz.

Afundai, afundai! Forte e radiante, a vida desponta

Com proezas reais e um martelante pulsar.

E nós somos gente morta,

Gente infortunada e morta,

Gente atormentada e morta.

Para os túmulos! Para os túmulos!

Para o sono aturdido de sonhos...

Oh, pudéssemos ao menos descansar em paz!

Por algum tempo houve silêncio.

— Isso toca demais no íntimo, minha querida — disse Nilsson.

Ela olhou ao redor. A fadiga estendera-lhe uma palidez no rosto.

— Eu não a cantaria em público — respondeu. Preocupado, Nilsson aproximou-se dela, sentou a seu lado e perguntou:

— Acha realmente que estamos numa amaldiçoada caçada fantástica? Nunca tive a resposta.

— Tento não obter a resposta.

Lindgren tinha o olhar perdido à frente. Seus dedos tiravam acordes trêmulos do alaúde.

— Às vezes... Estamos agora atingindo aproximadamente a marca de um milhão de anos, você sabe...

Nilsson pôs-lhe o braço em volta da cintura.

— Que posso fazer para ajudar, Ingrid? Alguma coisa? Ela balançou quase imperceptivelmente a cabeça.

— Devo tanto a você — disse ele. — Sua força, sua bondade, você mesma. Você me transformou de novo num homem. Não o melhor homem do mundo, eu sei — ele continuou com dificuldade. — Não bonito, nem charmoso, nem espirituoso. Muitas vezes até mesmo me esqueço de tentar ser um bom companheiro. Mas eu quero ser!

— É claro, Elof.

— Se você, bem, houver se cansado de nossa convivência... ou simplesmente quiser mais, mais variedade...

— Não. Nada disso. — Ela largou o alaúde. — Precisamos fazer esta nave chegar a um porto, se isso for possível. Não devemos nos preocupar com nada além disso.

Nilsson olhou-a com uma expressão aflita, mas antes que tivesse tempo de perguntar exatamente o que ela queria dizer, Lindgren sorriu, beijou-o e falou:

— Não podemos nos permitir um descanso. Um esquecimento. Pode fazer uma coisa por mim, Elof. Pegue nossa ração de bebida. Ajude também a você mesmo fazendo isso; você fica muito carinhoso quando dissolve sua timidez. Convidaremos alguém jovem e bem-humorado... Luís, eu penso, e Maria. Poderemos rir, jogar, virar a cabine de pernas para o ar e derramar uma jarra de água sobre o primeiro que disser qualquer coisa séria...Vai fazer isso?

— Se eu puder — disse ele.

Leonora Christine entrou pelo plano equatorial da galáxia seguinte, para aumentar a distância em que atravessaria sua abundância de gás e poeira estelar. Já nas franjas da galáxia, onde os sóis ainda eram muito dispersos, ela começou a saltar para uma alta aceleração. A fúria dessa passagem vibrava cada vez mais forte e barulhenta.

O Comandante Telander se conservava na ponte de comando. Aparentemente tinha pouco controle sobre a nave. O braço da espiral curvou-se à frente como uma estrada, brilhando azul e prateada. Aqui e ali, estrelas gigantes chegavam bastante perto e apareciam nos monitores remodelados, sempre distorcidas pelos efeitos da velocidade. A velocidade as fazia rodopiar, como se fossem fagulhas sopradas pelo vento que batia contra a nave. Aqui e ali, uma nebulosa densa encerrava *Leonora Christine* numa noite fechada ou na fluorescência de quentes fogos estelares recentemente surgidos.

Lenkei e Barrios eram os homens que mais atuavam nesse momento, manobrando manualmente a nave através daquele fantástico mergulho de centenas de milhares de anos. Os vídeos diante deles, a voz do Navegador Boudreau no intercomunicador, explicando o que parecia haver na frente, ou do Engenheiro Fedoroff, alertando para as pressões excessivas, davam-lhes alguma orientação. Mas a nave atingira excessiva velocidade, excessiva massa para permitir alterações de trajetória. Sob tais condições, os instrumentos, outrora confiáveis, haviam se transformado em oráculos délficos. Os pilotos se apoiavam principalmente na perícia e no instinto, talvez mesmo na prece.

Do início ao fim de todas aquelas horas a bordo da nave, o Comandante Telander sentava-se tão imóvel que poderiam julgá-lo morto. Eram poucas as vezes em que se mexia. (Forte concentração de matéria não identificada, senhor. Pode ser excessivamente densa para nós. Tentamos nos desviar?) Ele dava respostas. (Não, prossiga, aproveite cada oportunidade de diminuir o *tau,* mesmo que você estime em apenas cinqüenta por Cento nossas chances de travessia.) Seu tom era sempre calmo e sem hesitações.

As nuvens em torno do núcleo eram mais grossas e atingiam com mais força a nave que aquelas na galáxia da Via Láctea. Trovões ressoavam no casco, que projetava-se aos trancos para acelerações alterando-se mais depressa do que podia ser compensado. Equipamentos saltavam de seus recipientes e se despedaçavam; luzes piscavam, apagavam, mas eram

religadas por homens suados, praguejando, segurando lanternas; nas cabines escuras, as pessoas esperavam a morte.

— Prossiga no curso atual — Telander ordenou e foi obedecido.

E a nave sobreviveu. Emergiu num espaço estrelado e saltou do outro lado da imensa roda da galáxia Catarina. Em pouco mais de uma hora, a espaçonave tomou a entrar em regiões intergaláticas. Telander anunciou a coisa sem algazarra. Algumas pessoas se alegraram.

Boudreau aproximou-se do comandante, trêmulo de emoção, mas com um brilho no rosto.

— *Mon Dieu,* Senhor Comandante, nós conseguimos! Eu não acreditava que fosse possível. Não teria coragem de dar as ordens de comando que o senhor deu. O senhor estava certo! Fez-nos vencer o obstáculo que mais temíamos!

— Ainda não — disse Telander sentado em sua cadeira. O tom de sua voz permanecia inalterável. Ele olhou para Boudreau: — Já corrigiu seus dados de navegação? Poderemos usar qualquer outra galáxia desta família?

— Ora... bem, sim. Várias delas, embora algumas sejam pequenos sistemas elipticos e provavelmente só possamos cortar parcialmente algumas outras. Estávamos numa velocidade elevada demais. Aliás, por essa razão, teremos cada vez menos problemas, correremos cada vez menos riscos, se considerarmos nossas massas. E podemos sem dúvida, de maneira semelhante, usar pelo menos duas outras famílias galáticas, talvez três. — Boudreau puxou a barba. — Calculo que estaremos, anh, no espaço interclã, bem dentro dele para que possamos fazer aqueles reparos, daqui a um mês.

— Bom — disse Telander.

Boudreau olhou-o de perto e ficou chocado. Sob a circunspecta falta de expressão, o comandante tinha o rosto de um homem totalmente exausto.

Escuridão.

A noite absoluta.

Através de detalhamentos, ampliações, reconversão de comprimentos de ondas, os instrumentos identificaram uma luz trêmula naquele breu. Os sentidos humanos não encontravam nada, nada.

— Nós estamos mortos — as palavras de Fedoroff ecoaram nos *plugs* de ouvido e nos crânios.

— Eu me sinto vivo — Reymont replicou.

— O que mais é a morte senão o corte final? Nenhum sol, nenhuma estrela, nem sons, peso, sombra...

Entrecortada, a respiração de Fedoroff era ouvida com nitidez. O rádio não mais

conduzia o barulho de rebenta-ção de mar da interferência cósmica.

A cabeça de Fedoroff era invisível contra o espaço vazio. A lâmpada de seu traje lançava um monótono ponto de luz sobre a nave. A luz era refletida pelo casco e se perdia nas terríveis distâncias.

— Vamos continuar nos mexendo — Reymont instou.

— Quem pensa que é para dar ordens aqui? — perguntou outro homem. — O que sabe você sobre motores Bussard? E, aliás, por que está aqui fora com esta equipe de trabalho?

— Sei me deslocar em queda livre e no traje espacial — explicou Reymont. — Assim, posso fornecer um par de mãos adicional. Sei que é melhor fazer o trabalho depressa. O que, aliás, parece que não cabe na cabeça de vocês.

— Por que a pressa? — Fedoroff zombou, — Temos a eternidade. Estamos mortos, não esqueça.

— De fato estaremos mortos se, com os campos de força desativados, formos apanhados por uma real concentração de matéria — Reymont replicou. — Com o nosso *tau* atual, bastaria menos que um átomo por metro cúbico para nos matar. Esse mesmo *tau* que nos coloca a apenas... semanas de distância do próximo clã galático.

— E daí?

— Bem, você tem certeza absoluta, Fedoroff, que não colidiremos com um embrião de galáxia, família, clã... Alguma enorme nuvem de hidrogênio, ainda escura, ainda dobrada sobre si mesma... Que não colidiremos a qualquer instante?

— A qualquer milênio, você quer dizer — respondeu o Engenheiro-Chefe.

Por certo envergonhado de seu ritmo lento, Fedoroff abriu rapidamente a comporta principal na popa. Sua equipe o acompanhava.

Era de fato uma fileira de fantasmas. Mesmo Fedoroff, que nunca fora covarde, ouvia por um instante o bater de asas das Fúrias.

Pensava no espaço como escuridão. Quem se lembraria que fora cheio de estrelas? As formas se desenhavam em silhueta contra a luz de sóis, agrupamentos galáticos, constelações, nebulosas, galáxias irmãs; oh, o cosmos era impregnado de luz! O cosmos *interior*. Lá era pior que um fundo negro. Lá não havia fundo. Absolutamente nenhum. As formas achatadas, não humanas, dos homens em roupa espacial, a longa curva do casco, eram vistas como cintilações, desconexas e fugidias. Com o fim da aceleração, o peso também acabara. Nem mesmo os leves efeitos de gravidade de estar em órbita existiam. O homem movia-se num arrebatamento de mergulho, queda, vôo infinitos. E contudo... Fedoroff se lembrava que aquele seu corpo sem peso abrigava a massa de uma montanha. Havia um peso real em seu flutuar ou as constantes de inércia tinham sutilmente se modificado (ali onde a métrica do espaço-tempo se achatara até quase se transformar numa linha reta) ? Ou era uma ilusão de peso, gerando na quietude da

tumba que o engolfava? Que era a ilusão? Que era a realidade? Era realidade?

Amarrados uns aos outros, presos com sapatos magnéticos ao metal da nave (curioso, o horror que tinham de se soltar; o aniquilamento seria o mesmo que nos longínquos caminhos do espaço do sistema solar, mas a idéia de arder a gigantescos anos-luz de distância, como um meteoro na escala estelar, dava uma particular sensação de solidão), o destacamento do engenheiro seguia seu caminho ao longo do casco, ultrapassando a estrutura aracnóide dos geradores hidromagnéticos. Aquelas nervuras pareciam terrivelmente frágeis.

— Se não pudermos fixar o desacelerador na metade do módulo? — entrou a voz nos *plugs* do rádio. — Devemos continuar? O que vai nos acontecer? Quero dizer, as leis não serão diferentes nos confins do universo? Não nos transformaremos em alguma coisa horrível?

— O espaço é isotrópico — Reymont vociferou na escuridão. — Falar em confins do universo é bobagem. E vamos partir do principio de que podemos consertar a maldita máquina.

Ele ouviu algumas imprecações e arreganhou os dentes como fera carnívora. Quando o grupo parou e confiou suas existências à resistência das vigas do motor iônico, Fedoroff encostou o capacete no de Reymont para uma conversa particular, transmitida pela condutibilidade do metal.

— Obrigado, policial — disse o engenheiro.

— Por quê?

— Por ser um bastardo vulgar.

— Bem, temos um conserto vulgar a fazer. Podemos ter seguido um longo caminho, podemos já ter sobrevivido à espécie que nos produziu, mas não deixamos de ser uma mera variedade de macacos chimpanzés. Não sei por que nos levamos tão nojentamente a sério.

— Hum... Acho que entendo por que Lindgren insistiu para que o deixasse vir conosco. — Fedoroff pigarreou. — Sobre ela...

— Sim...

— Eu... eu estava aborrecido com a forma como você a tratou. Foi principalmente isso. Evidentemente, eu fiquei, anh, pessoalmente humilhado Mas um homem deve ser capaz de superar esse tipo de coisa. Eu me preocupava com ela, porém; me preocupava muito.

— Esqueça — disse Reymont.

— Não posso. Mas talvez possa compreender um pouco melhor do que no passado. Você também deve ter sentido muito. Agora, por iniciativa própria, Ingrid se mantém afastada de nós dois. Não devíamos apertar as mãos e voltar a ser amigos, Charles?

— Certamente. Eu mesmo contava com isso. É difícil conquistar a amizade de verdadeiros homens.

As luvas tatearam para se encontrarem na escuridão e se apertaram.

— Tudo bem. — Fedoroff tornou a ligar seu transmissor e se afastou pelo casco da nave. — Vamos até a popa dar uma olhada no problema.

Capítulo 17

À FRENTE, uma luminosidade fraca começou a cintilar. Era um feixe de pontos parecidos com estrelas, pontos que aumentavam, em número e brilho, até o esplendor. Seu domínio se ampliava; naquele momento, o videoscópio já mostrava que ocupavam quase metade do céu; e essa área ainda crescia, reluzindo cada vez mais.

Não eram estrelas formando estranhas constelações. Eram, a princípio, famílias inteiras de galáxias constituindo um clã. Posteriormente, à medida que a nave avançava, decompunham-se em grupos e depois em membros separados.

A reconstrução videoscópica de visão de um observador estacionário era apenas aproximada. Do espectro recebido, um computador calculava o desvio de Doppler, a aberração e fazia as correções correspondentes. Mas tudo não passava de estimativas.

Acreditava-se que o clã se encontrava a cerca de trezentos milhões de anos-luz da nave. Mas naquelas profundezas não existiam mapas nem padrões de medida. O erro provável no valor atribuído ao *tau* era enorme. Certos fatores, como a absorção, por exemplo, não eram sequer referidos nos cálculos.

Leonora Christine podia ter procurado um destino menos remoto, para o qual pudesse contar com dados mais confiáveis. Contudo, levando em conta que com um *tau* ultrabaixo ela não era muito fácil de manobrar, qualquer outra rota a teria levado através de menos matéria dentro do clã Via Láctea—Andrômeda—Virgem. Ganharia menos velocidade; e estava seguindo tão próximo de c que cada incremento de velocidade fazia uma significativa diferença. Paradoxalmente, o tempo de bordo até o mais próximo alvo possível teria sido bem maior.

E sabia-se agora, também, quanto tempo seus tripulantes poderiam resistir.

O ânimo trazido pelo reparo do desacelerador durou pouco. Pois nenhuma seção do módulo Bussard podia trabalhar no espaço interclã. Ali, até mesmo o gás primordial se tornara rarefeito. Durante semanas, por conseguinte, a nave precisava seguir sem energia, numa trajetória determinada pela medonha balística da relatividade. Havia ausência de peso no interior do casco. Chegou-se a falar em utilizar jatos iônicos laterais para imprimir uma rotação à espaçonave e obter, assim, uma pseudogravidade centrífuga. Mas apesar do tamanho da nave, isso geraria efeitos radiais e efeitos de Coriolis demasiado incômodos. Leonora Christine não fora desenhada, nem o seu pessoal fora treinado para lidar com as conseqüências de uma tal adaptação.

Era preciso suportar as semanas, enquanto as épocas geológicas passavam do lado de fora.

Reymont abriu a porta de sua cabine. O cansaço o tornara desatento. Ele apoiou-se na parede e atirou-se com força um tanto excessiva contra a maçaneta. A maçaneta escapou-lhe da mão e ele foi projetado para longe. Por um momento, rodopiou no ar. Chocou-se com o lado oposto do corredor e foi arremessado de novo para trás. Quando conseguiu entrar na cabine, segurou logo um suporte antes de fechar a porta.

Esperava que Chi-Yuen Ai-Ling estivesse dormindo. Mas ela flutuava desperta, a alguns centímetros das camas unidas, a elas ligada por um cordão. Quando Reymont entrou, a rapidez com que desligou o vídeo da biblioteca deixou claro que não estava prestando atenção no livro projetado.

— Você também não está dormindo? — a pergunta de Reymont soou num tom que pareceu muito alto. Estavam há bastante tempo acostumados à pulsação do motor e à força da aceleração; o silêncio era uma novidade tão grande quanto a queda livre.

— Anh... ? — o sorriso de Chi-Yuen foi incerto, per turbado. Haviam tido pouco contato nos últimos dias. Sob as novas circunstâncias, ele estava ocupado com muito trabalho; organizando, mandando fazer, conversando, arranjando, planejando. Ia à cabine meramente para tirar o maior cochilo que fosse possível.

— Você também tornou-se incapaz de repousar com gravidade zero? — ele perguntou.

— Não. Isto é, posso ter um tipo de sono leve, estranho, repleto de sonhos, mas mesmo assim me sinto razoavelmente descansada depois.

— Bom — ele suspirou. — Surgiram mais dois casos.

— Insônia?

— Sim. Passando a colapso nervoso. Quando conseguem dormir, você sabe, despertam logo depois gritando. Pesadelos. Não estou certo se a ausência de peso é a única responsável por isso; pode ter sido apenas a gota d'água que o *stress* esperava para explodir. Urho Latvala pensa do mesmo modo. Estive checando meu ponto de vista com ele. Quis a minha opinião sobre o que fazer, agora que o seu estoque de drogas psíquicas está diminuindo.

— O que sugeriu? Reymont fez uma careta.

— Disse quem eu achava que precisava tomá-las incondicionalmente e quem poderia sobreviver algum tempo sem elas.

— O problema não é apenas o efeito psicológico, você entende — disse Chi-Yuen. — É a fadiga. Puro cansaço físico de tentar fazer coisas num ambiente sem gravidade.

— Naturalmente. — Reymont enganchou uma perna no suporte, para firmar-se, e começou a tirar o macacão. — Esforço desnecessário. Os astronautas profissionais sabem como proceder. Eu, você e alguns outros também sabemos. Não ficamos nos esgotando tentando coordenar nossos músculos. É o que fazem esses cientistas desajeitados.

— Quanto tempo isso ainda vai durar, Charles?

— Isso? Quem sabe? Planejam reativar os campos amanhã, usando o mínimo de energia da usina de força. Uma precaução, para o caso de colidirmos com matéria densa mais cedo do que esperamos. A última estimativa diz que atingiremos as franjas do clã numa semana.

Ela relaxou, aliviada.

— Podemos agüentar uma semana. E depois... estaremos na reta final para nosso novo lar.

— Assim espero — Reymont resmungou.

Ele guardou suas roupas, tremendo um pouco, embora o ar estivesse quente, e pegou um par de pijamas.

Chi-Yuen deu um salto. O cordão que a prendia na cama fez com que parasse.

— O que está querendo dizer? Você não tem certeza?

— Olhe, Ai-Ling — ele disse num tom exausto. — Você tem sido informada, como todos os outros, sobre nossos problemas de instrumentação. Como, em nome do inferno, quer uma resposta certa para tudo?

— Tem razão...

— Devemos censurar os oficiais se os passageiros não prestam atenção a seus relatórios, não entendem? — Reymont levantou a voz de raiva. — Alguns de vocês estão ficando novamente em pedaços. Alguns se barricaram com a apatia, a religião, o sexo ou seja lá o que for, e não conseguem guardar nada na memória. A maioria... bem, *foi* saudável trabalhar naqueles projetos de pesquisa e desenvolvimento, mas isso se converteu apenas numa reação de defesa. Um outro meio de desviar a atenção, de se distrair do grande e mau universo. E agora, quando a queda livre os impede de continuar, todos mergulham nas suas fossas. — As palavras fustigaram: — Vão em frente! Façam como bem entenderem. Naufraguem por completo. Mas não venham mais me censurar. Estão ouvindo?

Ele acabou de vestir o pijama num movimento brusco, alçou vôo para a cama e amarrou o cordão de segurança em volta da cintura. Chi-Yuen moveu-se para abraçá-lo.

— Oh, amor — ela murmurou. — Desculpe. Estou tão cansada, você não está?

— Tem sido duro para todos nós — disse ele.

— Principalmente para você. — Os dedos de Chi-Yuen acariciaram a pele tensa das faces de Reymont, as linhas profundas, os olhos fundos, empapuçados. — Por que não descansa?

— Eu gostaria.

Ela deslocou-lhe o corpo, colocando-o numa posição mais cômoda, e chegou mais perto

dele. O cabelo flutuava em seu rosto, com cheiro de sol na Terra.

— Então relaxe — disse ela. — Você é capaz. Às vezes não é bom se sentir sem peso?

— Hum-m-m... sim, de certa forma... Ai-Ling, você conhece muito bem Iwasaki. Acha que ele pode agüentar sem tranqüilizantes? O doutor e eu não temos certeza.

— Ufa! A palma da mão dela tapou-lhe a boca. — Pare de pensar nisso.

— Mas...

— Não, não vou deixá-lo mais pensar. A nave não vai se despedaçar. A nave não vai se despedaçar se você tiver uma noite decente de sono.

— Bem... bem... talvez não.

— Feche os olhos. Deixe eu pegar sua testa... assim. Não está melhor? E agora pense em coisas boas.

— Pensar em quê?

— Você esqueceu? Pense na Terra. Não. Acho que é melhor não pensar nisso. Pense na terra que vamos encontrar. Céu azul. Sol quente e brilhante, luz caindo por entre as folhas, salpicando as sombras, cintilando num rio; e o rio corre, corre, corre, cantando para você dormir.

— Hum-m-m.

Ela o beijou bem levemente.

— Nossa casa. Um jardim. Estranhas flores coloridas. Oh, mas também plantaremos sementes da Terra para nos lembrarmos: rosas, madressilvas, macieiras, alecrins. Nossos filhos...

Ele se mexeu. A aflição retornou.

— Espere um minuto, não devemos nos meter em compromissos pessoais. Ainda não. Talvez você não queira, anh, um homem determinado. Gosto de você, é claro, mas.

Chi-Yuen fechou novamente os lábios dele. Ele não viu a dor em seu rosto. — Isto *é* apenas um sonho, Charles

— riu baixinho. — Deixe de ser tão solene e de levar as coisas ao pé da letra. Pense em crianças, filhos de todos, brincando num jardim. Pense no rio. Florestas. Montanhas. Canto de pássaros. Paz.

Ele apertou um braço em volta do corpo delgado de Chi-Yuen.

— Você é uma boa pessoa.

— Você também. Uma boa pessoa que precisa ser ninada. Não gostaria que eu cantasse para você dormir?

— Sim. — As palavras dele já eram quase inaudíveis.

— Por favor. Eu gosto da música chinesa.

Ela continuou alisando-lhe a testa e tomou fôlego. O circuito de intercomunicação estalou.

— Policial — disse a voz de Telander — , você está ai? Reymont despertou subitamente.

— Não — Chi-Yuen implorou.

— Sim — disse Reymont — estou aqui.

— Quer vir até a ponte? Assunto confidencial.

— Eu vou, eu vou.

Reymont desamarrou o cordão de segurança e tirou o pijama pela cabeça.

— Não podem lhe dar nem cinco minutos, não é?

— disse Chi-Yuen.

— Deve ser sério — ele respondeu. — Mas não diga nada a ninguém antes de conversar comigo.

Em poucos momentos, ele vestiu o macacão, os sapatos e se pôs a caminho.

Telander e, surpreendentemente, Nilsson o esperavam. O comandante tinha a fisionomia de quem levara um soco no estômago. O astrônomo estava nervoso, mas não perdera inteiramente o autocontrole dos últimos meses. Segurava uma folha de papel com rabiscos.

— Dificuldades de navegação, anh? — Reymont deduziu. — Onde está Boudreau?

— A coisa não o envolve diretamente — disse Nilsson.

— Estive computando o resultado das observações que fiz com os mais recentes instrumentos. Cheguei a, anh, uma decepcionante conclusão.

Reymont apertou os dedos e ficou quieto, contemplando-os. A luz fluorescente mergulhava na sombra as cavidades de seu rosto. *Os* fios grisalhos que vinham aparecendo em seu cabelo ficaram muito nítidos,

— Não podemos abordar esse clã galático à nossa frente, não é? — ele antecipou.

— Correto — disse Telander num tom de desânimo.

— Não, não está correto em sentido estrito — Nilsson declarou espalhafatosamente. — Vamos atravessá-lo. De fato, podemos atravessar não apenas a região em geral, mas, se preferirmos, um determinado número de galáxias dentro de algumas das famílias que compõem o clã.

— Você já conseguiu identificar o clã em detalhe?

— Reymont perguntou espantado. — Boudreau ainda não.

— Já disse que tenho um novo equipamento, sem as imperfeições dos antigos — disse Nilsson. — Você deve estar lembrando que após Ingrid me dar algumas lições especiais, eu me tornei capaz de trabalhar em queda livre com certo grau de eficiência. A precisão de meus dados parece ser bem maior do que esperávamos quando, anh, fomentamos o projeto. Sim, tenho um mapa razoavelmente acurado da parte do clã que podemos atravessar. Sob uma tal base, pude calcular que opções se oferecem a nós.

— Chegue logo ao ponto, maldição! — Reymont gritou. De imediato, ele se controlou, respirou fundo e disse: — Desculpem. Estou um pouco fatigado. Por favor, prossigam. Desde que penetremos numa região onde os jatos tenham uma soma adequada de matéria para trabalhar será que não podemos brecar e...

— Podemos — Nilsson respondeu rapidamente. — Sem dúvida, podemos. Mas nosso *tau* inverso é imenso. Lembre-se, nós o adquirimos passando pelas mais densas porções de várias galáxias, a caminho do espaço interclãs. Era necessário. Não discuto a sabedoria da decisão. O resultado, no entanto, é que estamos limitados nas trajetórias que podemos tomar para atravessar o espaço ocupado por este clã. Essas trajetórias formam um volume conoidal um tanto estreito, como podem supor.

Reymont mordeu o lábio.

— E ocorre que não há suficiente matéria nesse cone.

— Exato. — A cabeça de Nilsson balançou. — Entre outras coisas, a diferença de velocidade entre nós e essas galáxias, devido à expansão do espaço, reduz a eficiência de nosso motor Bussard em maior grau do que reduz a soma de desaceleração exigida.

Nilsson recuperava seu tom profissional:

— Na melhor das hipóteses, emergiremos do outro lado deste clã (após cerca de seis meses de tempo de bordo sob desaceleração, veja bem) com um *tau* que permanece na ordem de dez a menos três ou menos quatro. Nenhuma posterior modificação importante de velocidade pode ser feita. Por conseguinte, seria impossível atingir outro clã — dado o alto valor do *tau* — antes de morrermos por velhice.

A voz pomposa se interrompeu, os olhos cavados ficaram na expectativa. Reymont os encarou, antes que o olhar doentio e baço de Telander o fizesse.

— Por que eu estou sendo informado disso, e não Lindgren? — perguntou.

Uma ternura transformou Nilsson num outro homem.

— O trabalho dela tem sido cruelmente duro. O que ela podia fazer aqui? Achei que era melhor deixá-la dormir.

— Bem, o que *eu* posso fazer?

— Pode me dar... nos dar... o seu conselho — disse Telander.

— Mas o senhor é o comandante!

— Já discutimos isso antes, Carl. Eu posso, bem, sim, acredito que posso tomar as decisões, dar as ordens de comando, ordenar as rotinas que nos levarão sacolejando pelo espaço. — Telander abriu as mãos estendidas. Tremiam como folhas de outono. — Não posso fazer mais do que isso, Carl. Não tenho mais a velha energia. Você precisa dar as notícias aos nossos companheiros de bordo.

— Dizer-lhes que fracassamos? — Reymont rangeu os dentes. — Dizer-lhes que, apesar de tudo que fizemos, estamos condenados a voar até ficarmos loucos e morrermos? O senhor não está esperando muito de mim, Comandante?

— As notícias podem não ser assim tão más — disse Nilsson.

Reymont pensou em agarrá-lo pela roupa, mas desistiu e se controlou com um palavrão preso na garganta.

— Temos alguma esperança? — conseguiu por fim perguntar.

O gordo astrônomo falou com uma vivacidade que transformava seu tom pedante numa espécie de toque de cometa:

— Talvez. Ainda não tenho dados em que possa confiar. As distâncias são muito vastas. Não podemos escolher outro clã galático e nos dirigirmos certeiramente para lá. Só poderíamos vê-lo com demasiada imprecisão, através de muitos milhões de anos. Contudo, acredito que possamos alicerçar uma esperança nas leis da probabilidade.

— Em algum lugar — ele continuou — poderemos por fim encontrar uma adequada configuração de estrelas. Um clã particularmente extenso, por cujas porções mais densas de galáxias possamos traçar um curso, ou dois ou três clãs, relativamente próximos uns dos outros, dispostos mais ou menos numa linha retilínea, de modo que possamos atravessá-los em sucessão, ou ainda, quem sabe, um clã cuja velocidade com relação a nós seja favorável. Está entendendo? Se pudermos encontrar alguma coisa desse tipo, ficaremos numa situação razoável. Poderíamos frear em alguns anos do tempo de bordo.

— Quais são as chances? — as palavras de Reymont soaram agudamente.

Nilsson balançou a cabeça.

— Não sei dizer. Talvez não tão más. O cosmos é grande e variado. Se continuarmos seguindo para suficientemente longe, imagino que temos uma probabilidade finita de encontrar o que necessitamos.

— Que distância é suficientemente longe? — Reymont fez um gesto para detê-lo. — Não se preocupe em responder. Eu posso dizer. É da ordem de bilhões de anos. Dez bilhões, talvez. O que significa que precisamos de um *tau* ainda mais baixo. Um *tau* tão baixo que possamos,

realmente, circunavegar o universo... em anos ou meses. E isso, por sua vez, significa que não vamos começar a desacelerar quando entrarmos nesse clã à nossa frente. Não. Vamos acelerar mais. Depois que o atravessarmos... bem, devemos ter um período de tempo de bordo em queda livre mais curto do que o atual, até atingirmos outro clã. Provavelmente lá, também julgaremos aconselhável acelerar, jogando o *tau* ainda mais para baixo. Bem, eu sei que vai ser difícil encontrar um lugar onde possamos parar, mas nenhuma outra alternativa trará qualquer perspectiva, certo?

— Acredito — concluiu Reymont — que aproveitaremos cada oportunidade que nos surgir para acelerar, até virmos, se é que algum dia veremos, o fim da jornada: um clã que possamos utilizar. De acordo?

Telander estremeceu.

— Será que algum de nós poderá suportar isso? — disse.

— Precisamos — Reymont declarou. Mais uma vez ele falava com energia. — Vou imaginar um meio habilidoso de dar as notícias. Elas estão entre as possibilidades que têm sido discutidas por quase todo mundo. Isso ajuda. Terei comigo os poucos homens com quem posso contar prontamente... não, não para a violência. Prontos para a liderança, a firmeza, o encorajamento. E todos nós embarcaremos num programa geral de treinamento para a ausência de peso. Não há por que a queda livre tenha de causar tanto problema. Ensinaremos cada um desses desajeitados a se mover sob gravidade zero. A dormir. Por Deus, a ter esperança!

Reymont bateu as palmas das mãos com um som de tiro.

— Não esqueça, também podemos contar com algumas mulheres — disse Nilsson.

— Sim, certamente. Como Ingrid Lindgren.

— Como ela, de fato.

— Hum-m-m. Acho que você terá de acordá-la, Elof. Temos de reunir nosso quadro — os inquebrantáveis; as pessoas que compreendem pessoas — reuni-las e planejar a coisa. Comece a sugerir nomes.

Capítulo 18

As EXTENSÕES do espaço-tempo não podem ser contadas pelos números familiares aos homens. Não podem nem mesmo ser verdadeiramente calculadas por ordens de magnitude. Para compreender este fato, recapitulemos:

Leonora Christine levou quase um ano para chegar a cerca de um por cento da velocidade da luz. O tempo a bordo foi praticamente o mesmo, pois o valor do *tau* só começou a cair abruptamente quando ela se aproximou bastante de c. Durante esse período inicial, cobriu meio ano-luz de espaço, aproximadamente cinco trilhões de quilômetros.

Daí em diante, o decréscimo tornou-se cada vez mais rápido. Ajudada pela maior aceleração que então se tornara possível, exigiu pouco menos de dois anos-luz, em sua própria medida, para chegar a cerca de dez anos-luz da Terra. Foi onde encontrou o revés.

Tomada a decisão de procurar o agrupamento de galáxias Virgo, adquiriu tamanho *tau* que pôde transpor a distância num tolerável tempo de bordo. Em máxima aceleração — máximo que aumentava à medida que ela viajava — Leonora Christine circulou metade da órbita em torno da Via Láctea e mergulhou para o centro da galáxia em pouco mais de um ano. Conforme o tempo cósmico, isso levou mais de cem milênios.

Nas nuvens sagitarianas, a espaçonave conquistou um *tau* que a tirou de sua galáxia nativa em dias. Então seus tripulantes descobriram que o vácuo entre a família de grupos de estrelas em que estavam e o agrupamento de Virgem, para onde seus planos se voltavam, não era suficientemente desprovido de matéria. Precisavam ir além de todo o clã.

No espaço intergalático, Leonora Christine continuou acumulando mais velocidade. Demorou apenas semanas para vencer alguns milhões de anos-luz até a galáxia vizinha por que optara. Transpondo-a em apenas horas, acumulou tamanha energia cinética que se tornou capaz de cruzar uma distância semelhante em dias... e, por fim, só levou mais ou menos uma semana para viajar de um agrupamento ao agrupamento seguinte, que atravessou com bastante rapidez.

A nave seguiu através do vazio quase total do espaço interclã; enquanto isso, seus engenheiros consertaram a unidade danificada. Embora sem aceleração, precisou apenas de um par de seus próprios meses para cobrir duzentos ou trezentos milhões de anos-luz.

A massa disponível de todo o clã galático que era sua meta mostrou-se inadequada para brecar essa velocidade.

Por conseguinte, ela não tentou desacelerar. Em vez disso, utilizou toda a matéria que tragava para impelir-se à frente cada vez mais depressa. Atravessou o domínio deste segundo clã sem qualquer tentativa de controle manual, simplesmente perfurando um certo número das galáxias que o compunham — em dois dias.

Ela se arremessou livremente no lado oposto, de novo no espaço vazio. A extensão até o próximo clã atingível era da ordem de outra centena de milhões de anos-luz. Completou a travessia em cerca de uma semana.

Evidentemente, quando chegou lá, utilizou toda a matéria que encontrou para impelir-se ainda mais próxima da velocidade final.

— Não... não, cuidado!

Margarita Jimenes deixou escapar o suporte que teria refreado seu vôo. Tateando para alcançá-lo, bateu na parede, ricocheteou e ficou se debatendo no ar.

— *Ad i chawrti!* — Boris Fedoroff bufou.

Ele calculou a distância e arremessou-se para interceptá-la. Não foi um cálculo consciente, não haveria tempo para isso. Como um caçador que se lança contra um alvo, utilizou a perícia e os múltiplos sentidos de seu corpo — deslocamentos e diâmetros angulares, pressões e tensões musculares, cinestesia, a invisível mas exatamente conhecida configuração de cada junta, as várias derivadas de tempo de cada um desses fatores e muitos outros — seu organismo, uma máquina criada com incompreensível complexidade e precisão, uma máquina bela quando flutuava com o corpo.

Ele tinha espaço para voar. Estavam no convés Número Dois, bem à popa, perto das salas de máquinas. Destinava-se à estocagem, mas a maior parte dos materiais que haviam armazenado estavam agora transformados em objetos. Onde a carga estivera, havia um espaço cavernoso, cheio de ecos, glacialmente iluminado, raramente visitado. Fedoroff levara lá sua mulher para uma aula particular de técnicas de queda livre. Margarita estava indo muito mal nas aulas que Lindgren decretara para os desajeitados.

Ela rodopiava diante dele, a cabeça sem equilíbrio entre anéis soltos de cabelo; braços, pernas e seios descoordenando-se completamente. O suor inundava-lhe a pele e salpicava em glóbulos que brilhavam em volta dela como vaga-lumes.

— Relaxe, eu já cansei de dizer — gritou Fedoroff. — A primeira maldita coisa que você precisa aprender é "Relaxe"!

Ele cruzou a distância e agarrou-a pela cintura. Abraçados, os dois formaram um novo sistema, que rodopiou num eixo louco, sendo levado para a parede oposta. Processos liminares registravam a tropelia como vertigem e náusea. Ele sabia como suprimir esta reação; dera-lhe uma pílula contra enjôo espacial antes da lição começar.

Mesmo assim ela vomitou.

Fedoroff nada podia fazer a não ser segurá-la, conservando a trajetória. A primeira convulsão pegou-o de surpresa e atingiu-o no rosto. Dai em diante, ele a segurou por trás, apoiando-a na barriga. Sua mão livre sacudiu um liquido com fragmentos amarelos, cheirando

mal. Inalada naquelas circunstâncias, a coisa podia sufocar uma pessoa,

Quando atingiram o metal da parede, ele agarrou o suporte mais próximo, um recipiente de estocagem vazio. Prendendo nele a ponta do cotovelo, usou os dois braços para firmá-la e acalmá-la. Finalmente, a dura experiência cessou.

— Está melhor? — ele perguntou. Margarita estremeceu.

— Quero me limpar — murmurou.

— Sim, sim, tomaremos um banho. Espere aqui. Segure firme, não solte. Volto em alguns minutos.

Fedoroff afastou-se dela. Precisou obstruir os ventiladores para que a sujeira esparramada não passasse para o sistema geral de ar da nave. Depois, tratou de pegá-la com um aspirador. Ele mesmo fez isso. Se convocasse um homem para aquela tarefa, o sujeito poderia ficar mais do que ressentido com ele. Poderia dar inicio a um rumor sobre...

Os dentes de Fedoroff rangeram. Ele acabou seu trabalho e lançou-se para Jimenes.

Embora o rosto ainda estivesse pálido, ela parecia ter retomado o controle de seus movimentos.

— Lamento profundamente, Boris. — A voz saia áspera de uma laringe queimada pelo ácido do estômago. — Eu nunca devia ter concordado... vir tão longe... de um compartimento de sucção.

Ele postou-se na frente dela e perguntou, furioso:

— Há quanto tempo vem vomitando?

Margarita se encolheu. Fedoroff a pegou antes que ela se deixasse levar à deriva. Foi um forte apertão no pulso.

— Quando foram suas últimas regras? — ele perguntou.

— Você viu...

— Vi o que podia muito bem ter sido um truque. Especialmente levando em conta como eu estava ocupado com meu trabalho. Diga-me a verdade!

Ele a sacudiu. Sem apoio, o corpo foi torcido até o ombro. Margarita gritou. Fedoroff a soltou como se ela tivesse se tornado incandescente.

— Não quis machucá-la — disse com voz entrecortada.

Ela ia se afastando. Fedoroff a pegou a tempo, puxou-a e apertou-a contra o peito ainda sujo.

— Tr-tr-três meses — Margarita gaguejou, em pranto. Deixou-a chorar e acariciou-lhe o cabelo sem brilho.

Depois, levou-a para um banheiro. Um passou a esponja no outro até ficarem limpos. O liquido orgânico que usaram tinha um cheiro acre, que abafou o odor desagradável no corpo dos dois, mas sua evaporação foi tão rápida e completa que Jimenes tremeu num calafrio. Fedoroff atirou as esponjas na correia de um transportador conectado à lavanderia e ligou um ventilador de ar quente. Os dois se aqueceram por alguns minutos.

— Você sabe — disse ele após um longo silêncio — , se resolvermos o problema hidropônico com gravidade zero, seremos capazes de projetar uma coisa que nos dará um verdadeiro banho. Ou até mesmo uma ducha.

Margarita não sorriu, somente se aproximou ainda mais da grade de ventilação. Seu cabelo era soprado para trás. Fedoroff aprumou o corpo.

— Muito bem — disse — , como aconteceu? — O médico não acompanha o curso do programa anticoncepcional de cada mulher?

Ela concordou com a cabeça, sem encará-lo. A resposta seria quase inaudível.

— Sim, uma injeção por ano, em cada uma das vinte e cinco mulheres... Ele tinha, tem muita coisa na cabeça além dos casos de rotina...

— Ambos esqueceram?

— Não. Fui a seu consultório na data marcada. É difícil para ele lembrar-se de todas as mulheres. Não estava na sala. Talvez tivesse ido cuidar de alguém com problemas. A ficha de controle encontrava-se em cima da escrivaninha. Eu a contemplei. Vi que Jane estivera lá naquele mesmo dia, provavelmente uma ou duas horas antes. Subitamente, peguei a caneta dele e escrevi "OK" após o meu nome, no espaço reservado para o controle naquela data. Rabisquei as letras do mesmo modo que ele. Eu realmente nem sabia o que estava fazendo.

— Por que não confessou depois? Ele já viu impulsos piores desde que a nave se extraviou.

— Ele devia ter lembrado — disse Jimenes num tom mais alto. — Se esqueceu, eu estava lá... Por que devia fazer o trabalho dele?

Fedoroff praguejou e fez um movimento para agarrá-la. Estancou, vendo o punho que já tinha machucado.

— Em nome da razão! — ele berrou. — Latvala tem se matado de trabalhar, tentando nos manter em funcionamento. E você pergunta por que devia ajudá-lo?

Ela adquiriu um ar de desafio cada vez mais nítido. Encarou Fedoroff:

— Você prometeu que teríamos filhos — disse.

— Ora! Bem, sim, é verdade, queríamos muitos, muitos filhos, assim que chegássemos a um planeta...

— E se não encontrarmos um planeta? Você não pode melhorar os biossistemas, como tem se gabado tanto?

— Pusemos esse trabalho de lado em proveito do projeto da nova instrumentação. Isso pode levar anos.

— Enquanto isso, alguns bebês não farão tanta diferença... para a nave, a maldita nave... mas farão diferença para nós...

Fedoroff foi se aproximando de Margarita. Os olhos dela se arregalaram. Ela foi se afastando de Fedoroff, suporte a suporte, num movimento rastejante.

— Não! — Margarita gritou. — Sei o que vai dizer! Você nunca me tirará o bebê! Ele também é seu! Se... se tentar me fazer tirar o bebê, eu mato você! Mato todos a bordo!

— Silêncio! — ele berrou, retrocedendo um pouco. Margarita ficou onde estava, soluçando e rangendo os dentes.

— Não pedirei para fazer nada — disse ele. — Vamos conversar com o policial. — Ele foi para a saída. — Fique aqui. Tente se controlar. Pense como vai argumentar. Vou buscar roupas para nós.

No caminho, as únicas palavras que Fedoroff proferiu foram as que disse ao intercomunicador, solicitando uma conversa particular com Reymont. No caminho para a cabine, nem ele falou com Margarita Jimenes, nem ela com ele.

Quando entraram, Margarita pegou-lhe os braços.

— Boris, seu próprio filho, você não pode... Ele se soltou.

— Fique calma — disse. — Tome isso. — Deu-lhe uma pequena garrafa com um pouco de tequila. — Pode ajudar. Mas não beba muito. Você vai precisar de todos os seus sentidos.

A porta fez barulho. Fedoroff mandou Reymont entrar e fechou-a.

— Quer um trago, Charles? — o engenheiro perguntou.

As feições que confrontou em Reymont pareciam estar no visor de um capacete de guerra.

— Seria melhor discutirmos nosso problema primeiro — disse o policial.

— Margarita está grávida — Fedoroff explicou. Reymont flutuava sereno, apoiando-se ligeiramente numa barra.

— Por favor... — Jimenes começou. Reymont fez-lhe sinal para que parasse.

— Como aconteceu? — ele perguntou, suave como o sopro que saia dos ventiladores.

Ela tentou explicar, mas não conseguiu. Fedoroff expôs a coisa em poucas palavras.

— Estou entendendo — Reymont balançou a cabeça. Faltam cerca de sete meses para o parto, hum? Por que consultaram a mim? Deviam ter ido diretamente à primeira oficial. Ela é a

única num caso desses que pode tomar providências. Só tenho poder para prendê-la por uma grave transgressão dos regulamentos.

— Você.. . Nós somos amigos, eu acho, Charles — disse Fedoroff›

— Meu dever é para com toda a nave — Reymont respondeu no mesmo tom monótono que antes. — Não posso acobertar ações egoístas que ameacem a sobrevivência de todos.

— Um minúsculo bebê? — Jimenes gritou.

— E quantos mais desejados pelos outros?

— Teremos de esperar para sempre?

— Parece conveniente, até que se saiba como deve ser nosso futuro. Uma criança nascida aqui pode ter uma vida curta e uma morte horrível.

Jimenes apertou a barriga com a mão.

— Você não vai matá-lo! Não vai!

— Fique quieta — disse bruscamente Reymont. Ela sufocou o choro mas obedeceu. Ele volveu o olhar para Fedoroff: — Qual é o seu ponto de vista, Boris?

Lentamente, o russo retrocedeu para perto da mulher. Apertou-a contra si e disse:

— Aborto é assassinato. Talvez isso não devesse ter acontecido, mas não posso acreditar que meus companheiros de bordo sejam assassinos. Preferia morrer a permitir isso.

— Ficaríamos em maus lençóis sem você.

— Exatamente.

— Bem... — Reymont desviou os olhos. — Você ainda não me disse o que acha que posso fazer.

— Sei o que pode fazer — respondeu Fedoroff. — Ingrid vai querer salvar esta vida. Mas pode não ser capaz de fazê-lo sem o seu conselho e o seu apoio.

— Hum. Hum. Então. — Reymont tamborilou na parede. — Isto não é o pior que pode nos acontecer — ele disse por fim, pensativo. — Podemos até mesmo ganhar alguma coisa. Se pudermos fazer passar por um acidente, um descuido, seja o que for, em vez de uma infração deliberada... E, de certo modo, não foi um ato totalmente consciente. Margarita agiu de uma maneira insana; contudo, qual será o nivel de sanidade de qualquer um de nós no momento atual?... Hum. Suponhamos que anunciemos um relaxamento dos regulamentos. Um número muito limitado de nascimentos serão autorizados. Computaremos quanto o ecossistema pode suportar e deixaremos que algumas mulheres tenham filhos. Acho que não serão muitas as que desejarão crianças... nas circunstâncias atuais. A disputa não seria grande. Ter crianças para brincar e cuidar poderia aliviar certas tensões.

Por um momento, a voz de Reymont se elevou:

— Sim, por Deus, elas seriam um voto de confiança. E uma nova razão para sobreviver. Sim!

Jimenes tentou abraçá-lo. Ele se afastou um pouco.

— Procure fazer com que ela se acalme — disse ao engenheiro por entre o choro e o riso da mulher. — Vou discutir com a primeira oficial. No devido tempo, vamos nos reunir com ela. Enquanto isso, nenhuma palavra nem sinal para ninguém.

— Você... encara a coisa... friamente — disse Fedoroff.

— De que outra forma poderia encarar? — Reymont retorquiu num tom irritado. — Já há emoção demais no ar. — Um visor de capacete pareceu se erguer revelando o rosto sombrio de Reymont. — Estamos encarando tudo de uma forma terrível, terrível! — concluiu com veemência.

Ele abriu a porta num gesto brusco e deslizou para o corredor.

Boudreau olhava pelo videoscópio. A galáxia para onde *Leonora Christine* corria surgia como uma névoa azul e branca num escuro campo visual. Quando largou o aparelho, uma ruga franzia-lhe a testa. Ele caminhou para o principal painel de controle. Com o peso restaurado, seus passos ressoaram naqueles metros familiares de chão.

— Não está certo — disse. — Tenho visto muitas delas, eu sei.

— Está se referindo à cor? — perguntou Foxe-Jameson. — O navegador chamara o astrofísico à ponte de comando. — A freqüência parece baixa demais para a nossa velocidade? Isto se deve principalmente à expansão do espaço, Auguste. À constante expansão do espaço. Estamos examinando grupos galáticos cuja velocidade, à medida que viajamos, fica cada vez mais alta com relação a nosso ponto de partida. E isso é bom. De outro modo, o efeito de Doppler podia se apresentar com mais radiação gama do que nosso material protetor pode suportar. E, sem dúvida, como você sabe muito bem, estamos confiando grandemente nessa mesma expansão do espaço para nos ajudar a chegar a uma situação em que possamos parar. As mudanças de velocidade em si mesmas devem contrabalançar a redução de eficiência do motor Bussard.

— Esta parte está clara. — Boudreau se inclinou na escrivaninha acoplada ao painel, ombros curvos, meditando sobre as anotações que fizera. — Mas eu lhe digo: tenho observado cada galáxia que atravessamos, do inicio da viagem até agora. Fiquei familiarizado com os seus aspectos. E, gradualmente, esses aspectos estão se modificando. — Ele voltou para o videoscópio e sacudiu a cabeça. — Essa aí na frente, por exemplo, é de tipo irregular, como as Nuvens de Magalhães em nosso Grupo Local...

— É incrível, mas a essa distância as Nuvens de Magalhães parecem uma coisa

doméstica — Foxe-Jameson murmurou.

Boudreau ignorou o aparte.

— Devia ter uma grande proporção de estrelas da População II — ele continuou. — Daqui, já devíamos ser capazes de ver muitas gigantes azuis. Mas não se vê nenhuma. Os espectros que tenho visto, até onde sei interpretá-los, estão se tornando diferentes do que é normal para os diversos tipos de galáxias. Não há mais nenhuma galáxia que não pareça ter alguma coisa errada.

Ele voltou os olhos para o astrofísico

— Malcolm, o que está acontecendo? Foxe-Jameson pareceu surpreso.

— Por que você está perguntando isso a mim? — replicou.

— No início, tinha apenas uma vaga impressão — disse Boudreau. — Não sou um verdadeiro astrônomo. Além disso, não posso obter quadros de navegação precisos. Obter um valor do *tau,* por exemplo, exige tamanho amontoado de suposições que... *Bien,* quando tive realmente certeza que a natureza do espaço estava alterada, fui conversar com Charles Reymont. Você sabe como ele derruba os que começam a fomentar o pânico e nisso tem toda a razão. Ele me disse para chamar alguém de sua equipe, discretamente, e comunicar-lhe o resultado da conversa.

Foxe-Jameson explodiu numa gargalhada.

— Ora, seus dois tratantes! Vocês não têm mais nada para se preocupar? Realmente, eu pensei que isso fosse conhecido de todos. Que fosse algo tão banal que ninguém se preocupasse sequer em mencionar, salvo numa total falta de assunto. Um homem espantado com o que está observando, hein?

— *Qu'est-ce que c'est?*

— Reflita — disse Foxe-Jameson, instalando uma coxa sobre a escrivaninha. — As estrelas evoluem. Elas utilizam elementos mais pesados que o hidrogênio em reações termonucleares. Se uma estrela é muito grande e explode no fim de sua vida, uma supernova, espalha de novo seus átomos no meio interestelar. Um processo mais importante, porém, embora menos espetacular, é a emissão de massa por estrelas menores, a maioria delas em seu estágio de gigante vermelha na caminhada para a extinção. Novas gerações de estrelas e planetas condensam-se neste meio enriquecido e adicionam-se por sua vez a ele. Através das eras, obtemos uma crescente proporção de sóis ricos em metal. Isso afeta a totalidade do espectro. Mas evidentemente, nenhuma estrela devolve mais que uma percentagem do material que a formou. A maior parte da matéria permanece encerrada em corpos densos, que tendem a resfriar-se até o zero absoluto. Assim, o meio interestelar fica esvaziado. O espaço no interior das galáxias torna-se mais claro. A taxa de formação estelar declina.

Ele desenhou um círculo no ar.

— Finalmente se atinge um ponto em que pouca ou nenhuma outra condensação é possível. As energéticas gigantes azuis de vida curta extinguem-se e não têm sucessoras. Os membros luminosos da galáxia que restam são apenas as anãs... estrelas muito pequenas, vermelhas, de temperatura baixa.

— Creio que a galáxia para onde nos dirigimos ainda não atingiu este ponto. Mas está chegando lá. Está chegando lá.

Boudreau refletia.

— Então não ganharemos tanta velocidade por galáxia como ganhávamos antes — disse ele. — Não, se o gás e poeira interestelares estão sendo consumidos.

— É verdade — disse Foxe-Jameson. — Mas não se aflija. Tenho certeza que ainda sobra muita coisa que nos será útil. Nem toda a partícula se condensa em estrelas. Além disso, temos o meio intergalático, o meio entre os agrupamentos de galáxias, o meio entre as famílias. Rarefeito, sim, mas utilizável com nosso *tau* atual. Finalmente estaremos utilizando o próprio gás do espaço interclãs.

Foxe-Jameson bateu de um modo amigável nas costas do navegador.

— Chegamos a uma distância de trezentos megaparsecs, lembre-se — disse ele. — O que significa cerca de mil milhões de anos de tempo. Temos de esperar algumas modificações.

Boudreau estava menos familiarizado com os conceitos astronômicos.

— Quer dizer — ele murmurou — que todo o universo está ficando mais velho?

Foi a primeira vez, desde o tempo em que era menino, que fez o sinal da cruz.

A porta da sala de entrevistas estava fechada. Chi-Yuen hesitou antes de pressionar o botão da campainha. Quando Lindgren deixou-a entrar, ela disse timidamente:

— Disseram-me que estava aqui sozinha.

— Escrevendo.

A primeira oficial andava um tanto curvada, mesmo assim excedia o tamanho da planetologista por uma cabeça.

— É um lugar isolado.

— Detesto ter de incomodá-la.

— Estou aqui para isso, Ai-Ling. Sente-se. Lindgren voltou para trás de sua escrivaninha, coberta com papéis rabiscados. A cabine zumbia e tremia devido à aceleração irregular. Restava mais de um dia de peso. *Leonora Christine* estava atravessando um clã de tamanho e opulência sem precedentes.

Por algum tempo houve esperança de que fosse aquele onde a nave poderia parar dentro de alguma galáxia membro. Observações mais próximas mostraram outra coisa. O *tau* inverso se tornara imenso.

Uma facção pleiteara numa assembléia geral que deviam levar a cabo uma desaceleração limitada, de modo que as exigências para parar dentro do próximo clã fossem menos rigorosas. Não se podia provar que a tese estivesse errada, nem que se soubesse muita coisa de cosmografia. Podia-se apenas utilizar estatísticas, como Nilsson e Chidambaran faziam, para provar que a *probabilidade* de encontrar um lugar de repouso *parecia* maior se a aceleração continuasse. O teorema era demasiado complexo para ser seguido pela maioria das pessoas. Os oficiais da nave preferiram aceitá-lo sob palavra, e continuaram seguindo à frente a toda força. Reymont tivera que dominar alguns indivíduos cujas objeções se aproximaram do motim.

Chi-Yuen empoleirou-se na beira de uma cadeira reservada às visitas. Seu talhe pequeno estava elegante na túnica vermelha de colarinho alto, com mangas brancas e largas. O cabelo fora penteado para trás com rara severidade e seguro por um pente de marfim. Lindgren não contrastava apenas no tamanho. Seu vestido estava aberto no pescoço, amassado nas mangas, enodoado aqui e ali; cabelo em desalinho, olhos angustiados.

— Posso perguntar o que está escrevendo? — Chi-Yuen arriscou.

— Um sermão — disse Lindgren. — Não é fácil. Não sou escritora.

— Você, um sermão?

O canto esquerdo da boca de Lindgren crispou-se ligeiramente para cima.

— Na realidade, seria a comunicação do comandante para nossa comemoração do inicio do verão. Ele ainda pode conduzir o serviço divino, razoavelmente bem. Mas para a festa, ele requereu o meu serviço... ahn, para inspirar as tropas em seu nome.

— Ele não está bem, está? — Chi-Yuen perguntou em voz baixa.

Todo o humor se dissipou em Lindgren.

— Não. Confio que você não vai espalhar isso por ai. Sem dúvida, já todo mundo suspeita. — Apoiou o cotovelo na escrivaninha e segurou a cabeça com a mão. — A carga de responsabilidade o está destruindo.

— Mas ele não pode se censurar de nada. Sua única alternativa é deixar que os robôs nos conduzam em segurança pelo espaço.

— Ele fica preocupado — Lindgren suspirou. — Ainda por cima, esse último desentendimento em torno da desaceleração. Foi mais do que podia suportar em seu atual estado. Ele não está com uma exaustão nervosa, veja bem. Ainda não. Mas já não é capaz de enfrentar as pessoas.

— Será que nós poderemos suportar uma cerimônia?

— Chi-Yuen perguntou.

— Não sei — Lindgren respondeu com voz cansada,

— Simplesmente não sei. Ainda mais agora — não estamos anunciando, mas não podemos impedir que as pessoas façam cálculos e comentem — ainda mais agora quando estamos em torno da marca de cinco ou seis bilhões de anos... — Sua mão fez um gesto, sua cabeça caiu. — Celebrar alguma coisa tão puramente terrena como o Dia do Início de Verão, *agora quando temos de começar a pensar na Terra como uma coisa que se foi...*

Ela agarrou os braços da cadeira. Por um momento os olhos azuis ficaram ansiosos, foscos. Então, o corpo tenso relaxou, músculo por músculo. Ela se inclinou na cadeira até os encaixes estalarem e falou num tom descolorido:

— O policial persuadiu-me a ir em frente com nossos rituais. Enfrentar o desafio! Reunificação após a última briga. Uma volta da dedicação, especialmente àquele bebê que vai nascer. A Nova Terra: vamos arrebatá-la das mãos de Deus. Se Deus significa tudo... Talvez devesse me afastar inteiramente da religião. Carl não me deu quaisquer detalhes. Só a idéia geral. Devo ser o seu melhor porta-voz. Eu. Isso pode lhe dizer muita coisa sobre nossas condições, não é?

Ela piscou e reassumiu o controle.

— Desculpe-me — disse. — Não devia ter jogado meus problemas sobre você.

— São problemas de todo mundo, Primeira Oficial — respondeu Chi-Yuen.

— Por favor. Meu nome é Ingrid. Mas agradeço sua preocupação. Acho que não lhe disse isso antes, mas deixe lhe dizer agora... Com seu jeito tranqüilo, você é uma das pessoas-chaves a bordo. Um jardim de calma... Bem — Lindgren tocou-a com os dedos. — Que posso fazer por você?

O olhar de Chi-Yuen flutuou pelo convés.

— É sobre Charles.

As pontas das unhas de Lindgren retrocederam.

— Ele precisa de ajuda — disse Chi-Yuen.

— Ele tem seus representantes — Lindgren respondeu com indiferença.

— Quem os conserva em forma a não ser ele? Quem conserva todos nós em forma? Você também, Ingrid. Você depende dele.

— Certamente — Lindgren entrelaçou os dedos e apertou-os. — Talvez ele nunca tenha comentado isso com você, nem comigo, nem eu com ele, mas é óbvio, e acho que você percebe, que não sobrou qualquer ressentimento entre eu e ele. Trabalhando juntos, eliminamos qualquer vestígio. Desejo tudo de bom para Reymont.

— Pode dar-lhe uma parte disso, então? O olhar de Lindgren se avivou.

— Que está querendo dizer?

— Ele está cansado. Mais cansado do que você imagina, Ingrid. E mais solitário.

— A natureza dele é assim.

— Talvez. Contudo, sua natureza nada tem a ver com as coisas não humanas que ele teve de ser: um fogo, um chicote, uma arma, um motor. Cheguei a conhecê-lo um pouco. Venho observando-o muito ultimamente, como ele dorme, como são poucas as vezes em que pode dormir. Suas defesas estão esgotadas. Freqüentemente o escuto falar em seus sonhos, que muitas vezes são simplesmente pesadelos.

Lindgren abriu as mãos num gesto de desalento.

— Que podemos fazer por ele?

— Devolver-lhe uma parte da energia que possuía. Você é capaz de fazer isso. — Chi-Yuen ergueu os olhos. — Você sabe, ele a ama.

Lindgren ficou de pé, andou de um lado para o outro no estreito espaço atrás da mesa, bateu com o punho fechado na palma da mão.

— Pensei que ia me falar de deveres profissionais — disse. As palavras foram arrancadas com força da garganta.

— Eu sei...

— Não esmagar um homem, especialmente um homem que precisamos, como Nilsson. E não... ser novamente promíscua. Tenho de ser uma oficial, em tudo que faço. Carl também. Ele também recusaria! — Lindgren concluiu num tom áspero.

Chi-Yuen ficou de pé como Lindgren.

— Hoje à noite você não tem tempo livre? — perguntou.

— Quê? Quê? Não. Impossível, estou lhe dizendo. Oh, tenho tempo sim, mas é impossível do mesmo jeito. Seria melhor você ir embora.

— Venha comigo — Chi-Yuen pegou Lindgren pela mão. — Não é nenhum escândalo você visitar nós dois em nossa cabine.

Lindgren saiu aos tropeções atrás da outra. Subiram uma escada barulhenta até chegar ao pavimento da tripulação. Chi-Yuen abriu a porta, levou Lindgren para dentro, trancou de novo a porta. Ficaram sozinhas entre os ornamentos e lembranças de um país que morrera há milhões de anos atrás. As duas se fitaram. A respiração de Lindgren era profunda, rápida. O vermelho se transformou em branco no seu rosto, uma palidez que descia pela garganta e colo.

— Logo ele deve estar de volta — disse Chi-Yuen. — Não sabe de nada. É meu presente para ele. Uma noite, pelo menos: fazê-lo sentir o que você nunca deixou de sentir por ele.

Chi-Yuen havia separado as camas e agora baixava a parede divisória. Não continha de todo as lágrimas.

Lindgren abraçou-a por um momento, beijou-a. Chi-Yuen encerrou-se do outro lado. Lindgren esperou.

Capítulo 19

— POR FAVOR — implorara Jane Sadler. — Venha ajudá-lo.

— Você não pode? — Reymont perguntou. Ela balançou a cabeça.

— Já tentei, mas acho que ainda piorei mais as coisas. No seu estado atual. E eu sou mulher. — Ela se ruborizou:

— Você percebe?

— Bem, não sou psicólogo — disse Reymont. — Mas vou ver o que posso fazer.

Ele deixou o caramanchão onde ela o surpreendera descansando. As árvores anãs, as videiras com musgo e flores, tornavam o lugar extremamente aprazível. Mas Reymont reparou que eram relativamente poucas as pessoas que o freqüentavam. Será que lhes traria recordações demais?

Sem dúvida, ninguém planejava comemorar o equinócio de outono, que pendia do calendário da nave... Nem qualquer outra data. O festival do Início de Verão fora desencorajadoramente desanimado.

No ginásio, uma partida de andebol a zero de gravidade ricocheteava de um canto a outro. Eram astronautas que jogavam, mostrando antes obstinação que alegria. A maioria dos passageiros raramente ia lá, a não ser para os exercícios compulsórios. Também não estavam mostrando grande interesse pelas refeições, e sem dúvida Carducci não estava numa época das mais inspiradas. Uma ou duas pessoas que passaram, fizeram uma saudação apática para Reymont.

Na extremidade do corredor, a porta de uma sala de passatempos estava aberta. Um torno zumbia, um maçarico ardia com uma luz azulada nas mãos de Kato M'Botu e Yeshu ben-Zvi. Ao que parecia, construíam alguma coisa para o projeto ecológico de Fedoroff e Pereira, recentemente retomado. Por certo, devido à falta de espaço, tinham sido expulsos das instalações regulares do setor de hidropônica nos conveses inferiores.

De fato a retomada do projeto fora uma coisa boa, mas nenhum resultado realmente valioso seria alcançado a curto prazo. Era preciso saber exatamente o que se estava fazendo ao mexer com os sistemas que sustentavam a vida. Até então, e sem dúvida durante um bom tempo ainda, as coisas se mantinham no estágio de pesquisa. A tarefa só seria capaz de atrair a atenção de uns poucos especialistas, até, pelo menos, que entrasse numa etapa de efetiva construção de novo equipamento.

Os aperfeiçoamentos instrumentais feitos por Nilsson haviam sido um excelente motivador de trabalho. Agora estavam se esgotando, a não ser que o astrônomo fosse capaz de

conceber novas invenções. A maior parte do trabalho já se encerrara; a carga fora transferida e o convés Número Dois se convertera num observatório eletrônico, devidamente adaptado e equipado. Os peritos podiam trabalhar devagar c com refinamento; podiam perder-se em estudos fantásticos do universo mais distante. Para a maior parte da equipe, nenhuma tarefa era impossível.

Nada era impossível, a não ser conformar-se com aquela situação.

As pessoas tinham recobrado o ânimo após cada crise, mas cada surto de esperança frustrava-se mais que o anterior, cada vitória sobre a angústia parecia aumentá-la ainda mais. Qualquer um teria esperado uma reação mais viva à mudança do regulamento sobre crianças, por exemplo. Exatamente duas mulheres haviam se candidatado à maternidade e, certamente, seu bom estado de ânimo se conservaria durante alguns meses. As outras continuariam, até certo ponto, desinteressadas.

A nave estremeceu. O peso se apoderou do corpo de Reymont. Ele quase chegou a cair. Um barulho de metal ressoou pelo casco, como o baixo profundo de um gongo. Logo estava acabado. O vôo livre fora retomado. *Leonora Christine* atravessara outra galáxia.

Aquelas travessias estavam se tornando cada vez mais freqüentes. Será que a nave nunca encontraria uma configuração adequada para parar? Será que devia iniciar a desaceleração, nem que fosse apenas para fazer alguma coisa diferente?

Teriam Nilsson, Chidambaran e Foxe-Jameson calculado mal? Estariam começando a percebê-lo? Era por isso que nas últimas semanas vinham trabalhando até tarde no observatório, e pareciam tão preocupados e taciturnos quando saíam para comer ou dormir?

Bem, sem dúvida Lindgren obteria de Nilsson qualquer informação que tivesse sido confirmada, fosse lá qual fosse.

Reymont flutuou pelo poço da escada até o convés da tripulação. Após hesitar diante de sua própria cabine, encontrou a porta que procurava e tocou a campainha. Não obtendo resposta, procurou abri-la. Trancada. A porta vizinha, de Sadler, estava aberta. Ele entrou. A parede divisória fora baixada. Reymont a levantou.

Johann Freiwald flutuava na ponta do cordão de segurança atado à sua cama. Um físico forte curvado na imitação de um feto. Os olhos, porém, mantinham-se bem abertos.

Reymont agarrou um suporte, encarou o olhar do outro e disse num tom estudadamente despreocupado:

— Eu não sabia onde você andava. Então ouvi dizer que não estava se sentindo bem. Posso fazer alguma coisa para ajudá-lo?

Freiwald resmungou.

— Você pode fazer muito por mim — Reymont continuou. — Preciso extremamente de você. Tem sido o meu melhor representante: policial, conselheiro, chefe de equipes de trabalho,

homem de idéias. Tenho observado tudo isso. Não podemos abrir mão de você.

— Terão que abrir mão — Freiwald falou com esforço.

— Por que? Qual é o problema?

— Não posso mais continuar. É simplesmente isso. Não posso.

— Por que não? — Reymont insistiu. — As tarefas que temos não são fisicamente pesadas. De qualquer modo, você é forte. A ausência de peso nunca o preocupou. Você é um cara da era da máquina, um sujeito prático, um espírito forte, vigoroso. Não um daqueles delicados, que precisam ser mimados a cada minuto, porque seus ânimos melindrosos não podem *suportar* uma viagem longa. — Reymont sorriu desdenhosamente: — Ou você é um deles?

Freiwald se mexeu. Seu rosto, com a barba por fazer, ficou ainda mais sombrio.

— Sou um homem — disse. — Não um robô. Finalmente comecei a raciocinar.

— Meu amigo, você acha que teríamos sobrevivido até aqui se os oficiais não começassem a raciocinar desde manhã?

— Não estou me referindo a estas malditas medições, computações, ajustamentos de curso, modificações de equipamento. Isto deve-se apenas ao instinto de permanecer vivo. Uma lagosta tentando pular fora do caldeirão tem a mesma dignidade. Eu me pergunto: por quê? O que estamos realmente fazendo? O que isto significa?

— *Et tu, Brute* — Reymont murmurou. Freiwald virou-se para olhar de frente nos olhos do policial.

— Você que é tão calejado... Sabe em que ano estamos?

— Não. Nem você. A data é muito incerta. E se quer saber que ano seria no sistema solar, isto é pura bobagem.

— Cale a boca! Conheço toda a charlatanice da simultaneidade. Chegamos a mais ou menos cinqüenta bilhões de anos-luz. Estamos circundando toda a curvatura do espaço. Se voltássemos neste instante para o sistema solar, não encontraríamos nada. Nosso sol morreu há muito tempo. Brilhou, inchou até devorar a terra; tornou-se uma coisa instável, derretida, como uma vela no vento; definhou até se transformar numa anã branca, um borralho, uma cinza. E as outras estrelas vizinhas seguiram o mesmo caminho. Nada restou em nossa galáxia além de pálidas anãs vermelhas, se tanto. Tudo mais são escórias, restos. A Via Láctea sumiu. Tudo que conhecemos, tudo que fizemos está morto. Para começar, a própria espécie humana.

— Não necessariamente.

— Então ela se tornou alguma coisa que não saberíamos compreender. Nós somos apenas fantasmas. — Os lábios de Freiwald tremeram. — E continuamos a procurar, procurar, monomaníacos... — De novo a aceleração trovejou pela nave. — Aí está. Você ouviu. — Seus

olhos estavam foscos, como se tivesse medo. — Atravessamos outra galáxia. Outros cem mil anos. Para nós, uma fração de segundo.

— Oh, não é bem assim — disse Reymont. — Nosso *tau* não pode ser assim tão baixo, não é? Provavelmente só batemos num braço da espiral.

— Destruindo quantos mundos? Conheço os números. Não temos tanta massa quanto uma estrela, mas nossa energia... Acredito que possamos perfurar o coração de um sol e não dar conta.

— Talvez.

— Isso é parte do nosso inferno. Que tenhamos de nos tornar uma ameaça para... para...

— Não diga isso — Reymont falou enfaticamente.

— Não pense assim, porque não é verdade. Estamos interagindo com poeira e gás, nada mais. Transitamos por muitas galáxias. Estão relativamente próximas umas das outras em termos de seu próprio tamanho. Os membros de um grupo galático estão separados por cerca de dez diâmetros, muitas vezes menos. Mas estrelas individuais dentro de uma galáxia, isto é uma outra situação, completamente diferente. Seus diâmetros são microscópica fração de um ano-luz. Numa região nuclear, a parte mais povoada, a separação de duas estrelas seria ainda como a separação de dois homens, um em cada ponta de um continente. Um grande continente. Como a Ásia.

Freiwald pareceu distante.

— Não existe mais a Ásia — disse ele. — Nem mais nada.

— Nós existimos — respondeu Reymont. — Nós estamos vivos, somos reais, temos esperança. Que mais você quer? Algum grandioso significado filosófico. Esqueça. Isso é luxo. Nossos descendentes o inventarão, junto a tediosas epopéias sobre nosso heroísmo. Nós temos o sangue, suor e lágrimas — seu sorriso brilhou um instante — em suma, as nada fascinantes excreções corporais. Mas o que haverá de mal nisso? Seu problema é que você acredita que uma combinação de acrofobia, privação sensorial e tensão nervosa seja uma crise metafísica. Quanto a mim, eu não desprezo nosso instinto de lagosta para sobreviver. Fico satisfeito de que o tenhamos.

Freiwald flutuava imóvel.

Reymont aproximou-se dele e apertou-lhe o ombro.

— Não estou subestimando seus problemas — disse.

— É difícil continuar. Nosso pior inimigo é o desespero; e de vez em quando, ele golpeia cada um de nós.

— Não você — disse Freiwald.

— Oh, sim — Reymont admitiu. — Eu também. Mas fico sempre com um pé atrás. Você devia fazer o mesmo. Se parar de se sentir inútil por causa de uma incapacidade que é uma conseqüência temporária, e perfeitamente normal, da exaustão psíquica — como Jane compreende melhor que você, meu rapaz — ora!, a incapacidade irá logo embora por si mesma. Você verá que todos os seus problemas se dissiparão e logo estará pronto para voltar à luta.

— Bem. — Freiwald, que estava tenso enquanto Reymont falava, relaxou um pouco. — Talvez.

— É isso. Pergunte ao médico se não acredita em mim. Se quiser, posso pedir algum estimulante para apressar a sua melhora. O fato é que eu preciso de você, Johann.

Os músculos sob a palma da mão de Reymont relaxaram ainda mais. Ele sorriu.

— No entanto, tenho comigo o único estimulante que me parece adequado.

— Qual? — Freiwald pareceu se animar. Reymont pôs a mão sob a túnica e pegou uma pequena garrafa coin canudos geminados para beber.

— Aqui está — disse ele. — O cargo tem os seus privilégios, Scotch. Artigo legítimo, não aquela bebida de feiticeiras que os escandinavos acham que é uma imitação perfeita. Receito uma boa dose para você e para mim. Gostaria de ter uma conversa descontraída. Já não participo de uma há mais tempo do que sou capaz de lembrar.

Reymont estava ali há uma hora, e a vida já voltava às feições de Freiwald, quando o intercomunicador chamou na voz de Ingrid Lindgren:

— O policial está aí?

— Anh, sim — Freiwald respondeu.

— Sadler me havia dito — explicou a primeira oficial. — Pode vir até a ponte, Carl?

— É urgente? — Reymont perguntou.

— N-n-não. Acho que não é. As últimas observações parecem indicar... novas mudanças evolutivas no espaço. Talvez tenhamos de modificar nosso plano de vôo. Achei que gostaria de discutir o assunto.

— Está bem. — Reymont encolheu os ombros para Freiwald. — Sinto muito.

— Eu também.

Freiwald examinou a garrafa, balançou tristemente a cabeça e devolveu-a.

— Não, você pode muito bem acabá-la — disse Reymont. — Mas não sozinho. Não é bom beber sozinho. Vou chamar Jane.

— Ótimo, ótimo. — Freiwald riu com vontade. — Você é muito gentil!

Ao sair e fechar a porta atrás de si, Reymont se deparou com o longo corredor. Não havia

ninguém à vista. Cansado, ele curvou a cabeça e levou a mão aos olhos, o corpo oscilando. Pouco depois, encheu os pulmões de ar e partiu para a ponte de comando.

Norbert Williams emparelhou com ele na escada.

— Olá! — o químico cumprimentou.

— Parece mais animado que a maioria do pessoal — comentou Reymont.

— Oh, acho que sim. Eu e Emma estivemos conversando... Podemos ter descoberto um novo macete para verificar à distância se um planeta tem nosso tipo de vida ou não. Uma população de tipo plancto, você sabe, deve transmitir certas características de radiação térmica para a superfície dos oceanos; e dado o efeito de Doppler, transformando essas freqüências em alguma coisa que possamos analisar adequadamente...

— Bom. Trabalhem bem nisso. Se quiserem a colaboração de outras pessoas, podem contar comigo.

— Sem dúvida, estávamos pensando nisso.

— E se puder dar um recado... Onde quer que encontre Jane Sadler diga que hoje está dispensada do trabalho. O namorado tem alguma coisa a conversar com ela.

A gargalhada de Williams seguiu Reymont pelo vão da escada.

O convés de comando estava vazio e silencioso. Na ponte, Lindgren observava sozinha o céu. Suas mãos apoiavam-se nos cabos da base do videoscópio. Quando ela se virou, Reymont notou que seu rosto estava inteiramente sem cor.

Ele fechou a porta.

— Que há de errado? — perguntou em voz baixa.

— Você ainda não sabe?

— Não, é claro que não. Alguma ameaça. O que é? Lindgren tentou falar e não conseguiu.

— Será uma reunião com outras pessoas? — Reymont perguntou.

Ela balançou a cabeça. Reymont aproximou-se, firmou-se com uma perna enrolada numa viga de metal e o outro pé apoiado no convés. Recebeu Lindgren nos braços. Ela o apertou com a mesma força com que o abraçara naquela noite roubada.

— Não será uma reunião com outras pessoas — disse Lindgren encostada no peito dele. — Elof e... Auguste Boudreau, eles me contaram. Além deles, só Malcolm e Mohandas sabem. Pediram-me para contar... ao Comandante. Eles não teriam coragem. Não saberiam como falar. E eu também não sei. Como posso dizer isso a alguém? — Suas unhas beliscaram através da túnica. — Carl, o que vamos fazer?

Ele acariciou um pouco o cabelo despenteado. Sentiu-lhe o coração batendo rápido e irregular. Novamente a nave ressoou e tremeu; e de novo outra vez. Os timbres que a cortavam

era nitidamente mais altos que antes. A corrente de ar de um ventilador soprou frio e o metal em volta do aparelho pareceu se contrair.

— Continue — ele disse por fim. — Conte-me ä*lskling*.

— O universo, todo o universo, está morrendo. Ele fez um barulho na garganta. E esperou.

Pouco depois ela conseguiu se afastar suficientemente dele para olhá-lo nos olhos. Narrou com uma voz atropelada, ansiosa:

— Chegamos mais longe do que imaginamos. Em espaço e tempo. Mais de cem bilhões de anos. Os astrônomos começaram a suspeitar disso, quando... eu não sei. Sei apenas o que me contaram. Todos têm ouvido que as galáxias que vemos estão ficando cada vez mais obscuras. Velhas estrelas se extinguindo, nenhuma nova estrela nascendo. Não pensamos que isso fosse nos afetar. Tudo o que buscávamos era um pequeno sol, não muito diferente do nosso Sol. Deviam sobrar muitas estrelas desse tipo. As galáxias têm vidas longas. Mas agora...

— Os homens não tinham certeza — ela continuou. — As observações são difíceis de fazer. Mas eles começaram a desconfiar... que poderíamos ter subestimado a distância percorrida. Checaram com muito cuidado as mudanças de Doppler. Em especial, ultimamente, quando parecíamos atravessar um número cada vez maior de galáxias e o gás entre elas parecia estar ficando mais denso.

— Acharam que o que estavam observando não podia ser plenamente explicado por qualquer *tau* que pudéssemos ter. Tinha de haver outro fator envolvido. As galáxias estão se amontoando. O gás está sendo comprimido. O espaço não está mais se expandindo. Alcançou seu limite e está se contraindo de novo. Elof diz que o colapso do universo vai continuar. Continuar sempre. Até o fim.

— Nós? — ele perguntou.

— Quem pode saber? O que sabemos é que os números mostram que não podemos parar. Ou melhor, poderíamos se quiséssemos. Mas quando chegássemos a parar não teria sobrado nada... a não ser a escuridão, sóis apagados, zero absoluto, morte, morte. Nada.

— Não queremos que isto aconteça — disse ele meio tonto.

— Não, Que queremos nós? — Ela achava estranho que não estivesse chorando. — Eu penso... Carl, não devíamos dizer boa-noite? Todos nós, uns aos outros? Uma última comemoração, com vinho, à luz de velas. Depois ir para nossas cabines. Você e eu íamos para a nossa. Faríamos amor, se conseguíssemos, e diríamos boa-noite. Temos morfina para todos. E oh, Carl, estamos tão cansados. Será tão bom dormir.

Reymont puxou-a novamente para perto dele.

— Já leu *Moby Dick?* — ela murmurou. — Somos nós mesmos. Estivemos perseguindo a baleia branca. Até o fim dos tempos. E agora... essa pergunta: *o que é o homem para sobreviver*

ao seu Deus?

Reymont afastou-a suavemente e foi para o videoscópio. Olhando por ele, observou uma galáxia. Devia estar apenas a uns dez mil parsecs de distância, pois viu-a bem grande e bem nítida entre a escuridão. A forma era caótica. Qualquer estrutura que já houvesse possuído estava agora desintegrada. Era um avermelhado opaco, vago, que se tornava mais carregado nas franjas, adquirindo um aspecto de sangue coagulado.

A galáxia saiu de suas vistas. A nave atravessava uma outra galáxia, que a sacudia como uma tempestade, mas dessa, nada era visível.

Reymont voltou-se para o convés de comando. Dentes brilhavam em seu rosto.

— Não! — disse ele.

Capítulo 20

De CIMA do tablado, Reymont e Lindgren observavam os companheiros de bordo reunidos.

Estavam sentados, presos com segurança a cadeiras com pernas fixadas com grampos no chão do ginásio. A ausência de peso não causava mais transtorno, mas todos estavam ansiosos. Durante a última semana, as coisas tinham se modificado tão rapidamente que aqueles que sabiam o que estava acontecendo não podiam mais adiar uma explicação.

Entre o *tau* que os átomos interestelares tinham agora com relação a *Leonora Christine,* a compressão das extensões em sua própria mensuração por causa do *tau,* e a circunferência decrescente do próprio cosmos, os jatos do motor Bussard impeliam-na, a uma boa fração de uma gravidade, através dos abismos extremos do espaço interclãs. E cada vez mais freqüentemente vinham os arrancos de maior aceleração quando ela atravessava galáxias. Viajavam depressa demais para os campos interiores compensarem. Sentiam alguma coisa como o golpear de ondas; e, cada vez, o ruído que ressoava no casco era mais estridente, mais tempestuoso.

Quatro dúzias de corpos amontoados, num ambiente sem peso, poderia significar ossos quebrados ou coisa pior, Mas duas pessoas, treinadas e alertas, podiam conservar-se de pé com a ajuda de um corrimão. E era necessário que fizessem isso. Naquele momento, as pessoas precisavam ter diante *dos* olhos um homem e uma mulher que se mantinham juntos e de cabeça erguida.

Ingrid Lindgren completou seu relatório.

— ... e é isso o que está acontecendo. Não poderemos parar antes da morte do universo.

O silêncio dentro do qual ela havia falado parecia se aprofundar. Algumas mulheres choravam, alguns homens, diziam pragas ou preces, mas ninguém iniciou um tumulto. Na fileira da frente, o Comandante Telander curvou a cabeça e cobriu o rosto. A nave guinou em outra borrasca. Os sons da travessia palpitaram, gemeram, rangeram.

Os dedos de Lindgren tocaram por um instante nos de Reymont.

— O policial quer falar alguma coisa — disse ela. Ele deu um passo à frente. Vermelhos e fundos, os

olhos de Reymont pareceram contemplar os companheiros com tamanha ferocidade que a própria Chi-Yuen não se atreveu a fazer um gesto. A túnica dele era cinzenta e, ao lado do distintivo, havia uma pistola automática, como símbolo extremo da autoridade. Falou num tom sereno, mas sem nada da compaixão da primeira oficial:

— Sei que pensam que é o fim. Nós tentamos e fracassamos, e vocês deviam ser deixados sozinhos para fazer as pazes consigo mesmos ou com seu Deus. Bem, não digo que não devam fazer isso. Não tenho nenhuma idéia precisa do que vai acontecer conosco. Não acredito que alguém possa prever alguma coisa. A natureza está se tornando estranha demais para que façamos previsões. Honestamente, admito que nossas chances são muito poucas.

— Mas também não acho que sejam igual a zero. Não estou querendo dizer que possamos sobreviver num universo morto, mas não podemos nos limitar ao que é mais óbvio. Mais óbvio é desacelerar até que nossa taxa de tempo se aproxime do tempo exterior, mas insistindo num deslocamento suficientemente rápido para que possamos coletar hidrogênio para combustível. Depois passar a bordo desta nave os anos que sobram em nossos corpos, nunca contemplando a escuridão à nossa volta, nunca pensando no destino da criança que em breve vai nascer.

— Talvez isto seja fisicamente possível, se a termodinâmica de um espaço em colapso não fizer nenhuma brincadeira conosco. Não acredito, porém, que seja psicologicamente possível. Suas expressões mostram que concordam comigo. Correto?

— Que podemos fazer?

— Acho que temos o dever — um dever com a espécie que nos engendrou, com as crianças que nós mesmos ainda podemos trazer ao mundo — um dever de continuar tentando, até o fim.

— Para a maior parte de vocês, isso não exigirá mais que continuar a viver, continuar a se manter são. Estou ciente de que mesmo assim pode ser uma tarefa mais difícil do que qualquer uma já enfrentada pelos seres humanos. A tripulação e os cientistas que têm relevantes especialidades precisam dar prosseguimento ao trabalho da nave e aos preparativos para o que está por vir. Isto será difícil.

— Façam então as pazes. A paz interior. De qualquer modo, foi sempre o único tipo de paz que existiu. A batalha exterior continua. Propomos que travemos esta batalha sem medo do que nos cerca.

Abruptamente, suas palavras se elevaram de tom:

— Proponho que passemos ao próximo ciclo do cosmos.

Isto captou toda a atenção dos ouvintes. Sobre um suspiro coletivo e gritos inarticulados, algumas estridências se destacaram:

— Não! Loucura!

— Não!

— Impossível!

— Blasfêmia!

Reymont pegou sua pistola e atirou. O tiro reduziu-os ao silêncio.

Ele sorriu.

— Pólvora seca — disse. — Melhor que um martelo. Naturalmente, discuti antes com os oficiais e os peritos em astronomia. Os oficiais, pelo menos, concordaram que o jogo vale a pena, nem que seja apenas porque não temos muito a perder. Mas também naturalmente, queremos um acordo geral. Vamos discutir o problema de forma ordenada. Comandante Telander, quer presidir a discussão?

— Não — disse o comandante com voz fraca. — Presida você, por favor.

— Muito bem. Alguém tem alguma observação a fazer?... Ah, provavelmente nosso físico mais velho gostará de começar.

Ben-Zvi falou num tom quase indignado:

— O universo leva de cem a duzentos bilhões de anos para completar sua expansão. Não entrará em colapso em menos tempo. Acredita seriamente que possamos adquirir um *tau* que nos faça sobreviver ao ciclo?

— Acredito seriamente que devemos tentar — Reymont respondeu. A nave tremia e ressoava. — Adquirimos uns tantos por cento agora mesmo, neste grupo galático que atravessamos. Quanto mais densa fica a matéria, mais rapidamente aceleramos. O espaço está sendo contraído numa curva cada vez mais apertada. Não podíamos circunavegar o universo antes, porque ele não duraria o tempo suficiente na forma em que nós o conhecíamos. Mas devemos ser capazes de circundar o universo que se contrai. Essa é a opinião do Professor Chidambaran. Você não gostaria de explicar, Mohandas?

— Se preferir — disse o cosmólogo. — O tempo, assim como o espaço, deve ser levado em conta. As características de todo o continuum mudarão radicalmente. Suposições conservadoras levam-me à conclusão que nosso presente decréscimo exponencial do fator *tau* com respeito ao tempo de bordo deve ele próprio aumentar para uma ordem mais alta. — Chidambaran hesitou. — Numa estimativa grosseira, eu diria que o tempo que experimentaremos sob essas circunstâncias, de agora até o colapso final, será de três meses.

No silêncio que se seguiu a uma outra onda de estupefação, ele continuou:

— No entanto, como disse aos oficiais quando eles me pediram para fazer este cálculo, não vejo como poderemos sobreviver. Nossas presentes observações corroboram provas empíricas que Elof Nilsson encontrou, muitos anos atrás no sistema solar, de que o universo de fato oscila. Ele nascerá de novo. Mas primeiro toda a matéria e energia devem se reunir num bloco monolítico da mais alta densidade e temperatura possíveis. Em nossa velocidade atual, poderíamos atravessar uma estrela e não sermos danificados. Mas dificilmente poderemos atravessar o núcleo primordial. Minha sugestão pessoal é que cultivemos a serenidade.

Chidambaran pousou as mão no colo.

— Não é má idéia — disse Reymont. — Mas não acho que seja a única coisa que

devemos fazer. Devemos continuar voando também. Deixem-me contar-lhes o que eu disse ao grupo original de discussão.

Ninguém objetou.

— O fato é que ninguém sabe com certeza o que vai acontecer. Minha hipótese é que nem tudo vai se comprimir numa única Alguma Coisa ponto zero. É a espécie de supersimplificação que auxilia nossa matemática, mas que nunca conta uma história verdadeira. Penso que o núcleo central de massa há de ter um enorme envoltório de hidrogênio, mesmo antes da explosão. As partes mais superficiais deste envoltório podem não ser demasiado quentes, radiantes ou densas para nós. O espaço será suficientemente pequeno, porém, para que possamos circular sempre em volta do monobloco, como uma espécie de satélite. Quando esse bloco explodir e o espaço começar de novo a se expandir, vamos espiralar para fora. Sei que isto é um modo descuidado de linguagem, mas sugere o que talvez possamos fazer... Norbert?

— Nunca me considerei um homem religioso — disse Williams. — Era estranho e perturbador vê-lo com aquele ar humilde. — Mas isto é demais. Nós somos... bem, que somos nos? Animais. Meu Deus — muito literalmente, meu Deus — não podemos continuar tendo movimentos intestinais regulares enquanto a criação acontece!

A seu lado, Emma Glassgold parecia sobressaltada, depois determinada. Sua mão se levantou. Reymont lhe deu a palavra.

— Falando como crente que sou — ela declarou — devo dizer que isto é um puro absurdo. Sinto muito, Norbert, querido, mas é. Deus nos fez do modo como Ele queria que fôssemos. Não há nada vergonhoso em qualquer parte da obra Dele. Eu gostaria de contemplá-Lo dando forma a novas estrelas, e louvá-Lo, pelo tempo que Ele julgar que eu deva.

— Muito bem! — gritou Ingrid Lindgren.

— Eu podia acrescentar... — disse Reymont — Sou um homem sem poesia na alma, e desconfio que até mesmo sem alma para guardar poesia dentro dela... Podia sugerir que as pessoas olhassem para dentro de si mesmas e se perguntassem que torções psicológicas nos tiram a disposição de viver justamente no momento em que um ciclo começa a se encerrar. Não existe aqui, bem lá no fundo, alguma identificação com... nossos pais, talvez? Não se veria mais os pais na cama, por conseguinte, não se veria mais um novo cosmos se engendrar. Isto não faz sentido. — Ele tomou fôlego. — Não podemos negar que o que está prestes a acontecer é assustador. Mas assim são todas as coisas. Sempre. Nunca achei que as estrelas eram mais misteriosas, ou tinham maior magia, que as flores.

Outros quiseram falar. Por fim todos o fizeram. As palavras viraram e reviraram exaustivamente o problema. Não foi uma coisa sem qualquer finalidade. Precisavam desabafar. Mas no momento em que, finalmente, a reunião pôde ser dada por encerrada, após um voto unânime a favor de ir em frente, Reymont e Lindgren é que estavam à beira de um colapso.

Os dois ficaram por um momento falando baixo, em particular, enquanto as pessoas se

dividiam em grupos e a nave rugia sob o ruído cavernoso de uma travessia. Lindgren pegou ambas as mãos de Reymont e falou:

— Como eu queria ser novamente sua mulher.

— Amanhã? — ele balbuciou cheio de alegria. — Nós, nós teríamos que fazer a mudança de nossas coisas pessoais e explicar aos nossos companheiros... Amanhã, minha Ingrid?

— Não — ela respondeu. — Você não me deixou acabar. Quero isso com todas as minhas forças, mas não posso.

— Por quê? — ele perguntou aflito.

— Não devemos arriscar. O equilíbrio emocional é frágil demais. Uma coisinha de nada pode soltar o inferno dentro de qualquer um de nós. Elof e Ai-Ling iam sentir muito se nós os deixássemos agora, quando a morte está tão próxima.

— Ele e ela podiam... — Reymont falou em meias palavras. — Não. Ele podia. Ela aceitaria. Mas não.

— Você não seria o homem por quem eu ansiei noites a fio acordada, se tivesse coragem de pedir isso a ela, Chi-Yuen nunca o deixou falar sobre aquelas horas que nos concedeu, não foi?

— Foi. Como adivinhou?

— Não adivinhei. Eu a conheço bem. E sei que não fará isso novamente por nós, Carl. Uma vez, tudo bem. Revivemos o mundo que podíamos ter construído juntos. Mas passarmos a nos encontrar regularmente, mesmo às escondidas, é coisa que não podemos fazer. — Lindgren falava com determinação. — Além disso, há Elof. Ele precisa de mim. Ele se culpa por deixar-nos levar a nave tão longe. Acha que foram seus pontos de vista. Como se algum mortal pudesse ter adivinhado! Se soubesse que eu... O desespero, talvez o suicídio de um único indivíduo pode mergulhar toda a. tripulação na histeria.

Ela se recompôs, olhou diretamente nos olhos dele, e falou num tom novamente meigo:

— Depois sim. Quando estivermos a salvo. Aí nunca mais vou deixá-lo.

— Talvez jamais estejamos a salvo — ele protestou. — É o que indicam as probabilidades. Quero tê-la de volta antes de morrer.

— E eu quero você. Mas não podemos. Não devemos. Eles dependem de nós. Inteiramente... Você é o único homem que pode nos conduzir através do que encontrarmos pela frente. Você deu-me coragem suficiente para que agora eu possa ajudá-lo um pouco. No entanto... Carl, nunca foi fácil ser um rei.

Ela deu meia volta e se afastou.

Reymont ficou um momento imóvel, sozinho. Alguém se aproximou do tablado com uma

pergunta. Ele fez sinal para que o deixasse em paz.

— Amanhã — disse.

Saltando do tablado, foi para perto de Chi-Yuen, que o esperava na porta.

— Se morrermos junto com as últimas estrelas — ela falou num tom quase banal — mesmo assim ainda terei recebido mais da vida do que esperava. Pois conheci você, Charles, O que posso fazer por você?

Reymont a fitou. O ressoar selvagem da nave isolava-os do resto das pessoas.

— Venha para a nossa cabine comigo — disse ele.

— Não quer mais nada?

— Não, exceto ficar onde você estiver. — Ele corre os dedos pelos cabelos de Ai-Ling, salpicados de fios grisalhos.

— Não sei fazer frases bonitas — disse embaraçado e confuso. — Também não vivo emoções bonitas. Diga-me, Ai-Ling, é possível amar duas pessoas diferentes ao mesmo tempo?

Ela o abraçou.

— É claro que é, seu tolo.

Sua resposta foi abafada pelo abraço. O tom da voz perdera um pouco a firmeza. Mas ela sorria quando o pegou pelo braço e os dois começaram a deslizar para a cabine.

— Você sabe? — ela acrescentou por fim — eu me pergunto se a maior surpresa desses próximos meses não será a persistência da rotina de todo dia.

Capítulo 21

A FILHA de Margarita nasceu à noite. Não havia nenhum sol visível. A nave atravessava um cosmos tempestuoso. Enquanto o nascimento tinha lugar, o pai chefiava uma equipe de trabalho. Tentavam reforçar o casco e a tarefa exigia força física. O primeiro choro do bebê respondeu ao ruído de mundos que implodiam.

As coisas tinham se aquietado por algum tempo. Os cientistas observaram e fizeram cálculos, até compreenderem alguma coisa sobre as estranhas forças que galopavam através dos anos-luz. Reprogramados, os robôs faziam a espaçonave navegar antes com os ventos e vórtices que contra eles.

Nem todo mundo teria ânimo de participar de uma festa, mas as pessoas que Johann Freiwald e Jane Sadler convidaram estavam animadas. Usando luz baixa, ela transformou uma parte do ginásio numa sala pequena e acolhedora. Isso deu grande destaque aos ornamentos que Sadler tinha pendurado, numa alusão às comemorações do Dia das Bruxas, véspera do Dia de Todos os Santos.

— Tem lógica? — Reymont perguntou quando chegou com Chi-Yuen.

— Segundo o calendário, não estamos longe da data — Sadler respondeu. — Por que não aproveitar a ocasião? Minha opinião é que lanternas com cabeça de abóbora dão um toque colorido de que saberemos tirar proveito.

— Talvez sejam sugestivas demais. Não no sentido de trazer lembranças da Terra, talvez, acho que já estamos superando isso, mas, oh, ham...

— Ah, isso passou pela minha cabeça. Uma nave cheia de feiticeiras, diabos, vampiros, duendes, espectros e assombrações gritando para o céu no Sábado das Bruxas. Bem, e não é mesmo assim? — Sadler se abraçou a Freiwald. Ele deu uma gargalhada e a apertou.

— Sinto-me exatamente como se tivesse um nariz de bruxa — concluiu.

Os outros concordaram. Beberam mais do que estavam acostumados e fizeram uma farra. Por fim, puseram Boris Fedoroff sobre o tablado e o coroaram com uma guirlanda e um colar havaiano, enquanto duas moças prostravam-se aos seus pés para servi-lo. Outras pessoas formaram um círculo, com os braços dados, entoando bem alto uma canção já antiga quando a nave deixou a Terra.

Não faz diferença para onde vou quando morrer.

Não faz diferença para onde vou quando morrer.

Se subo pro Céu ou desço ao Inferno,

Tenho amigos para me dar boas-vindas.

Não faz diferença para onde vou quando morrer.

Michael O'Donnell chegou tarde, após ter acabado seu turno. (Naqueles dias, havia pessoas de alerta em todos os pontos-chaves da nave.) Abriu caminho entre o amontoado de gente.

— Ei, Boris! — chamou.

Seu grito foi abafado pela algazarra.

Oh, de que vale o dinheiro quando a gente morre.

Se São Pedro não cobra entrada

Quando se chega à cancela do céu.

Oh, de que vale o dinheiro quando a gente morre.

Michael foi até o tablado.

— Ei, Boris! Parabéns!

Você terá minha velha bicicleta quando eu morrer.

Você terá...

— Obrigado — respondeu Fedoroff com voz retumbante. Foi principalmente idéia de Margarita. Ela correu na frente de todo mundo, não é?

No quilômetro final

Vá atrás de São Pedro...

— Qual vai ser o nome do bebê? — O'Donnell perguntou.

Vou jogar dados com o velho Pedro quando eu morrer..

— Ainda não resolvemos — disse Fedoroff. Ele brandiu uma garrafa. — Já posso dizer, porém, que não será Eva.

Se eu jogar como tenho jogado aqui...

— Embla? — Ingrid Lindgren sugeriu. — A primeira mulher na história dos Edas.

Posso levá-lo para tomar uma cerveja.

— Esse também não — disse Fedoroff.

Vou jogar dados com o velho Pedro quando eu morrer.

— Nem *Leonora Christine* — o engenheiro continuou. — Ela não vai ser qualquer maldito símbolo. Vai ser ela mesma.

As pessoas que cantavam começaram a dançar em círculo.

Não é certo que a gente tenha um trago quando morrer.
Não é certo que a gente tenha um trago quando morrer.
Vamos então beber até fartar
Esta noite agora, quando estamos juntos.
Não é certo que a gente tenha um trago quando morrer.

Chidambaran e Foxe-Jameson pareciam anões diante das massas compactas da aparelhagem do observatório, desajeitados entre medidores, controles e luzes indicativas piscando, barulhentos e espalhafatosos ante o rumo silencioso que impregnava aquele convés. Os dois se levantaram quando o Comandante Telander entrou.

— Os senhores me pediram para vir aqui? — disse ele, pronto a iniciar a conversa. Suas feições debilitadas estavam muito marcadas. — Que há de novo? Tivemos muita calma no mês passado...

— Ela não vai durar. — Foxe-Jameson falava num tom algo exultante. Elof irá informar Ingrid pessoalmente. Mas preferimos que o senhor viesse aqui. A imagem é ainda muito fraca, pode até mesmo se perder se não a mantivermos rigidamente em foco. Queríamos que o senhor fosse o primeiro a tomar conhecimento.

Foxe-Jameson voltou para a sua cadeira diante de um painel eletrônico. Um monitor no alto mostrava a escuridão. Telander arrastou os pés para observá-lo.

— Que encontraram?

Chidambaran pegou-o pelo cotovelo e apontou para o vídeo:

— Ali. Está vendo?

No limite da percepção luzia uma fagulha extremamente débil, minúscula.

— Evidentemente, está muito longe — disse Foxe-Jameson entre o silêncio. — Precisaremos manter uma considerável distância.

— Que é isso? — Telander perguntou com voz trêmula.

— O germe do monobloco — Chidambaran respondeu. — O novo começo.

Telander ficou muito, muito tempo imóvel, olhando, antes de se ajoelhar. As lágrimas rolavam vagarosamente pelo seu rosto.

— Pai, eu Vos agradeço — disse. Ele se ergueu.

— E agradeço aos senhores, cavalheiros. Aconteça o que acontecer, chegamos até aqui, fizemos muita coisa. Penso que sou novamente capaz de prosseguir... Após o que os senhores acabaram de me mostrar.

Quando por fim saiu para a ponte de comando, Telander caminhava com o passo de um comandante.

Leonora Christine gritava, estremecia, pulava.

O espaço chamejava à sua volta, uma tempestade de fogo, hidrogênio incandescente vindo daquele sol soberbo que estava se formando no centro da existência, que ardia cada vez mais brilhante à medida que as galáxias fluíam para ele. O gás escondia o trabalho central atrás de camadas, línguas e lanças de radiância, aurora, chama, relâmpago. Forças incomensuravelmente vastas rompiam cada vez mais a atmosfera: campos elétricos, magnéticos, gravitacionais, nucleares; ondas de choque rebentando por entre os megaparsecs; marés, correntes e cataratas. Nas fímbrias da criação, através de ciclos de bilhões de anos que passavam como momentos, a nave do homem voava.

Voava.

Nenhuma outra palavra definiria melhor sua marcha. Em termos humanos, ou nos termos

dos cálculos e reações mais velozes das máquinas, podia-se dizer que enfrentava um gigantesco furacão, um furacão como não se vira desde a última vez em que as estrelas se fundiram e se forjaram de novo.

— Ia-a-ah-h-h! — gritou Lenkei, empinando a nave pela depressão de uma onda, cuja crista lançava uma espuma de supernovas. Os homens pálidos a seu lado na ponte de comando fitavam o vídeo que fora construído especialmente para aquele momento. O que nele se movia não era realidade — realidade presente, transcendendo qualquer imaginação ou compreensão — mas um desfile de campos de força. Inflamava, ardia e vomitava grandes faíscas e glóbulos de matéria. Ressoava no metal da nave, nos corpos e crânios.

— Não está agüentando mais — gritou Reymont de sua cadeira. — Barrios!, vá ajudá-lo.

O outro piloto balançou a cabeça, Ainda estava exausto e atordoado por seu turno anterior.

— OK — Reymont se desamarrou. — Eu vou tentar. Já manejei muitos tipos diferentes de embarcações.

Ninguém o ouviu por entre a fúria que se desencadeara, mas todos viram a sua luta no convés que inclinava, rodopiava. Ele ocupou a cadeira de controle auxiliar, no lado oposto de Barrios, e encostou sua boca na orelha de Linkei.

— Coloque-me nos controles.

Lenkei assentiu. As mãos de ambos moveram-se pelo painel.

Precisavam manter *Leonora Christine* bem distante do crescente monobloco, cuja radiação, de outra forma, certamente os mataria; ao mesmo tempo, precisavam se conservar onde o gás fosse tão denso que o *tau* pudesse continuar a decrescer para eles, transformando em horas aqueles gigantescos e finais anos-luz; e precisavam ainda conservar a nave voando com segurança no meio de um caos que, se a atingisse diretamente, iria dilacerá-la em partículas nucleares, Nem computadores, nem instrumentos, nem procedimentos anteriores poderiam ajudá-los. Deviam apoiar-se no instinto e nos reflexos treinados.

Gradualmente Reymont ajustou-se ao padrão de vôo até conseguir pilotar sozinho. Os ritmos do renascimento eram selvagens, mas estavam ali. Diminuir a estibordo... baixar vetor em nove horas... agora *empurrar* este empuxo!... frear um pouco aqui... não deixá-la cair... passe longe daquela nuvem chamejante se puder... O trovão vociferava. O ar estava impregnado de ozônio e frio.

O monitor apagou. Um instante mais tarde, cada painel fluorescente da nave ficou simultaneamente ultravioleta e infravermelho; depois mergulhou na escuridão. Aqueles que, de uma ponta à outra do casco, encontravam-se amarrados pressentiram relâmpagos invisíveis cruzando os corredores. Os que estavam na ponte de comando, na ponte de pilotagem, na sala de máquinas, aqueles que manobravam a nave, sentiram-se mais pesados que planetas; não puderam se mover, nem para brecar um movimento que, porventura, tivessem começado antes a

fazer. Depois sentiram uma tamanha leveza que seus corpos começaram a balançar em todas as direções. E isto foi uma alteração na própria inércia, em cada constante da natureza como espaço-tempo-matéria-energia sendo submetida è sua convulsão final. Por um momento infinitesimal e infinito, homens, mulheres, crianças, nave e morte foram uma coisa só.

Isto passou, tão rapidamente que eles não poderiam dizer se havia realmente acontecido. A luz voltou, bem como a visão do exterior. A tormenta se tornara feroz. Mas agora, através dela, muito distorcidas, parecendo gotas de fogo azuis e brancas que irrompiam em faíscas, que escorriam em duas enormes camadas curvas, agora surgiam diante deles as galáxias nascentes.

O monobloco havia explodido. A criação tinha começado.

Reymont passou para plena desaceleração. *Leonora Christine* começou lentamente a perder velocidade e se precipitou na direção de uma luz renascida.

Capítulo 22

BOUDREAU e Nilsson saudaram-se inclinando a cabeça um para o outro. Deram um sorriso largo.

— Sim, de fato — disse o astrônomo. Reymont rondava irrequieto pelo laboratório.

— Alguma coisa? — insistiu, sacudindo o polegar para um monitor. O espaço enxameava de pequenas e flutuantes incandescências.

— Posso ver por mim mesmo. Os grupos galáticos ainda estão juntos. A maioria deles ainda nada mais é que nebulosa de hidrogênio. E entre eles ainda há uma camada relativamente grossa de átomos de hidrogênio. O que você tem aí?

— Cálculos à base desses dados — disse Boudreau. — Estive consultando os líderes da equipe aqui. Achamos que você deve e precisa ouvir o que descobrimos, para que possa tomar uma decisão.

— Lars Telander é o comandante — observou Reymont num tom formal.

— Sim, sim. Ninguém quer deixá-lo para trás, principalmente agora, quando ele voltou a fazer um soberbo trabalho com a nave. Mas quanto ao pessoal que está a bordo... Bem, aí a coisa muda de figura. Seja realista, Charles. Você sabe o que significa para eles.

Reymont cruzou os braços.

— Bem, continue, então.

Nilsson engrenou num tom de conferência:

— Os detalhes não importam — disse. — O problema que enfrentamos foi descobrir que direções a matéria estava tomando, e o que acontecia com a antimatéria. Como você se lembra, fomos capazes de resolvê-lo observando as trajetórias das massas de plasma através dos campos magnéticos do universo como um todo, enquanto seu raio era pequeno. Assim, os oficiais puderam levar com segurança esta nave para a parte material do espaço.

— No curso desses estudos — Nilsson continuou — coletamos e processamos uma assombrosa soma de dados. E eis o que mais descobrimos... O cosmo é novo e em certos aspectos desordenado. As coisas ainda não se arrumaram. A curta distância de nós, em comparação às distâncias que já atravessamos, existem complexos materiais — galáxias e protogaláxias — com todo o tipo de velocidade que possamos imaginar.

— Podemos tirar proveito deste fato. Isto é, podemos escolher o clã, família, grupo e galáxia individual para onde queremos nos dirigir, escolher um destino onde possamos chegar com zero de velocidade, relativamente a um determinado ponto de sua evolução. Sem dúvida

podemos fazer esta escolha dentro de parâmetros razoavelmente amplos. Mas não podemos chegar a uma galáxia que tenha mais de uns quinze bilhões de anos de idade quando a alcançarmos. Nem podemos chegar a uma galáxia que tenha menos de um bilhão de anos. Mas, fora isso, podemos escolher a que bem entendermos.

— E seja qual for a escolhida, o tempo de bordo máximo exigido para chegar lá, desacelerados, não passará de semanas!

Reymont confirmou seu espanto por uma observação obscena.

— Não está entendendo? — Nilsson continuou — , podemos eleger um alvo cuja velocidade seja quase idêntica à nossa quando rumarmos para lá.

— Oh, sim — Reymont resmungou. — Estou entendendo. Mas não estou acostumado a ver a sorte do nosso lado.

— Nada de sorte — disse Nilsson. — Num universo oscilante, esse desdobramento era inevitável. Pelo menos agora percebemos que era inevitável. Precisamos apenas aproveitar o fato.

— É melhor decidir qual será a nossa meta — Boudreau instou. — Agora. Os idiotas que temos a bordo discutiriam horas a fio se você pusesse a coisa em pauta. E cada hora significa um incontável tempo cósmico perdido, o que reduz as nossas opções. Se disser o que quer, trarei um curso apropriado e a nave pode começar a se dirigir para o alvo escolhido em muito pouco tempo. O comandante acatará sua recomendação. O resto de nosso pessoal aceitará qualquer *fait accompli* que você apresente, e ainda lhe agradecerá. Você sabe disso.

Reymont andou de um lado para o outro. Suas botas estalavam no chão do convés. Ele coçou a testa onde as rugas se aprofundavam e, finalmente, encarou seus interlocutores.

— Queremos mais que uma galáxia — disse. — Queremos um planeta para viver.

— Entendido. — Nilsson concordou. — E posso recomendar um planeta... um sistema... da mesma idade aproximada que a Terra possuía? Digamos, cinco bilhões de anos? Só após um período de tempo mais ou menos como esse, um planeta terá uma razoável probabilidade de possuir o tipo de biosfera a que estávamos acostumados. Creio que conseguiríamos viver num ambiente de tipo mesozóico, mas apenas se não houvesse outra alternativa.

— Acho que tem razão — Reymont balançou a cabeça. — E quanto a metais?

— Ah, sim. Queremos um planeta tão rico em elementos pesados quanto a Terra. Não muito menos rico, ou dificilmente surgiria uma civilização industrial. Não muito mais rico, ou poderíamos encontrar numerosas áreas onde o solo fosse venenoso. Como os elementos mais pesados são formados nas primeiras gerações das estrelas, devemos procurar uma galáxia que, quando lá chegarmos, seja tão velha quanto a Via Láctea.

— Não — disse Reymont. — Mais nova.

— Hein? — Bourdeau piscou.

— É provável que encontremos um planeta como a Terra, também no que diz respeito a metais, numa galáxia jovem — disse Reymont. — Um agrupamento globular, em seus primeiros estágios, deve ter muitas supernovas, que devem enriquecer o meio interestelar local, gerando uma segunda geração de sóis de tipo G, aproximadamente com a mesma composição do nosso Sol. Quando entrarmos em nossa galáxia-alvo, vamos procurar esse tipo de sol.

— Podemos levar anos para alcançar um sol detectado dentro dessa faixa — advertiu Nilsson.

— Bom, então não nos limitaremos a ela — respondeu Reymont. — Podemos nos instalar num planeta menos bem dotado de ferro e urânio que a Terra. Isso não é essencial. Temos tecnologia para fazer ligas leves e utilizar matéria orgânica. Podemos utilizar a fusão do hidrogênio como energia. O importante é que seremos a primeira raça inteligente a viver nesta parte do espaço.

Todos o olharam espantados.

Reymont sorriu de um modo que ainda ninguém vira antes.

— Gostaria que nosso mundo estivesse cercado por um punhado de outros e que nossos descendentes iniciassem a colonização interestelar — disse ele. — Gostaria que fôssemos... oh, os pioneiros. Não imperialistas, isso é ridículo, mas o povo que estava lá desde o começo e sabia que caminhos valia a pena conhecer e descobrir. Não importa que forma física tenham as espécies mais jovens. Que interessa isso? O importante é tornar a galáxia o mais humana possível no mais amplo sentido da palavra "humana". Quem sabe poderemos pensar até mesmo um universo humano? Penso que adquirimos esse direito.

Leonora Christine levou apenas três meses das vidas de seus tripulantes do momento da criação ao momento em que encontrou um planeta.

Em parte, devido à boa sorte, mas em parte, também, devido a uma correta previsão. Os átomos recentemente formados tinham irrompido com velocidades muito variáveis. Assim, no transcurso das eras, constituíram nuvens de hidrogênio que se converteram em individualidades distintas. Inicialmente à deriva no espaço, isoladas umas das outras, essas nuvens acabaram se condensando em subgrupos, que, sob a ação lenta de forças, diferenciaram-se em famílias distintas, depois galáxias individuais e depois sóis individuais.

Inevitavelmente, porém, ocorriam situações excepcionais nos primeiros estágios. As galáxias continuavam próximas umas das outras. Ainda continham grupos anômalos. Assim, elas trocavam matéria. Dentro de uma galáxia podia formar-se uma grande nuvem estelar, que, tendo mais do que a velocidade de escape, poderia, enquanto as estrelas se condensavam, aproximar-se de outra galáxia até ser capturada por ela. Desse modo, a variedade de tipos estelares de uma determinada galáxia não se limitava aos que pudesse ter desenvolvido em seu próprio tempo de

vida.

Numa contagem regressiva para seu destino, Leonora Christine perseguiu um grupo estelar bem desenvolvido, cuja velocidade poderia facilmente igualar. Quando entrou no domínio deste grupo, procurou uma estrela com as características apropriadas em termos de espectro e velocidade. Ninguém ficou surpreso quando constataram que a mais próxima estrela daquele tipo possuía planetas. A nave desacelerou na direção deles.

O procedimento diferiu do esquema original, que fora passar por eles em alta velocidade, fazendo observações enquanto se completava a travessia do sistema. Reymont era responsável pela mudança. Que confiassem ao menos uma vez na sorte, dissera. As possibilidades não eram tão más. As medidas feitas através dos anos-luz com os instrumentos e técnicas desenvolvidos a bordo da nave davam razão para supor que certo acompanhante daquele soí amarelo pudesse oferecer um céu para o homem.

Caso contrário, um ano teria sido perdido, o ano requerido para se reaproximar de c relativamente à galáxia inteira. Mas se realmente havia um planeta semelhante àquele que ainda guardavam na memória, não precisariam de nenhuma outra desaceleração. Dois anos teriam sido ganhos.

O jogo parecia valer a pena. Como havia vinte e cinco casais férteis, dois anos extras significavam mais meia centena de ancestrais para a futura raça.

Leonora Christine encontrou seu mundo, logo na primeira tentativa.

Capítulo 23

SOBRE UMA colina de onde se descortinava um bonito vale, um homem estava ao lado de sua mulher.

Não era uma nova Terra. Teria sido esperar demais. O rio lá embaixo tinha uma coloração dourada e abrigava minúsculas formas de vida. Corria através de prados, cuja frondosa vegetação era azul. As árvores possuíam uma aparência emplumada e faziam sombras também azuladas, sombras que o vento enfeitava depositando vários tipos de flores. E o vento transportava fragrâncias que eram como cheiro de canela, mas também de iodo, cavalos e coisas para as quais os homens não tinham um nome. No lado oposto, erguiam-se encostas áridas, negras e vermelhas, recortadas de penhascos, onde cintilavam as arestas de uma geleira.

O ar, porém, era quente e os homens podiam florescer ali. Enormes, sobre o rio e as cristas das montanhas, elevavam-se nuvens que brilhavam prateadas ao sol.

— Você não deve deixá-la, Carl — disse Ingrid Lindgren. — Ela merece todo o nosso carinho.

— De que está falando? — Reymont replicou. — Não podemos nos deixar uns aos outros. Nenhum de nós. Ai-Ling compreende que você é uma coisa muito especial para mim. Mas ela também é, a seu modo. Todos nós somos muito especiais, todo mundo para todo mundo. Não é verdade? Depois de tudo que passamos juntos?

— Sim. Mas... nunca pensei ouvir essas palavras de você, Carl, querido.

Ele riu.

— O que esperava?

— Oh, não sei. Alguma coisa ríspida e inflexível.

— Esse tempo acabou — disse ele. — Agora estamos juntos num planeta e temos de começar de novo.

— Começar de novo também com outras pessoas? — ela perguntou, um tanto implicante.

— Sim. É claro. Meu Deus, será que isto não foi suficientemente discutido entre nosso grupo? Precisamos guardar do passado o que foi bom e esquecer o que foi mau. Como... bem, toda a questão do ciúme é simplesmente irrelevante. Não existirão novos imigrantes. Teremos de partilhar nossos genes o mais que pudermos. Cinqüenta pessoas para dar novamente origem a toda uma espécie inteligente! Por isso a sua preocupação de que alguém possa ficar magoado, ou excluído, ou qualquer coisa desse tipo... não faz sentido. Com todo o trabalho que temos pela frente, questões pessoais não têm qualquer importância.

Reymont puxou-a para si e a acariciou.

— Não que seja errado dizer ao universo que Ingrid Lindgren é a coisa mais fascinante que há dentro dele — disse atirando-se sob uma alta e velha árvore e puxando-a pela mão. — Venha cá. Eu falei que íamos tirar umas férias.

No alto, com a crosta dura como aço, guinchando e batendo as asas, passou uma daquelas criaturas que chamavam de dragões.

Lindgren ficou ao lado de Reymont, mas parecia hesitante.

— Não sei se devíamos, Carl — disse ela.

— Por que não?

— Há muita coisa a fazer.

— Construção, plantio, tudo está correndo bem. Os cientistas não relataram qualquer ameaça, real ou potencial, contra a qual tenhamos de lutar. Podemos muito bem nos dar ao luxo de vadiar um pouco.

— Tudo bem, mas vamos encarar os fatos, — Ela continuou relutantemente: — Reis não têm férias.

— Sobre o quê você está tagarelando? — Reymont se espreguiçou contra o casco áspero, que exalava um doce perfume. Depois despenteou o cabelo de Ingrid, que brilhava sob o jovem sol. Após o crepúsculo, haveria três luas para brilhar sobre ela e mais estrelas no céu do que os homens tinham conhecido antes.

— Você — disse ela. — Eles esperam que você, o homem que os salvou, o homem que ousou sobreviver, esperam que você...

Reymont a interrompeu fazendo-a sentir prazer.

— Carl! — ela protestou.

— Você se importa?

— Não. É claro que não. Pelo contrário. Mas... eu quero dizer, seu trabalho...

— Meu trabalho — disse ele — é a minha quota do trabalho da comunidade. Nem mais nem menos. Quanto a qualquer outra posição... Havia um provérbio na América que dizia: "Se me indicarem, não vou concorrer; se for eleito, não vou ocupar o cargo."

Ela o olhou com uma espécie de terror:

— Carl! Você não pode estar falando sério!

— Diabo, é claro que estou! — ele respondeu e, por um momento, ficou sério de novo. — Passada a crise, as pessoas podem governar a si mesmas... O que de melhor poderia um rei fazer por elas a não ser tirar a coroa?

Então ele riu, e a fez rir com ele, e os dois foram simplesmente humanos.

*** F I M ***